

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
CURSO DE DANÇA - LICENCIATURA



Trabalho de Conclusão de Curso

**Samba de Gafieira e Suas Variações: um estudo sobre o ensino deste gênero
na cidade de Pelotas/RS.**

Larissa Bassols Brisolara Marques
Professora Orientadora: Flávia Marchi Nascimento

Larissa Bassols Brisolara Marques

**Samba de Gafieira e Suas Variações: um estudo sobre o ensino deste gênero
na cidade de Pelotas/RS.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Dança-
Licenciatura do Centro de Artes da
Universidade Federal de Pelotas / UFPel,
como requisito parcial para à obtenção do
título de Licenciado em Dança.

Orientadora: Me. Flávia Marchi Nascimento

Pelotas, 2018.

Larissa Bassols Brisolara Marques

SAMBA DE GAFIEIRA E SUAS VARIAÇÕES:UM ESTUDO SOBRE O ENSINO
DESTE GÊNERO NA CIDADE DE PELOTAS/RS.

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para a obtenção do grau de Licenciatura em Dança pela Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 01 de março de 2018.

Banca Examinadora:

Prof. Me. Flávia Marchi Nascimento (Orientadora) Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas.

Prof. Dr^a. Eleonora Campos da Motta Santos – Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia.

Prof. Esp. Jaciara Jorge – Especialista em Educação e Estudos Culturais pela Universidade Luterana do Brasil.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Clarice Bassols Brisolara Castro e Rogério de Villela Marques, por todo o carinho, dedicação, compreensão, ajuda e por sempre acreditarem em mim e me apoiarem. E também por toda a contribuição que tive da minha mãe no processo de escrita deste trabalho. Agradeço também a minha avó Carmen Vera Bassols, que sempre esteve ao meu lado me auxiliando, e que, em todos estes anos, tem sido uma base na minha vida e meu porto seguro.

Ao meu avô Oscar Brisolara que, mesmo de longe, sempre me incentivou.

Agradeço também ao meu namorado Lucas Vargas Bozzato por toda a compreensão, paciência, companheirismo, carinho e força em todos os momentos.

A todos os meus familiares e ao meu padrasto Rodrigo Castro Toloza e à namorada do meu Pai Carla Hilian por sempre me apoiarem.

Agradeço também por toda a ajuda e apoio que recebi de minha sogra Carla Vagas Bozzato.

Aos meus amigos, que sempre estiveram presentes e me incentivaram tanto.

A todos professores de dança de salão, pelos ensinamentos.

Aos professores da Universidade.

A todos meus alunos queridos.

Aos professores que aceitaram participar desta pesquisa.

A minha orientadora Flávia Marchi Nascimento pela paciência e incentivo ao longo do processo de elaboração deste trabalho.

E a todos que, de alguma maneira, contribuíram para a elaboração deste trabalho.

Resumo

MARQUES, Larissa Bassols Brisolara. **Samba de Gafieira e Suas Variações**: um estudo sobre o ensino deste gênero na cidade de Pelotas/RS. 2018. 151p. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Artes. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

A razão desta pesquisa se deu na proposta de investigar as variações do Samba de Gafieira existentes na cidade de Pelotas em semelhança às vertentes bases desta dança, que têm origem no Rio de Janeiro. Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo exploratória e descritiva. O instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. Após a coleta de dados, utilizou-se o método comparativo, ficando perceptível que, entre os 10 professores entrevistados, existem muitas variações no modo de dançar e ensinar o Samba de Gafieira. Destaca-se que é de suma importância que os professores conheçam quais referências utilizam no seu trabalho, para que assim saibam explicar melhor o porquê de suas escolhas para o planejamento de suas aulas, sabendo mostrar quais conceitos de cada referência se relacionam ao seu trabalho, de forma a lhes auxiliar no ensino do Samba de Gafieira.

Palavras-chave: Dança de Salão. Samba de Gafieira. Ensino. Vertentes do Samba de Gafieira.

Abstract

MARQUES, Larissa Bassols Brisolara. **Samba de Gafieira and his variations:** A study about the teaching of this genre in Pelotas City/RS, Brazil. 2018. 151p. Course Conclusion Paper – Arts Centre. Federal University of Pelotas, Pelotas, Brazil

The reason for this research is in the proposal of investigating the variations of Samba de Gafieira existing in Pelotas City, in similarity with the basis of this dance, originated in Rio de Janeiro. This is a qualitative approach research, of exploratory and descriptive type. The instrument for data collection was the semi-structured interview. After collecting data, the comparative method was used, being perceptible that, among the ten interviewed teachers, there are many variations in the way of dancing and teaching Samba de Gafieira. It's highlighted that it's of the utmost importance that teachers know which references they use in his work, in order to be able to better explain the reason of their choices for planning their classes, knowing how to show the concepts of each reference related to their work, in order to this assist them in teaching of Samba de Gafieira.

Keywords: Ballroom Dance. Samba de Gafieira. Teaching. Lines of Samba de Gafieira

Lista de Figuras

Figura 1: Carlinhos de Jesus.....	23
Figura 2: Jaime Arôxa.....	24
Figura 3: Jimmy de Oliveira.....	25

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Cidades mais citadas.....	41
Gráfico 2: Profissionais em destaque.....	42

Lista de Quadros

Quadro 1: Organização Samba.....	19
Quadro 2: Organização Samba de Gafieira.....	19
Quadro 3: Professores referência no ensino.....	59
Quadro 4: Professores referência na dança.....	60
Quadro 5: Vertentes que aprendeu e ensina.....	61

Sumário

1	Introdução.....	11
2	Referencial teórico.....	15
2.1	As Danças de Salão no Brasil.....	15
2.2	A origem do Samba de Gafieira.....	19
2.3	Vertentes do Samba de Gafieira.....	21
2.4	Ensino e aprendizado em dança/Dança de Salão.....	26
3	Metodologia.....	33
4	Resultados e Discussões.....	37
4.1	Perfil e Formação.....	37
4.2	Trajetória - Samba de Gafieira.....	43
4.3	Organização das aulas.....	45
4.4	Referencial para as aulas.....	49
4.5	O Samba de Gafieira e suas vertentes.....	50
4.6	Referências de dança e ensino do Samba de Gafieira.....	53
4.7	Abordagens de ensino do Samba de Gafieira.....	54
4.8	Diferentes didáticas do Samba de Gafieira.....	57
4.9	Comparação - modo de dançar e ensinar.....	59
4.10	Vertentes que aprendeu e ensina.....	60
4.11	Outros aspectos mencionados.....	61
	Considerações Finais.....	65
	Referências.....	67
	Anexo.....	70
	Apêndices.....	72
	1- Entrevistas.....	73
	2- Artigo a ser publicado.....	137

1 Introdução

Decidi propor esta pesquisa em meu TCC a partir de vivências na dança de salão, trazendo neste, minha trajetória dentro deste gênero e, mais especificamente, no Samba de Gafieira. Nasci na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, no ano de 1992. Venho de uma família de pessoas envolvidas com as artes em geral, cantores, professores de música, instrumentistas e também muito ligada às tradições gaúchas, portanto comecei no universo da dança através da Dança Tradicionalista Gaúcha. Após pratiquei *jazz*, *ballet* e *street* dance até entrar para faculdade de Dança/Licenciatura da UFPel, no ano de 2014, onde conheci a dança de salão.

Comecei fazendo aulas de dança de salão apenas com a pretensão de conhecer outro gênero de dança, pois até então não sabia qual caminho dentro da área da dança, e gênero, queria seguir e me aprofundar. No meu segundo ano na universidade iniciei monitoria em dança de salão, junto ao professor Luciano Mello Costa, que é formado em Dança/Licenciatura na Universidade Federal de Pelotas e que desenvolve seu trabalho em dita cidade e em outras cidades da região, ministrando aulas de dança de salão e de ritmos. A partir deste momento comecei a desenvolver cada vez mais o interesse pela dança de salão e, principalmente, pelo Samba de Gafieira.

Resolvi, então, que iria direcionar meus estudos e pesquisas a este campo, por causa do meu envolvimento com o aprendizado da técnica do Samba de Gafieira. Assim, ao longo do tempo, através de aulas distintas do gênero, fui percebendo alguns pontos em relação ao modo de dançar e ensinar o Samba de Gafieira que me intrigaram. Então comecei a pesquisar mais sobre este gênero e fui percebendo que existiam vertentes e variações, mas não compreendia como eram classificadas e, por não encontrar informações aprofundadas no assunto é que senti a necessidade de pesquisar as vertentes e variações do Samba de Gafieira.

Então, alguns questionamentos persistiam, tais como: como se dança o samba de gafieira em diferentes regiões, sendo que este tem variações e desdobramentos dentro de uma mesma cidade? E, por que destas variações em diversos lugares do

Brasil? Estas perguntas surgiram após perceber diferenças no ensino e aprendizado do Samba de Gafieira, dentro da cidade de Pelotas. Portanto, primeiramente, o meu foco nesta pesquisa é investigar o “Samba de Gafieira e Suas Variações” e, através desta pesquisa, compreender como se dá esta questão na cidade Pelotas, para saber como estão organizadas as vertentes do Samba de Gafieira, e se existem variações desta em Pelotas.

Em vista disso é que me propus a estudar as vertentes bases do samba de gafieira do Rio de Janeiro, para compreender seus desdobramentos e variações, atentando-me às variações ensinadas na cidade de Pelotas em relação às vertentes estudadas inicialmente. A ideia era compreender como acontecia esse desdobramento, e o que isto acarretava no ensino do Samba de Gafieira em Pelotas.

Em consequência de tudo isto, vislumbrei a seguinte questão para nortear esta pesquisa: **quais são as vertentes e variações do Samba de Gafieira ensinadas na cidade de Pelotas?** Portanto, estudei as vertentes já existentes para, após, através destes dados, fazer um estudo comparativo do que foi encontrado e conseguir organizar as variações de Samba de Gafieira que são ensinadas na cidade de Pelotas, o que poderá favorecer futuras pesquisas de estudiosos do Samba de Gafieira, para maior compreensão do ensino e aprendizado deste gênero.

Contudo, como coloquei anteriormente, minha meta foi compreender as vertentes e variações do Samba de Gafieira existentes, focando na cidade de Pelotas, e esta minha preocupação advém de fatores citados acima, da minha própria experiência lecionando Samba de Gafieira, mas também no relato de outros professores de dança de salão, e autores que descrevem sua preocupação em relação à descaracterização do Samba de Gafieira.

Através de pesquisas sobre a história da dança de salão no Brasil e do Samba de Gafieira é que almejei identificar e organizar as vertentes e variações existentes na cidade de Pelotas, baseadas nas vertentes bases do Samba de Gafieira, originárias do Rio de Janeiro. Tive como foco principal, primeiramente, realizar pesquisa bibliográfica e documental sobre as vertentes do samba de gafieira no Rio de Janeiro, através de pesquisas em livros, entrevistas, textos acadêmicos, artigos e vídeos.

Após, a escrita do referencial teórico, sistematizei as vertentes do Samba de Gafieira; mapeiei as vertentes e variações existentes na cidade de Pelotas; comparei o que foi encontrado no ensino do Samba de Gafieira na cidade de Pelotas com as

vertentes bases desta dança; e, após, organizei e descrevi as variações de Samba de Gafieira ensinadas em dita cidade.

Neste meu trajeto, que ainda é curto dentro deste gênero de dança, consegui perceber vários pontos que me intrigaram a pensar sobre o ensino deste, como já mencionado anteriormente. Como, por exemplo, a percepção da dificuldade em algumas pessoas de dançar o Samba de Gafieira nos diferentes desdobramentos que existem. E essas diferenças de modo de dançar realmente existem, como afirma José (2005):

Neste sentido, entendemos que o samba de salão carioca pode ser compreendido como uma articulação do passado e do presente, tradição e modernidade, não de maneira estática, mas viva, dentro de uma perspectiva dinâmica de atualização da cultura. O samba de salão carioca e a gafieira fazem parte da tradição cultural brasileira, no contexto histórico social mais amplo estando, portanto, sujeito a possíveis e constantes mudanças. (JOSÉ, 2005, p. 20).

Me pareceu fundamental, antes de qualquer coisa, fazer um estudo exploratório para constatar as diferentes vertentes e variações deste gênero e como tais diferenças estão presentes na cidade de Pelotas, para que posteriormente conseguisse apontar o porquê destas diferenciações e, então, compreender as dificuldades no ensino e aprendizado desta dança.

Portanto fez-se importante realizar uma pesquisa e registrar e organizar os modos de dançar este gênero, catalogando os dados, para assim favorecer possíveis pesquisas posteriores e desdobramentos dentro deste assunto, uma forma de mostrar a importância de continuar a propagar esta dança. E José (2005) confirma esta afirmação, dizendo que é preciso cuidar ao transmitir esta dança às novas gerações, para não perder a sua referência e nem a descaracterizar. E também não dar espaço a outras denominações como o samba tanguado.

E após esta introdução, que traz aspectos relacionados a objetivos e justificativa da pesquisa, o trabalho se organiza em capítulos, sendo abordado no primeiro a história das danças de salão no Brasil, que traz aspectos importantes de como começaram estas danças no país, quais suas origens e como se propagaram. No segundo capítulo, a origem do Samba de Gafieira, que aborda toda a relação das danças já existentes no Brasil com outras que vieram de outros países e outras culturas, se fundindo numa única dança. No terceiro capítulo, aparecem as vertentes

do Samba de Gafieira, estas que são organizadas através dos professores que são referência desta dança.

O quarto capítulo trata do ensino e aprendizado em dança/Dança de Salão, como ensinar estas danças, como pensar no aprendizado do aluno. No quinto capítulo é apresentada a metodologia do trabalho, como se organizou a pesquisa, que abordagens e métodos foram utilizados, e como se coletou os dados. No sexto capítulo, os resultados e discussões, foram organizados subcapítulos, relacionados a tópicos da entrevista, e que foram relacionadas entre si, através das respostas dos professores entrevistados, chegando-se a um resultado. E, por fim, as considerações finais, tendo como foco refletir sobre toda a pesquisa e seus resultados, para se chegar a uma conclusão dos fatos analisados.

2 Referencial Teórico

2.1 As danças de salão no Brasil

Antes de pensarmos em Samba de Gafieira, é imprescindível explicar a origem das Danças de Salão no Brasil. Afinal, este é um país que foi colonizado por diversos povos e, portanto, tem muitas influências, não só no modo de viver. No cotidiano e na cultura, mas também nas danças e músicas. Porém há um fato importantíssimo relatado pela autora Silva (2012):

A escrita da Dança no Brasil parece ter ficado no esquecimento histórico. Pouco de sua trajetória foi escrita, principalmente devido ao desinteresse dos poderes públicos em relação à memória e dos pesquisadores em relação à pesquisa nesta área. A História da Dança brasileira parece estar escrita no seu próprio “recurso” de expressividade, o corpo brasileiro. Talvez através destes corpos dançantes as histórias das danças desenvolvidas neste imenso país possam ser (re) construídas. (SILVA, 2012, p. 23).

Porém José (2005), já tendo a preocupação de compreender como as danças populares brasileiras surgiram, começa a juntar diversos aspectos da história da colonização do Brasil, para então entender como as nossas danças teriam começado, e afirma que a valsa¹ e a polca² foram as primeiras danças vindas da nobreza europeia, e isto aconteceu devido à junção da cultura brasileira e europeia, culminando na aculturação.

Outro trabalho que nos fornece dados sobre a origem da dança de salão no Brasil e do Samba de Gafieira, é Costa (2013), que cita como precursores da dança de Salão no Brasil: Maria Antonieta, que na década de 1970 resgatou a dança de salão; Jaime Arôxa e Carlinhos de Jesus, que contribuíram na criação dos passos do Samba de Gafieira; e Mário Jorge, que criou a maior parte dos passos desta dança.

¹ Segundo Perna (2005) a Valsa é uma dança proeminente dos povos germânicos (Áustria e Alemanha).

² Perna (2005) nos situa que a Polca é uma dança Europeia que surgiu em 1830.

E o autor também afirma que as primeiras professoras de dança de salão no Brasil foram Maria Antonieta e Madame Leitão. Esta última ministrou aulas para Jaime Arôxa, e foi ele quem estruturou uma pedagogia de ensino nas danças de salão. Costa (2013) nos deixa cientes de que Arôxa era professor particular de grupos, e que, ao lecionar para 40 alunos, percebeu que a metodologia precisava ser modificada, pensando então em novas estratégias de ensino.

Por conseguinte, Costa (2013) nos traz a informação de que outro personagem importante para a dança de salão no Brasil é Calinhos de Jesus, que nasceu no subúrbio do Rio de Janeiro, e que foi parceiro de Maria Antonieta. Ele ajudou a difundir este gênero de dança no país e no exterior, sendo atualmente diretor da Casa da Dança Carlinhos de Jesus, no Rio de Janeiro.

Um aspecto importante a ser ressaltado aqui é como se deu o surgimento do Samba, antes de se desdobrar em diversas vertentes, para após então aprofundar nos conceitos e significados do Samba de Gafieira. As danças, de modo geral, sempre permearam a humanidade, desde os primórdios, com diversas atribuições. Algumas vezes com caráter festivo, outras para agradecer ou para pedir algo aos deuses, para celebrar, ou em momentos fúnebres. Segundo José (2005), o samba, por sua vez, surgiu no século XVII com o intuito de festejar, comemorar acontecimentos em grupos restritos de negros e mestiços, e diz que existem duas fontes de onde possa ter nascido, no Rio de Janeiro ou na Bahia.

Além disto, com o passar do tempo foram surgindo desdobramentos do Samba, as Vertentes, como coloca José (2005, p. 114): “Pesquisando as várias danças do samba carioca, encontramos algumas vertentes tais como o samba de roda, o samba no pé e o samba de salão.” A autora ainda descreve cada uma destas três vertentes, explicando que o samba de roda é originário dos batuques, com músicas e danças de origem africana, e que é executado através de quatro passos básicos: o corta-jaca, o separa-o-visgo, o apanha-o-bago e o miudinho. E o samba no pé é uma dança onde não existe contato dos corpos, sendo uma dança ágil e fascinante.

José (2005) apenas descreve estes dois primeiros sambas, estas duas vertentes citadas acima e, após, aprofunda-se no samba de salão carioca, que era descendente dos batuques, do lundu e do maxixe, que resultavam em uma mistura de danças africanas e europeias.

Todo este contexto trazido pela autora acima citada nos dá margem para melhor compreensão deste momento histórico da dança de salão no Brasil e do samba no Rio de Janeiro, para que se possa entender melhor como este samba primitivo foi se desdobrando em três linhas, o samba de roda, o samba no pé e o samba de salão. E José (2005) nos situa explicando o samba de salão:

Acreditamos que esta modalidade de samba surgiu nos salões das gafieiras da cidade do Rio de Janeiro, criado pela população negra urbana carioca, por muitos anos discriminados e perseguidos pelas classes dominantes. Esta dança surgiu como necessidade de expressão e recreação social e era ocultada pela sociedade branca por ser uma dança praticada pelas camadas menos privilegiadas da população carioca. (JOSÉ, 2005, p. 115).

Portanto, o que neste trabalho pesquisei as diversas maneiras de dançar o samba de salão, ou seja, o Samba de Gafieira, esta dança de pares, onde é importantíssima a percepção de ritmo, como coloca Costa (2013, p. 43): “(...) A Dança de Salão surge do improviso, ouvir e “sentir” a música para dançar é fundamental.” E, além do que, é necessário saber a técnica desta dança, para que se consiga improvisar, esta que tem suas próprias marcações na música, como nos conta José (2005):

Nos anos de 1940, surgiu a música denominada de “samba de gafieira”, uma modalidade de ritmo binário e sincopado⁴⁴, consistindo de dois tempos, um forte e um fraco, onde marcamos duas vezes no tempo forte e uma no fraco. (JOSÉ, 2005, p. 112).

Portanto, como colocado por José (2005), o samba dançado nos salões cariocas tem figuras semelhantes ao tango argentino, indicando que a dança do samba de salão contemporâneo sofreu algumas influências, incorporando passos do tango argentino, podendo se dizer que o samba de hoje é mais tanguado ou tangado. E que além da inserção destes passos, existem também variações na coreografia, que advém de Jimmy de Oliveira, professor/dançarino e coreógrafo.

Um autor que tem muitas pesquisas sobre as danças de salão no Brasil e o samba de gafieira é Perna (2005), que nos traz mais visivelmente o que foi colocado acima, reafirmando às modificações neste gênero, misturado aos passos do Tango Argentino. Ele nos afirma que o Samba de Gafieira, além de importar alguns movimentos do tango argentino, também incorporou passos acrobáticos, oriundos do rock.

E José (2005), discorre sobre as transformações do Samba de Gafieira, e traz mais detalhes sobre estas mudanças visíveis dentro deste gênero de dança, nos esclarecendo que de 1980 até os dias de hoje, o samba de salão carioca vem sofrendo influências e mudanças, tendo significativas transformações e inovações em relação à configuração coreográfica.

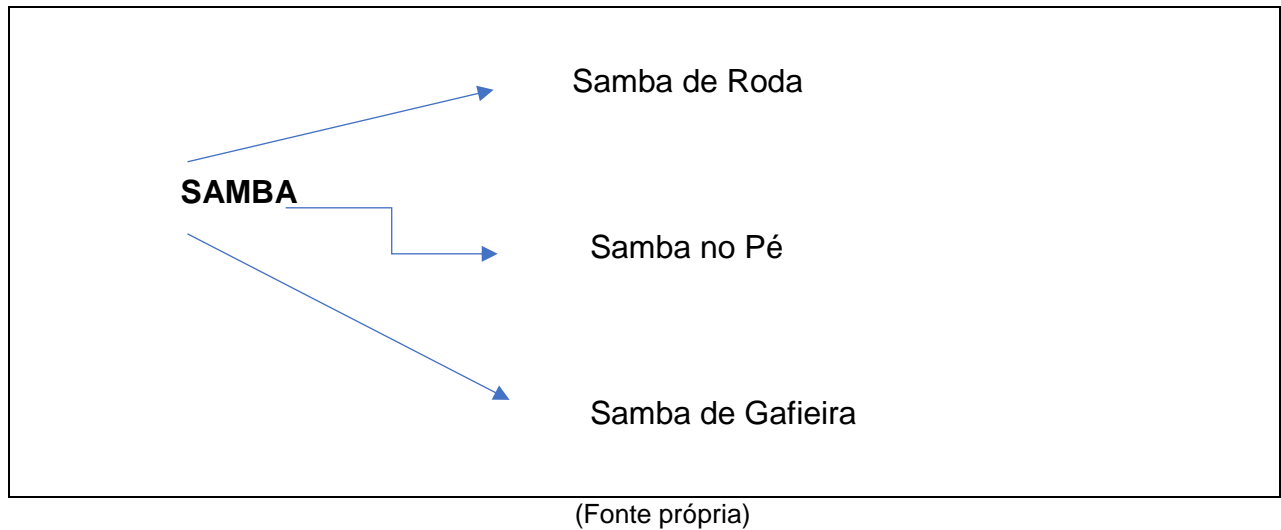
Além do mais, temos como perceber através destes autores, que as danças de salão brasileiras têm muitas influências e o Samba de Gafieira, por sua vez, também tem, como as danças de Matriz Europeia e Africana, além de toda nossa cultura brasileira, já existente, advinda dos índios que já habitavam esta terra, como informa José (2005):

Consideramos o samba de salão carioca como um produto híbrido de matrizes estéticas e culturais africanas e européias. Acreditamos que esta dança vem sofrendo diversas modificações, embora em alguns aspectos mantenha seus princípios. (JOSÉ, 2005, p. 128).

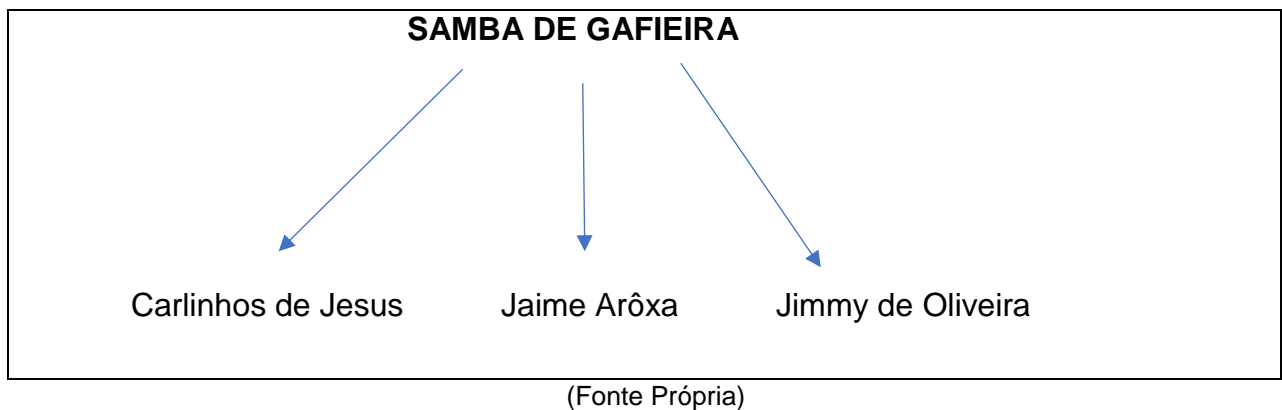
Então, após todas estas pesquisas citadas acima, pode-se perceber que o samba deu origem a três vertentes: o samba de roda, o samba no pé e o samba de salão. E o samba de salão³, conhecido como Samba de Gafieira, também se desdobrou em três vertentes, com técnicas originadas a partir da mesma base, porém diferentes, que seriam as dos professores: **Carlinhos de Jesus, Jaime Arôxa e Jimmy de Oliveira**.

Para melhor compreensão de como o samba e o Samba de Gafieira estão organizados, foi elaborado este esquema, a partir das referências dos autores citados neste capítulo. E José (2005, p. 114) explica estas três divisões do Samba: “Consideramos que tanto a dança do samba de roda, o samba no pé, quanto o samba de salão são danças populares que no transcorrer do tempo construíram a linguagem de corpo e do espírito carioca na miscigenada cidade do Rio de Janeiro.”

³ Conforme José (2005, p. 10): “O objeto de estudo desta dissertação é o samba de salão brasileiro, matriz carioca, popularmente denominado de Samba de Gafieira, predominante na cidade do Rio de Janeiro, que constitui referência atual das danças de salão no Brasil.”



E conforme Perna (2005) o Samba de Gafieira está organizado nestas três vertentes, baseadas nos professores referenciados desta dança:



2.2 A Origem do Samba de Gafieira

E para melhor compreensão do que falo neste trabalho, vou trazer aqui um pouco sobre a história do Samba de Gafieira e como se dissipou pelo país. Segundo José (2005), na historiografia da música popular brasileira, no fim do século XIX, é que se formaram duas vertentes de samba, a primeira que tinha influência do maxixe, é desta que surgiu o samba dançado a dois, samba de gafieira, onde tinha grandes nomes como Donga e Pixinguinha. E a segunda vertente subiu o morro, por causa dos problemas socioeconômicos da época e que deu origem às escolas de samba, com o samba no pé, e tem como base a percussão e origem no batuque africano.

E Perna (2005) também nos menciona que o Samba de Gafieira de hoje foi muito modificado, utilizando características do tango. O autor coloca também os três estilos de samba de gafieira: samba rasgado (rápido); samba lento sem ginga com técnica apurada; samba com ginga sem técnica apurada. Explica que o primeiro é melhor dançado pelas academias de samba rápido; o segundo qualquer pessoa poderia aprender; e, o terceiro, tem que ter samba no sangue para aprendê-lo e ficar mais bonito.

Partindo do que os autores acima colocam, percebe-se que o Samba de Gafieira tem uma história cultural e social, e uma mistura de referências que foram utilizadas na sua base, e depois readaptadas, utilizando-se de outras danças como o tango, maxixe, lundu e batuque. Esta dança que então surgiu nas gafieiras, tem seu modo de ser dançada na música, e é um samba para ser dançado no salão, em pares.

A partir da percepção descrita acima, ao dar continuidade aos estudos para melhor elaboração deste projeto, e estudar mais a fundo o samba de gafieira em sua origem, percebo que, embora esta seja uma dança de origem brasileira, mais precisamente do Rio de Janeiro, têm muitas influências.

O que me intriga, e me motiva a fazer esta pesquisa, é que através de minha vivência aprendendo e ensinando Samba de Gafieira, há mais ou menos 2 anos, na cidade de Pelotas, percebo que este gênero de dança, talvez por ter tantas influências na sua origem, tantos modos de dançar, e de ser trabalhado, acaba tendo certas dificuldades no momento de ensino dos passos e modo de dançar. Isto se dá por haver diversas metodologias de ensino, e que são utilizadas ou não, a critério de cada professor, podendo deixar dúvidas no que diz respeito a melhor maneira de ensino e aprendizado deste gênero de dança.

Trago esta questão, pois há quase dois anos tenho estudado o samba de gafieira e o experimentado em meu corpo. Durante aulas e *workshops* que participei com diferentes professores, percebi uma pequena dificuldade destes em como trabalhar alguns detalhes da dança, quando os alunos já tinham alguma base desta, baseada em outra variação, o que a meu ver parece ter relação com o professor de dança e em que dançarino este se inspira, o que acaba diferenciando alguns passos ou maneiras de dançar. Assunto este que parece ser até uma pequena brincadeira ou rixa, de quem dança como tal dançarino, e qual modo é o melhor a ser ensinado e dançado. Ou até mesmo pode ter relação com a falta de conhecimento de alguns professores, sobre as vertentes do samba de gafieira.

2.3 Vertentes do Samba de Gafieira

Alguns profissionais foram de suma importância para a criação e disseminação desta dança, como Carlinhos de Jesus e Jaime Arôxa, que como nos conta Perna (2005), começaram nas danças de salão através da lambada, na década de 1980, ritmo que virou febre na época, tendo repercussão internacional. E que, em 1982, surgiu na Lapa o Circo Voador, que promovia a Domingueira Voadora, que foi referência em dança de salão.

Portanto, vários aspectos e acontecimentos tiveram grande impacto na cultura até a criação do Samba de Gafieira. E nisto alguns profissionais se destacaram na época, como afirma Perna (2005), citando Carlinhos de Jesus, que protagonizou dois longas-metragens de lambada, momento em que ficou conhecido no meio das danças de salão e, desde a década de 1980, se tornou figura pública, chamando a atenção do público para a dança de salão, sendo o pioneiro da dança de salão carioca.

Além disso, o autor nos revela que Jaime Arôxa lançou um vídeo didático em 1996 que foi produzido na Alemanha, dando visibilidade a seu trabalho, sendo visto como referencial de dança de salão desde 1990. E fala sobre outra figura também importante, que foi Jimmy de Oliveira, que em 1990 foi responsável pela divulgação do Samba de Gafieira. Perna (2005, p. 104) discorre “Graças ao Carlinhos e ao Jaime as danças de salão do Rio tiveram repercussão Nacional”. Pode-se, então, perceber, que existe uma relação entre três figuras, que ajudaram a disseminar as danças de salão, e o Samba de Gafieira, dentro e fora do Brasil.

Porém, o único autor que descreve estes três profissionais, em um único capítulo, mostrando a importância destes para o Samba de Gafieira, tendo-os como principais “vertentes” e bases do Samba de Gafieira, é Perna (2005). Claro que o autor não deixou de mencionar Maria Antonieta, que recebeu grande destaque em seu livro, e que, devido a sua grande importância na dança de salão, recebeu, em 1985, título de cidadã carioca e, em 1991, a medalha do mérito artístico de dança do Conselho Brasileiro da Dança.

Contudo, embora só Perna tenha demonstrado essa preocupação em organizar estas três grandes referências em Samba de Gafieira no Brasil, diversos

outros autores mencionam sobre a importância do trabalho destes profissionais para a dança de salão no Brasil. José (2005, p. 122) nos conta sobre como se deu a inserção de passos do tango no Samba de Gafieira, já mencionando Jaime Arôxa: “É o próprio Jaime Arôxa, ao fazer referência à inserção de passos de tango na dança do samba de salão carioca, que esclarece o fato de existir uma despreocupação das pessoas no que diz respeito à descaracterização da dança”.

A autora também menciona Jimmy de Oliveira, dizendo que ele trouxe variações no samba de salão carioca e mostrando que isto trouxe diversas inovações no modo de dançar o Samba de Gafieira:

Consideramos o professor e dançarino Jimmy de Oliveira um profissional que muito contribuiu com suas inovações de passos do samba, mudando a estética da dança, dando uma nova roupagem, uma nova cara para o samba de salão carioca, influenciando os seus alunos com a sua dança criativa. A partir das suas inovações o samba ficou um pouco mais rápido, com balanços laterais da coluna vertebral, mais contratempos executados com as pernas e pés. (JOSÉ 2005, p. 123).

Por fim, José (2005) faz uma pequena citação sobre Carlinhos de Jesus, colocando que, na sua pesquisa, não conseguiu fazer contato com o dançarino, porém que reconhece a importância deste na divulgação das danças de salão carioca, no Brasil e internacionalmente.

Outro indivíduo que em suas pesquisas também ressalta a importância de Maria Antonieta é Costa (2013), que nos relata que ela foi responsável por resgatar a dança de salão na década de 70. Além disso, frisa também estes referenciais do Samba de Gafieira:

Personagens importantes da dança de salão no Brasil como, Jaime Arôxa e Carlinhos de Jesus tiveram sua contribuição na criação dos passos de samba de gafieira, porém, antes deles, o dançarino Mario Jorge criou a maioria dos passos (...) utilizados neste gênero de dança, são eles: cadeirinha²², balão²³, puladinho²⁴, balão apagado²⁵, pica-pau²⁶, pião²⁷ e cruzado²⁸. (COSTA 2013, p. 22 e 23).

Percebe-se a preocupação do autor em colocar os referenciais do Samba de Gafieira nos dias atuais, porém sem excluir aqueles que tiveram grande importância na sua criação e disseminação pelo Brasil e pelo mundo. Trazendo também a informação de outra figura da dança de salão no país, Madame Leitão, que foi a primeira professora de dança de salão do Brasil.

Contudo, foi difícil achar autores que classificassem Jaime Arôxa, Carlinhos de Jesus e Jimmy de Oliveira, estas três figuras do samba de gafieira, como vertentes bases desta dança. O que se pode perceber é que, no discurso de todos sempre estes estavam presentes, mostrando o que cada um teve de importante na construção e evolução desta dança. E que, embora só Perna (2005) classifique estes três nomes, eles tiveram e têm uma grande relevância para esta dança e estão sempre sendo citados por diversos autores como referências na dança de salão e no Samba de Gafieira.

Mas quem são estas três referências do Samba de Gafieira que tem tanta importância na história da dança de salão no Brasil?

Figura 1: Carlinhos de Jesus



Fonte: <http://carlinhosdejesus.com.br/carlinhos.php>

Como referido em seu site profissional, Carlinhos de Jesus se dedica à dança de salão há mais de 30 anos. Foi de suma importância na valorização, respeito e profissionalização deste gênero no país, sendo um símbolo do Rio de Janeiro, virando biografia no livro “Vem dançar comigo”.

Morador de Copacabana, sua rotina de trabalho segue o compasso do dois pra lá, dois pra cá em ritmo acelerado. Já foi inúmeras vezes convidado a representar o país no exterior. E o amor pela dança também vem de longe: começou aos 4 anos de idade. Formado em Pedagogia, preferiu a arte para vencer na vida e com toda a certeza não se arrependeu. Ele recebe de braços abertos novos e atuais alunos na sua Casa de Dança Carlinhos de Jesus no Rio de Janeiro em Botafogo, na Rua Álvaro Ramos, 11 e em São Paulo – SP, na Av. Luiz Dumont Villares 1945 – Santana.
(<http://www.carlinhosdejesus.com.br/>)

Grande referência como bailarino e professor, tendo formado diversos profissionais conhecidos como: Sheila Aquino e Marcelo Chocolate. É uma pessoa que vive para a dança, e que fez com que toda a nossa cultura continuasse viva por tanto tempo através do Samba de Gafieira.

Figura 2: Jaime Arôxa



Fonte: <http://jaimearoxaipanema.com.br/site/>

Outro grande nome da dança de salão brasileira, que teve grande importância também para o Samba de Gafieira, é Jaime Arôxa, pernambucano, que criou um método ensinando a dança de salão de forma simples, clara e lúdica, e que é titular de academias de dança, como colocado na sua homepage, no seu site, local onde constam diversas informações sobre sua escola de dança, seu trabalho e um pouco sobre quem ele é, como descrito abaixo:

Mais de 40 mil pessoas já aprenderam a dançar com o mestre Jaime Arôxa. Muitos se formaram com seu método e seguiram profissionalmente em carreiras bem sucedidas. Além de professor e dançarino, Jaime Arôxa também atua como coreógrafo nas mais diversas áreas, como teatro, cinema, televisão, comissões de frente, ultrapassando assim os limites da dança dentro do salão. (<http://jaimearoxaipanema.com.br/site/>)

Jaime, como citado acima, é grande referência na dança de salão pelo seu modo de dançar, mas principalmente pelas suas metodologias de ensino e abordagens desta dança, participando como jurado técnico do programa “Dancing Brasil” da Record TV.

Figura 3: Jimmy de Oliveira



Fonte: <http://www.jimmydeoliveiravilavelha.com/jimmy-de-oliveira.html>

Jimmy, que também tem uma grande contribuição nas danças de salão e no Samba de Gafieira, como descrito em seu site, e tendo sua própria academia, ultrapassou as fronteiras do samba tradicional, criando um novo estilo que hoje é conhecido em todo país, o samba funkeado, como mencionado em sua página: “Entretanto, a menina dos olhos do artista é o samba funkeado (Samba Funk ou Samba Jimmy), criado por ele em 1998, uma espécie de samba mais atual, que explora, com bastante intensidade, os movimentos corporais”.

Quem trouxe outra perspectiva do samba, foi Jimmy, mantendo sua base de movimentações, mas dançando de formas diferentes e em outros gêneros de música.

Trazendo uma nova ideia para dentro de uma dança tradicional, conseguindo atingir outros públicos e com uma visão mais contemporânea de dança de salão.

2.4 Ensino e aprendizado em dança/Dança de Salão

Inicialmente é preciso refletir sobre o que é o ensino em dança, o que é preciso para dar uma aula, quais qualificações o professor tem que ter e os conteúdos a serem trabalhados com os alunos. É importante ressaltar que muitas vezes a sociedade tem um pensamento de senso comum sobre a dança e seu ensino, com isto criando certa barreira para aqueles que se interessam no assunto, como se qualquer pessoa pudesse ensinar dança e não fosse necessário se especializar em nenhum gênero.

Gualda e Sadalla (2008) nos confirmam falando sobre esta ideia das pessoas que não acreditam ser capazes de dançar e ter conhecimento em dança, o que acaba afastando os alunos. E muitos pensam que, por não se ter uma técnica de dança, não é capaz de dançar, e isto se dá ao pouco acesso à cultura no Brasil. O jeito de reverter isso é a valorização de atividades artísticas e especificamente da dança na escola.

Para mudar esta realidade, é preciso trazer a dança para a vida das pessoas nas escolas, nos projetos, para que tenham contato com a dança, prestigiem, dancem, e com isso possam ter mais contato com a nossa cultura. Mas para se ter essa valorização das artes ainda levará muito tempo, pois é um caminho difícil, porque o que precisamos e temos para conseguir cumprir com isto, não condiz, porque não existe uma estrutura nas escolas para a dança e há pouco incentivo do governo para manter as artes no ambiente escolar, embora estejam previstas as artes e a dança no currículo escolar, assim como colocam Gualda e Sadalla:

(...) Além disso, o documento de arte dos PCN indica que o ensino de artes deve variar suas linguagens artísticas e abarcar dança, música, artes cênicas e artes visuais, propiciando ao aluno vivenciar e aprofundar seu conhecimento em diferentes formas artísticas. (Gualda e Sadalla, p. 210).

Mesmo esta realidade estando em transformação aos poucos na escola, com o documento de Artes dos PCN, nem todas as escolas estão adaptadas a esta nova

realidade. Não há espaços apropriados para a prática e, muitas vezes, não têm professores licenciados para trabalhar a dança com os alunos. Por outro lado, Gualda e Sadalla (2008, p. 215) dizem “(...) Mas o que muitos pesquisadores têm constatado é que os professores de dança não estão preparados para atuar em outro contexto que não seja o de academia (...)”.

Isto se deve ao ensino que estes professores de dança têm. Como existem poucos cursos superiores de dança no Brasil, aos poucos está crescendo a demanda de profissionais licenciados. Porém, a maioria dos professores de dança que encontramos no mercado são bailarinos, que através de sua vivência passaram a ensinar. Não que seja errado, porém, as questões pedagógicas nem sempre são pensadas, muitas vezes eles não têm ou não se interessam por esse tipo de conhecimento e acabam apenas reproduzindo movimentos. Por isso é necessário que o professor saiba o que está ensinando, para não cair na lógica do “movimento pelo movimento”.

Silva e Schwartz (2000/1) discorrem sobre o assunto dizendo que o conhecimento do conteúdo pedagógico poderá explicar a execução de movimentos de maneiras particulares, além de executar habilidades, e mostrar como outros aspectos do conteúdo de dança se relacionam com algumas tarefas específicas. E como afirmam essas autoras (2000/1, p. 45): “O ensino da dança está baseado na compreensão e prática dos princípios do movimento que incluem, entre outros, as técnicas e as habilidades motoras.”

Isto tudo é importante por estarmos falando não apenas de movimento, mas também de arte, e esta não pode ser simplesmente mensurada. O dançarino tem que dançar porque é algo que está querendo expressar, está sentindo que tem um motivo de ser dançado. Não que este não possa treinar a técnica, porém esta é feita para ser utilizada como ferramenta, para depois de compreendida servir em prol de algum objetivo. Como confirmam Gualda e Sadalla (2008, p. 218): “O professor deve estar atento às desvantagens consequentes de um ensino exclusivamente técnico, para que o ensino de dança não perca o seu objetivo principal que é a expressividade”.

Alguns fatores são de grande importância no ensino da dança, para trabalhar as habilidades de cada aluno e não reprimi-lo, fazendo com que melhore em diversos aspectos e se perceba melhor quanto corpo e quanto dançarino. Silva e Schwartz (2000/1) alegam que no processo de ensino e aprendizagem é necessária a consciência corporal e o condicionamento físico do bailarino, para saber utilizar as

estruturas de movimentos, além de conhecer suas habilidades e possibilidades corporais. E completam dizendo:

Como conteúdos específicos da dança o mesmo autor sugere especial atenção aos aspectos e estruturas do aprendizado do movimento; às disciplinas que contextualizam a dança, bem como, às possibilidades de vivenciar a dança em si (repertórios, improvisação e composição coreográfica). (SILVA e SCHWARTZ, 2000/1. P. 49).

Portanto, existem diversas funções e especificidades referentes ao ensino da dança que precisam ser sempre pesquisadas pelo professor, para que os alunos tenham progresso ao longo das aulas e, com isto, se sintam mais confiantes e queiram continuar a estudar e a pesquisar sobre esta arte. E um aspecto importantíssimo é a aprendizagem motora, na qual é fundamental a persistência, pois esta depende do tempo de prática na dança. Afonso (2009, p. 8) garante que esta aprendizagem está diretamente relacionada à investigação de alterações resultantes da prática e execução de um movimento. E a autora ainda diz que: “A partir das experiências anteriores ocorridas pela prática, a aprendizagem motora define as mudanças permanentes no comportamento motor.”

Sobre o ensino da dança de salão, também não é diferente. Por muito tempo os professores de dança vinham de academias, onde eram alunos, e com o conhecimento adquirido pela prática da dança, posteriormente começavam a dar aulas.

Contudo, há algum tempo esta realidade vem se modificando com o surgimento dos cursos de Graduação em Dança, abrindo caminhos para os professores desta área, não só nas academias de dança, mas também no currículo nas escolas. Como afirma Silva (2012):

A implementação de cursos nas universidades supre uma necessidade de formação em nível superior para dançarinos e estudiosos da Dança, que acaba gerando uma demanda de campo de trabalho. Após o egresso desses estudantes, eles irão ocupar os espaços de formação artística ou educacional em Dança, quer seja em ambientes informais – academias, grupos de dança, grupos sociais – quer seja na educação formal, atuando nas Escolas Públicas e privadas, cuja linguagem da Dança esta prevista como conteúdo/prática obrigatório (a) na disciplina Artes. (SILVA, 2012, p. 70).

É muito relevante a colocação da autora acima, pela necessidade que esta área tem em formação superior, não excluindo a importância da vivência em

dança anterior, e de cursos e palestras na área de dança. Mas é de suma importância que os profissionais da dança possam se especializar, pensando não somente no saber artístico, mas no científico também, ampliando assim os conhecimentos sobre a dança e suas formas de ensino.

Por isso que trago aqui Silva (2012), que afirma que a inserção de estudantes e artistas no campo de pesquisa se dá através da graduação, o que proporciona aos futuros profissionais a qualificação acadêmica, e o senso crítico, para a ampliação de conhecimentos em dança. E que esta formação é de suma importância para a entrada destes profissionais em diversos âmbitos sociais, podendo, assim, disseminar seus conhecimentos e suas práticas, corrigindo o que o senso comum dissemina. E a autora confessa que:

O grande espaço de disseminação social destas práticas é a escola. A inserção da dança no ambiente escolar também é de extrema importância para reconhecimento social e cultural desta linguagem, cuja prática artística tende a permanecer através de sua disseminação e evolução. (SILVA, 2012, p. 95).

Com base no que foi dito acima é possível compreender este universo de ensino da dança e começar a pensar no ensino e aprendizado das danças de salão. Em vista disso, é perceptível a importância do meio científico para o profissional da dança, para que amplie seus horizontes e consiga pensar suas metodologias de trabalho, além de conhecer novas possibilidades, como, também é preciso estar sempre produzindo trabalhos artísticos, mantendo a prática e repensando o ensino desta.

E alguns autores fomentam sobre como teria sido o início do ensino de danças de salão, um destes é Costa (2013), que comenta que foram nas gafieiras que surgiram os primeiros professores brasileiros que, por não cometerem gafes, podiam ensinar, pois a gafieira era conhecida como local onde as pessoas cometiam gafes.

E outro aspecto que Costa (2013) aponta é o momento em que se começou a pensar neste ensino das danças de salão como profissão, onde quem já tinha certo conhecimento na área, poderia cobrar para ensinar as danças. E que a profissão de professor de dança de salão começou a ser pensada na década de 1980, e dar aula para várias pessoas tinha um retorno financeiro razoável, que foi decisivo para que estes professores seguissem a carreira.

Outro autor que nos traz aspectos sobre o ensino das danças de salão é Feitoza (2011), que coloca como se deu o interesse do povo brasileiro pelo aprendizado destas danças, e como as pessoas viam este campo, afirmando que as danças de salão eram procuradas, em sua maioria, pelo interesse de recreação ou esporte, o que proporcionava bem-estar e prevenção contra o estresse.

Além disto, Feitoza (2011) traz algumas observações em termos de ensino da dança de salão, e reafirma o que Silva (2012) também menciona em sua pesquisa sobre a formação do professor de dança, garantindo que em qualquer gafieira é possível ver inovações através da interpretação pessoal de cada um sobre a técnica que foi aprendida. E alega que:

A carência de uma formação específica para o processo de ensino/aprendizagem em dança e especificamente em danças de salão é um tema discutido por profissionais dessas danças. (ZAMONER, 2005 apud FEITOZA, 2011, p. 68).

Logo, sinto a necessidade de entender o papel dos professores de dança de salão, que caminhos precisam percorrer, o que devem ensinar e estudar, e como relacionar tudo o que sabem à vivência dos alunos. Para isto trago dois autores que dissertam sobre este assunto. Feitoza (2011) nos traz um panorama geral sobre isso, dizendo:

O professor de dança de salão, com uma proposição de educador, pode se apropriar de um modo de ensinar, com o qual possibilite relações entre áreas de conhecimento e que seja propício para práticas dessas danças em qualquer ambiente em que possam ocorrer, seja em academias, escolas e em processos artísticos. Essas práticas pedagógicas, embora busquem desenvolver autonomia, requerem o conhecimento de saberes necessários às práticas educativas. (FEITOZA, 2011, p. 69).

Portanto, é preciso que o professor de dança de salão se utilize da técnica, fazendo relação com as diversas áreas do conhecimento, para que se for trabalhar em uma escola, por exemplo, misture os conhecimentos da matemática para criar uma figura de dança, ou o que os alunos aprenderam das cores em artes, para pensar em figurino, criando essa interdisciplinaridade, fazendo com que ampliem as estratégias de ensino, possibilitando que o campo das danças de salão esteja em constante mudança, sempre repensando o papel do professor.

E Costa (2013), além de falar sobre o papel do professor de dança de salão, explica que os professores deveriam estar preparados para diferentes abordagens, tanto grupais quanto personalizadas. Ressalta também que a formação do professor de dança de salão pode estar baseada em um profissional que dançava e, por motivos financeiros, iniciou sua docência em dança de salão.

Ainda sobre metodologias e ensino das danças de salão, é que Afonso (2009) traz informações sobre a aprendizagem motora, fator importantíssimo quando se pensa em ensino em dança, explicando que, após um período de prática de um movimento, são adquiridas algumas habilidades que, a partir dessa experiência e das experiências anteriores, definem mudanças permanentes em seu comportamento motor. E finaliza confirmando que a aprendizagem motora pode auxiliar no processo de ensino das danças de salão, por proporcionar entendimento sobre a execução e coordenação dos movimentos, facilitando decisões em relação ao ensino, por saber como se dá o processo de aquisição de habilidades motoras.

Assim sendo, venho através de todas estas falas de autores que se debruçaram sobre o ensino das danças de salão, começar a compreender como se dá o ensino do Samba de Gafieira, assunto que pesquisei mais a fundo, por haver poucas pesquisas dentro deste gênero.

E percebo que é de grande relevância para os estudos sobre o ensino do Samba de Gafieira a pesquisa feita por Costa (2013), que aborda as metodologias de dança de salão e Samba de Gafieira, atentando-se a observar dois professores de dança de salão, de cidades distintas, chegando à conclusão que:

A partir deste estudo, consideramos que não existe uma única maneira correta de ensinar Dança de Salão, neste caso o Samba de Gafieira [...] Acreditamos que as maneiras que os professores investigados utilizam em suas aulas são satisfatórias para eles e para seus alunos. (COSTA, 2013, p. 46).

Fica visível, após estas pesquisas, que existem muitas metodologias de dança de salão, mas que também existem os métodos criados por cada professor para dar sua aula. Entretanto, o professor desta área da dança precisa estar sempre atento a novas propostas e modos de desenvolver seu trabalho, para ir se adequando às diversas realidades e à atualidade. Pois, pelas danças de salão se darem de forma codificada, muitos acabam se atendo apenas a passar os passos de cada gênero de dança, como um “copia e cola”. E o professor de dança tem que estar sempre

procurando novas alternativas, repensando seu trabalho, trazendo diversas possibilidades.

Grangeiro (2014) discorre sobre o assunto dizendo que é necessário entender que podemos não somente atingir o aprender na dança de salão. Que o que importa não é só executar passos, não só escutar discursos vazios. Que é preciso conhecer diversos mecanismos de ensino e aprendizado, e expandi-los para as aulas, de forma consciente, para que posteriormente se perceba benefícios na vida social, cultural, afetiva e intelectual de todos os envolvidos. E assegura que:

[...] O atual professor de dança de salão precisa assumir que os seus atos representarão muito mais que suas palavras, seu comportamento muito mais que os passos de dança que ensina. Ele também é formador de opinião. [...] (GRANGEIRO, 2014. p. 119-120).

Este fato, colocado pelo autor acima, é de suma importância, pois no momento do ensino de uma técnica, existem vários fatores envolvidos, não só o mecanismo da dança. Toda a parte social que os alunos criam entre si e com o professor, o que aquele momento pode significar para cada um, o que pode modificar nas suas atitudes e pensamentos após este contato com a dança, seu modo de ver o mundo, todo seu lado sensível e emocional. E muitas vezes os professores já estão engessados em uma técnica que não se permitem aprender algo novo, a mudar para melhorar sua aula, ou porque acreditam que seu modo de ensino é o único eficaz.

Para discorrer sobre o assunto, Grangeiro (2014) nos situa que a maior parte dos professores de dança de salão utiliza seu próprio método de ensino como referência principal, como forma de se proteger por não ter o conhecimento de outros recursos de ensino. Além de muitos terem o ego elevado, e não admitirem ou desconhecerem métodos de ensino-aprendizagem, que estão à disposição de todos os professores de diversas áreas de atuação.

É preciso refletir então sobre a metodologia de ensino a ser trabalhada com os alunos, seja no ensino das danças em geral, ou mais especificamente das danças de salão. O professor precisa estar sempre se atualizando de métodos e abordagens, para ajudar na compreensão dos alunos em relação ao que estão aprendendo nas aulas de dança, e procurar uma metodologia de ensino que seja mais eficaz para a sua área de atuação e ao gênero de dança que está ensinando.

3 Metodologia

Este estudo se deu de forma qualitativa pois, neste caso, fez-se necessário pensar nesta abordagem para se chegar a um resultado mais abrangente dos fatos. Segundo Silveira e Córdova (2009, p. 31), “A **pesquisa qualitativa** não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.[...]”. Nesta pesquisa foi preciso não só deter-se nos dados exatos, mas também perceber e identificar as peculiaridades e contexto de cada professor, de cada aula de dança e método. Por este motivo é que a pesquisa qualitativa foi importante na construção desta. E conforme Silveira e Córdova:

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. (SILVEIRA e CORDOVA, 2009, p. 32).

Para a realização deste estudo foi identificada a necessidade de traçar os objetivos quanto à natureza da pesquisa que, neste caso, aponta que será descritiva e exploratória, sendo que a segunda tem como característica compreender e pesquisar sobre determinado assunto, como nos situa Gil (2010):

As **pesquisas exploratórias** têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado. (...) (GIL, 2010, p. 27).

Porém, este trabalho não se deteve apenas na pesquisa exploratória, mas também na descrição dos fenômenos encontrados ao longo da pesquisa. Em vista disto, a pesquisa descritiva, neste caso, teve grande valor no que diz respeito à organização e apresentação de dados adquiridos neste trabalho. Silveira e Córdova (2009, p. 35) afirmam: “A pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade.” E Gil (2010) complementa:

As **pesquisas descritivas** têm como objetivo a descrição das características de determinada população. Podem ser elaboradas também com a finalidade de identificar possíveis relações entre variáveis. São em grande número as pesquisas que podem ser classificadas como descritivas e a maioria das que são realizadas com objetivos profissionais provavelmente se enquadra nesta categoria. (GIL, 2010, p. 27).

Para a elaboração deste trabalho, fez-se necessário, além de pensar nos aspectos de abordagem e objetivos, definir os instrumentos e procedimentos metodológicos para esta pesquisa. Para obter-se um resultado satisfatório em relação às variações do Samba de Gafieira ensinadas na cidade de Pelotas, chegou-se à conclusão de que era necessário utilizar-se da pesquisa de campo.

Foi realizado um estudo exploratório sobre o Samba de Gafieira e suas vertentes, em documentos, livros, publicações, analisando-se referências, textos, além de tabelas, fotos, vídeos e todo material possível para análise e compreensão destes dados encontrados. Também foram pesquisadas publicações, livros, monografias, teses. Sendo assim, após foi realizado um novo estudo exploratório, pesquisando dados bibliográficos e documentais. A etapa seguinte tratou-se da pesquisa de campo, com a pretensão de observar-se a realidade da pesquisa. Por conseguinte, foram entrevistados os professores de dança na cidade de Pelotas, a partir de uma entrevista semiestruturada, cuja entrevista foi gravada e, posteriormente, transcrita. Lakatos e Marconi (2010, p. 169) trazem aspectos desta pesquisa, colocando que: “Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los. (...)”

Sobre a pesquisa de campo, Silveira e Córdova (2009) concluem que:

A pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa *ex-post-facto*, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.). (FONSECA *apud* SILVEIRA e CÓRDOVA 2009, p. 37).

Logo, todos estes aspectos relacionados à realização desta pesquisa foram importantes para delimitar uma direção e nortear o trabalho, de forma que foi possível

perceber os objetivos que se queria alcançar, selecionando quais instrumentos e métodos seriam mais eficazes para a elaboração desta, intencionando a obtenção de dados através deste estudo, para então analisar e refletir sobre eles, chegando a uma conclusão ao término desta pesquisa.

Portanto, este trabalho teve um processo primeiramente exploratório, através de pesquisa exploratória, para obter dados e organizar as vertentes do Samba de Gafieira. Após, realizou-se a pesquisa de campo, que neste caso aconteceu por meio de entrevistas com professores deste gênero de dança. E, a partir das vertentes do Samba de Gafieira constatadas no estudo exploratório, foi feita a relação com o que foi encontrado nesta pesquisa de campo, chegando então a um resultado sobre as variações existentes de Samba de Gafieira em Pelotas.

Assim sendo, a pesquisa aqui descrita foi realizada com quase todos os professores que trabalham em academias de dança da cidade de Pelotas e que ensinam Dança de Salão e, mais especificamente, o Samba de Gafieira. Estes foram entrevistados através de um roteiro previamente preparado, cuja entrevista foi gravada a partir das perguntas elaboradas, sem tempo previsto de término, deixando os professores livres para falar sobre todos os assuntos.

A entrevista estava organizada em três partes: a primeira, referente aos dados de identificação; a segunda, ao perfil e atuação profissional; e, a terceira, à Trajetória e prática pedagógica de cada professor, totalizando 10 perguntas. Foi realizada no local de atuação de cada professor. Teve o foco na entrevista semiestruturada, que como é citado por Gerhardt e Silveira (2009, p. 72): “O pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal.”

Logo após a transcrição das entrevistas, foram analisadas as referências de cada profissional e o método de ensino de cada um deles, comparando-as umas com as outras, para perceber suas semelhanças e diferenças. E, para isto, se fez necessário utilizar o método comparativo, que permite analisar dados concretos, como afirmam Lakatos e Marconi (2003, p. 107): “O método comparativo é usado tanto para comparações de grupos no presente, no passado, ou entre os existentes e os do passado, quanto entre sociedades de iguais ou de diferentes estágios de desenvolvimento”.

Então, antes de iniciar os relatos sobre esta pesquisa, é preciso entender o que significa uma pesquisa e qual seu foco, para isso trago Lakatos e Marconi (2003, p. 155) que dizem: “A pesquisa, portanto, é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”.

Resumidamente, nesta pesquisa foi feito inicialmente um mapeamento dos espaços que ofereciam aulas de dança de salão na cidade de Pelotas, através das redes sociais e de indicações de outros professores já conhecidos na cidade, para posteriormente constatar os profissionais que trabalhassem nesta área da dança e ensinassem o Samba de Gafieira em suas aulas.

Após, realizou-se o contato com todos os professores encontrados, para saber quais gostariam de participar da pesquisa sendo entrevistados. Pois a intenção era entrevistar todos os professores que ensinavam Samba de Gafieira na cidade de Pelotas, e o único critério é que estivessem atuando no momento com o ensino desta dança. E, para analisar as entrevistas, foi utilizado o método de análise comparativa, como mencionado anteriormente. Onde foram comparadas as respostas de cada questão, entre todos entrevistados, chegando em um resultado.

4 Resultados e Discussões

Para a organização deste capítulo, foram criados tópicos através das perguntas da entrevista e organizados em subcapítulos, sendo analisados e comparando às respostas dos entrevistados, chegando a uma conclusão final sobre cada tema abordado.

4.1 Perfil e Formação

Foram encontrados ao todo 12 professores que trabalham com ensino das danças de salão e Samba de Gafieira em Pelotas. Deste total, 2 não foram entrevistados, 1 por não ter respondido as mensagens e outro por estar se aposentado. Então foram entrevistados 10 profissionais da área, sendo 9 homens e 1 mulher, e a idade deles variam de 27 a 45 anos de idade.

É interessante perceber como, ainda nos dias de hoje, nas danças de salão, existe ainda a predominância do homem, como percebido na pesquisa. Na cidade de Pelotas só foi encontrada uma mulher ensinando a prática do samba de gafieira. Mas na própria origem do Samba de Gafieira isto já é visível, onde José (2005) fala sobre a hierarquia das relações sociais, e a predominância do masculino sobre o feminino, até mesmo pela condução da dança de salão ser feita pelo homem. E a autora completa dizendo:

(...). Esta relação acontece naturalmente no universo dos salões de baile, embora para algumas pessoas esta postura é considerada como uma atitude machista, onde o homem manda e a mulher obedece. Acreditamos, porém, que seja apenas uma convenção social, uma regra que faz parte da tradição e se mantém desde a sua origem, entre os pares dançantes pelos salões. (JOSÉ 2005, p. 33).

Relacionado ao tempo que cada professor entrevistado ministra aulas de dança, podemos verificar tempo de atuação bem variado, de 4 a 21 anos. Como falado acima, todos estes professores atuam com dança de salão na cidade de Pelotas. E

os locais que estes profissionais trabalham na cidade, são: Adágio Centro de Dança - Espaço de Yoga Márcia Jeske - Academia Atitude - Academia Corpo & Dança - Clube Brilhante - Espaço de Yoga e Pilates - Companhia da Dança - Clube Diamantinos - Studio Unidança e Studio Z.

Já no quesito formação, percebeu-se uma grande diversidade de área em que cada professor se qualificou, tendo 2 graduados e 1 graduando no Curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas. Outra área que também aparece em destaque é o curso de Educação Física - Licenciatura, no qual 3 professores são graduados.

Com isto, já é perceptível o impacto do Curso de Dança Licenciatura na formação dos professores de dança de salão na cidade de Pelotas, sendo que 30% tem relação com o curso. Isso aponta uma procura dos dançarinos e professores de dança por uma graduação e especialização em sua área, visando novas possibilidades até mesmo de mercado de trabalho. Cabe salientar que a formação específica em Dança/Licenciatura traz a estes professores a possibilidade de não só trabalhar em academias de dança, mas também entrar nas escolas ou até mesmo ingressar na Universidade como professores de ensino superior.

Além destes 2 cursos que são mais predominantes na formação dos professores de dança da cidade, outras áreas distintas foram destacadas nas graduações, como: Matemática e História. E também, em termos de especialização e mestrado, foram encontrados outros, como: Mestrado em Educação e Ciências - Pós-Graduação em Educação Especial - Especialização IFsul em Linguagens - Mestrado em História - Mestrado em Educação - Especialização em Coach de Carreira - Pós-graduação IFsul em linguagens.

Percebe-se, então, que muitos dos professores de dança tiveram formação em outros cursos, mas que o curso de educação física é outro que predomina na formação destes profissionais. A existência de graduações de dança no Brasil, e principalmente no Estado do Rio Grande do Sul, ainda é algo muito recente, e por isso grande parte dos profissionais de dança se qualificavam em academias e cursos, optando muitas vezes por seguir na área da educação física, por esta trabalhar questões de corpo também.

Sobre esta perspectiva, Ehrenberg (2003, p. 55) diz que a dança na educação física pode ser utilizada como atividade rítmica e ainda coloca que: “Mesmo considerando a dança como um elemento da cultura corporal incorporado pela

Educação Física, os PCN's enfocam que este fará parte do documento de Arte, sendo para Educação Física apenas um trabalho complementar”.

A autora cita que, a dança, no âmbito escolar, até a década de 1990, era vista como um elemento cultural a ser tratado pela educação física, mas que atualmente já existem discussões sobre se ainda é tarefa do professor de educação física trabalhar esta arte na escola, já que existe a Faculdade de Dança, prevendo trabalhar suas especificidades no contexto da escola também.

E este tema ainda é um assunto novo a ser debatido, porque muitas mudanças estão ocorrendo, pela Graduação em Dança ser algo novo, uma área que está entrando no currículo escolar e que tem seus próprios conteúdos. E as autoras Corrêa e Nascimento (2013), mencionam que o Curso de graduação em dança é algo mais recente ainda no Estado do Rio Grande do Sul, sendo que o 1º foi criado em Cruz alta, em 1998, e encerrou em 2010.

Corrêa e Nascimento (2013) também revelam que a Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9394/96 – com alteração em 2010), torna componente curricular obrigatório o ensino das artes na Educação Básica, fazendo diversos profissionais buscarem mais pela graduação em dança, e conseqüentemente aumentado o número de cursos de Licenciatura em Dança no estado, e afirmam:

Com o aumento no número de universidades oferecendo o curso de Licenciatura em Dança, mais e mais professores formam-se todos os anos, o que configura o período atual como um momento de expansão, avaliação e criação de metodologias e pesquisas de produção própria da área e, em especial, de preocupação com a inserção desses novos profissionais no mercado de trabalho. (CORRÊA e NASCIMENTO, 2013 – p. 57).

E, partindo deste princípio, relacionado à formação em uma universidade dos professores de dança, percebe-se que, mesmo não sendo formados em uma graduação em dança, 80% dos professores entrevistados tem uma graduação em alguma outra área. Apenas 20% não possuem graduação, podendo ter relação com seu tempo de atuação na dança, sendo estes professores mais antigos na área. Estes ressaltam não haver, no início de sua carreira, cursos especializados e, por isto, aprenderam de maneira mais autodidata. E este aspecto pode ser percebido na fala do **entrevistado E**, que diz: “Iniciei minha trajetória em 1988 dançando de forma autodidata.” E o **entrevistado H** complementa dizendo:

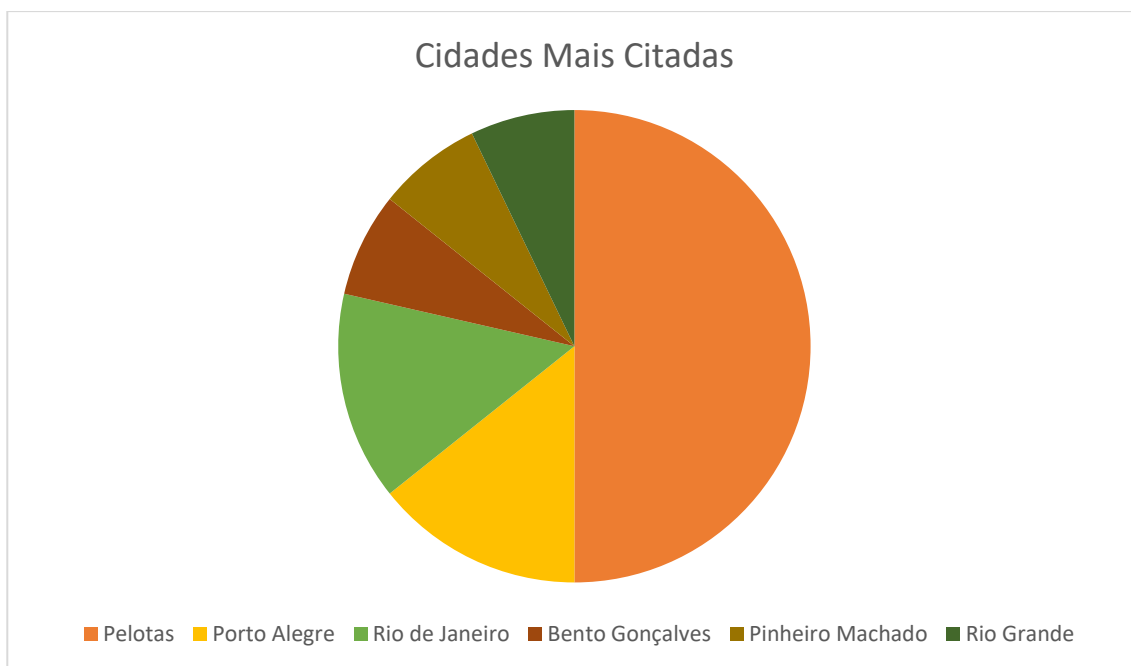
(...) como eu já tenho quase 33 anos de dança, na época em que nós começamos, que eu posso dizer que sou de uma outra geração, a formação era nós mesmos que buscávamos os cursos. Então, nós não tínhamos curso de dança, educação física não era voltada para dança, então a nossa formação é de muitos festivais, workshops e oficinas. (Entrevistado H).

Percebe-se, então, que estes professores que estão há mais tempo no mercado, sempre estiveram atrás de modos de aprender e ensinar dança, porém não existiam cursos licenciados em dança. Contudo, todos os entrevistados têm especialização na dança de salão através de cursos de dança, *workshops*, oficinas e congressos. Em relação à especialização em Dança de Salão, de modo mais específico, além dos cursos de dança, outros modos se destacam, como o curso de dança para professores, que aparece sendo citado 5 vezes, as academias de dança 4 vezes, a internet e vídeo aulas 2 vezes, aulas particulares 2 vezes, e companhia de dança e grupo apenas 1 vez.

E com o advento da internet e facilidade ao acesso a vídeos, acaba influenciando no ensino e aprendizagem em danças de salão. Muitos professores que às vezes não têm condição financeira ou como se deslocar a outros lugares, e fazer cursos especializados, podem se utilizar desta ferramenta, para aprender com diversos professores, em vídeo aulas online, vídeos de coreografias e apresentações, conseguindo começar seus estudos na área da dança por este viés, ou aperfeiçoar suas técnicas, se já for um professor de dança.

Em relação à especialização em Samba de Gafieira, foi perguntado aos entrevistados onde se especializaram, e constatou-se que o local que mais apareceu nas pesquisas foi Pelotas, citada 7 vezes, seguida de Porto Alegre e do Rio de Janeiro, onde cada cidade foi citada 2 vezes. Outras cidades foram: Bento Gonçalves, Pinheiro Machado e Rio Grande. Como pode-se observar melhor no gráfico a baixo:

Gráfico 1:



Percebe-se, então, que é recorrente nas respostas dos entrevistados o nome de alguns lugares como Pelotas, Porto Alegre e Rio de Janeiro. E isto pode estar ligado ao fato de duas destas cidades serem capitais e, então, ter mais acesso a cursos de dança e a profissionais referenciados. Já Pelotas, por ser a cidade em que os professores entrevistados atuam, é também uma cidade muito artística e que traz muitos profissionais, até mesmo por ser um local onde existem muitas universidades e cursos profissionalizantes.

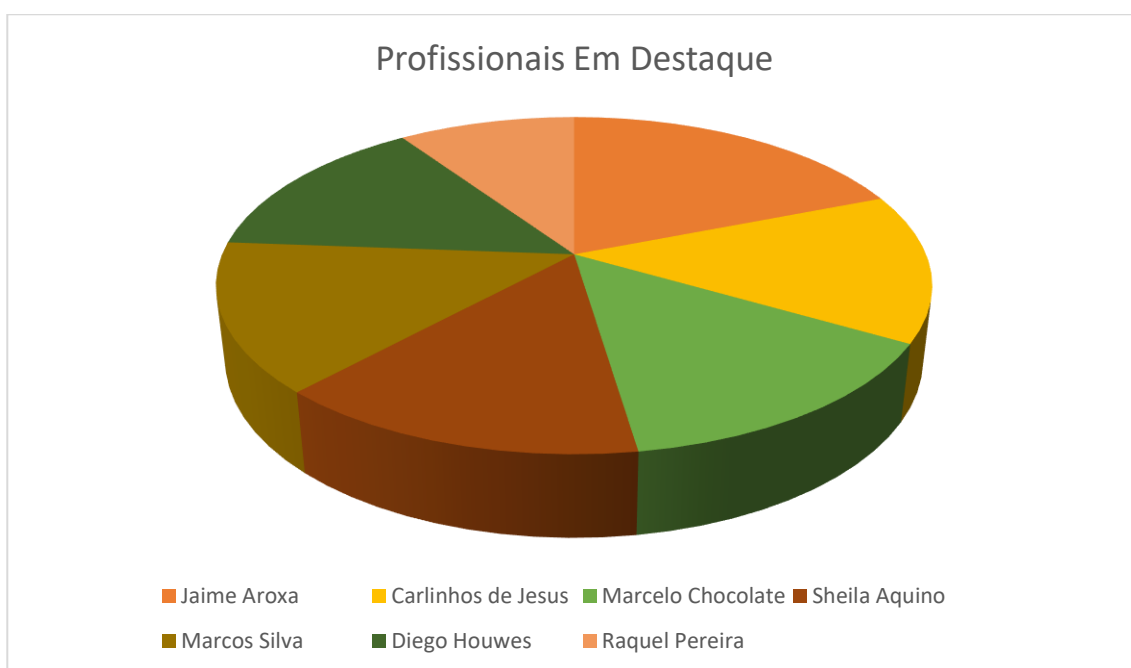
Sobre os profissionais que mais foram citados como principais na formação destes professores de Samba de Gafieira em Pelotas, alguns nomes tiveram destaque, como: Jaime Arôxa (RJ) que apareceu 4 vezes na pesquisa – Carlinhos de Jesus (RJ) 3 vezes - Marcelo Chocolate (RJ) 3 vezes – Sheila Aquino (BH) 3 vezes – Marcos Silva (Pelotas) 3 vezes – Diego Houwes (Pinheiro Machado) 3 vezes – Raquel Pereira (Rio Grande) 2 vezes.

Em relação aos profissionais citados acima, podemos perceber a influência de certas vertentes. Jaime Arôxa e Carlinhos de Jesus já são visivelmente citados na pesquisa; Marcelo Chocolate vem da vertente de Carlinhos de Jesus; Sheila Aquino e Diego Houwes também vem desta linha, após Marcos Silva, que tem na sua formação

a influência das três vertentes; e Raquel Pereira, que tem influência tanto de Jaime como de Carlinhos.

Então é visível a grande influência que os profissionais do Rio de Janeiro têm sob os professores da cidade de Pelotas. E isto se dá devido ao RJ ser o berço do Samba de Gafieira, sua origem, e que até hoje mantem essa cultura, abrindo espaço para novos professores continuarem com esta dança, levando-a para outros estados e fazendo com que essa dança se mantenha viva até hoje. E, como afirma José (2005), o samba de salão é um patrimônio da cultura brasileira, que dá identidade ao povo carioca, sendo uma prática conhecida também em outros estados, com diferentes estilos.

Gráfico 2:



Fonte Própria

Além disso, outros profissionais foram mencionados, como: Jimmy de Oliveira (RJ) – Edson Nunes (Porto Alegre) – Denny Ronaldo e Paula Pazos (Porto Alegre) – Maurício Wetzel (RJ) – Leandro Pizani (Pelotas) – Thais Benites (RJ) – Fernando Campani (Porto Alegre) – Maria Antonieta (RJ) – Thiago Cedrez (Pelotas) – Raquel Mesquita (RJ) – Rogério Mendonça (SP) – Wellington Lopes (RJ) – Rodrigo Garbin (Porto Alegre) – Marcelo Grangeiro (SP) – Cristóvão e Carol (Curitiba) – Camila e Ricardo (RJ) – Brenda Carvalho (SP).

É possível perceber, então, que além dos professores mais citados, que são de Pelotas, Porto Alegre e Rio de Janeiro, existe outra cidade que traz diversos profissionais a esta pesquisa, que é São Paulo, cidade que também tem grande importância na história do Samba de Gafieira, e que tem também outras linhas de samba diferentes do Rio de Janeiro, como o samba rock.

4.2 Trajetória - Samba de Gafieira

Esta parte da entrevista foi direcionada à trajetória de cada professor em relação ao Samba de Gafieira, seu primeiro contato, e como se interessou por este gênero de dança. Alguns entrevistados foram mais diretos em suas respostas, e outros contaram mais detalhes e até mencionaram ocasiões e eventos que os fizeram conhecer o Samba de Gafieira.

O entrevistado A fala que seu envolvimento com o samba se deu primeiramente com o samba no pé para, posteriormente, interessar-se pelo Samba de Gafieira. Já o entrevistado B nos comenta que, um dos seus primeiros professores de Samba de Gafieira em Pelotas, Leandro Pizani, trabalhava outra ideia de samba, e que só então quando fez um *workshop* em Porto Alegre com o professor Edson Nunes, que aprendeu o Samba de Gafieira mais tradicional, e que passou a se interessar mais por essa dança, e relata: “O meu envolvimento com o samba é bem grande assim. Eu possuo até um grupo de estudos, hoje, de samba. É uma área que eu me dedico bastante.”

Aqui já se pode perceber diferentes contatos com o Samba de Gafieira, onde um dos entrevistados ainda não o praticava e, através do samba no pé, se interessou; e outro, através da linha mais tradicional do samba, acabou se interessando. O entrevistado C nos relata que começou aprendendo diversos gêneros dentro da dança de salão, e que desde o início o Samba de Gafieira chamou sua atenção. Conta ainda que, através de aulas com Marcos Silva, conseguiu aprender mais sobre a teoria desta dança, e, após, com Thiago Cedrez, e ambos são professores em Pelotas.

O entrevistado D também começou aprendendo as danças de salão, e, de todos os ritmos, gostou mais do Samba de Gafieira. Então fez aulas com Fernando Campani em Porto Alegre, onde participou de uma seleção de monitores. E, após, fez

aulas com Rodrigo Garbin, onde começou a se interessar por coreografias e a dar cursos em uma academia. Neste ponto já podemos perceber semelhanças entre o entrevistado C e o D, que aprenderam diversos gêneros de dança ao mesmo tempo, porém se identificaram mais com o Samba de Gafieira.

Este próximo entrevistado, o E, tem uma história no Samba de Gafieira bem longa. Começou a dançar em 1998 de forma autodidata, e foi para o Rio de Janeiro, onde se especializou com os mestres Jaime Arôxa, Carlinhos de Jesus e Maria Antonieta.

Já o entrevistado F teve uma trajetória digamos que parecida, de certa forma, com o entrevistado E, pois embora seu contato com o Samba de Gafieira não seja de tanto tempo, ele também começou de forma autodidata, através de vídeos na televisão e na internet. A partir de seu interesse em aprender mais sobre esta dança, foi para o Rio de Janeiro também, e especializou-se com diversos professores, fazendo aulas, cursos, indo a bailes e lendo sobre o assunto.

O entrevistado G, assim como os entrevistados anteriores C e D, também começou praticando diversos gêneros de dança de salão, e, dentre estes, estava o Samba de Gafieira. Porém, diferente dos outros, não teve um apreço inicial por essa dança, mas sim após uma semana de aula com professores de Carlinhos de Jesus, que trouxeram maior referência para sua formação em Samba de Gafieira.

Relacionando com o entrevistado G, que não iniciou sua trajetória direcionada ao samba, o entrevistado H também teve um rumo diferente, pois não estava morando no Brasil e, quando voltou para cá, sentiu a necessidade de conhecer mais sobre o país, e então se deteve em cursos e festivais anuais, onde praticava forró e Samba de Gafieira, sempre tentando pesquisar o Samba de Gafieira através de sua fonte, tendo como referência Carlinhos de Jesus. E o entrevistado H discorre sobre este: “Porque nos anos 90 era o grande nome da dança de salão como ainda é, só que ele era fonte para quem queria aprender samba no pé e samba de gafieira.”

O entrevistado I começou em Pelotas na academia de Márcia Loureiro, que trabalhava um samba referenciado no Carlinhos de Jesus, porém este não gostava tanto desta linha de dança, e então foi atrás de professores que tivessem referência na linha de Jaime Arôxa, onde fez aulas com o professor Marcos Silva também da cidade, como afirma:

“Então eu busquei referências do Jaime. E quem é que tinha referência do Jaime aqui na cidade? O Marcos Silva. O Marcos Silva teve uma trajetória com o Jaime e com o Carlinhos de Jesus, mas ele trouxe mais referências do Jaime.” (entrevistado I).

O entrevistado J começou por incentivo de um amigo e praticava vários gêneros de dança de salão. Gostava muito do forró e, assim como o entrevistado G, o Samba de Gafieira não foi algo com que se identificou inicialmente, e menciona:

“Eu iniciei na verdade na dança em si, meio que a contragosto assim, eu iniciei por conta de um amigo meu, que ele estava fazendo, ele começou a me incentivar a fazer também, não era uma intenção minha e eu acabei entrando pra dança meio que nesse sentido assim, foi de qualquer jeito.” (entrevistado J).

E, somente após conhecer mais sobre o Samba de Gafieira, foi que adquiriu um sentimento especial por esta dança. Além disso, apenas um ano após começar a prática da dança, este já havia começado a dar aulas, pois percebeu a grande procura por aulas de samba em geral, um samba mais para festas. E conforme foi estudando, foi ganhando maior apreço por esta dança e dando preferência também.

Percebe-se então, que na grande maioria, os entrevistados não tinham a pretensão de aprender samba de gafieira primeiramente, tinham outros focos dentro da dança de salão, mas após conhecer este gênero de dança, foram se interessando e resolveram seguir esta linha, e outros decidiram continuar aprendendo e ensinando esta dança pela procura dos alunos.

4.3 Organização das aulas

Nesta parte da entrevista, foi perguntado aos entrevistados como cada um organizava as suas aulas, se havia uma ordem, se trabalhava apenas Samba de Gafieira nas aulas, ou trabalha outros ritmos, e o que mais priorizava ensinar.

O entrevistado A já iniciou colocando que, quando começou a dar aulas, o ritmo que menos gostava de ensinar era o Samba de Gafieira, por perceber a dificuldade dos alunos em aprender. E relatou que utiliza uma metodologia específica, onde simplifica tudo, trabalhando unidades básicas do Samba de Gafieira, as transições e, aos poucos, a saída ao lado e cruzados. Foca-se também no trabalho

dos movimentos do samba que são mais circulares, para não utilizar tanto a torção do cavalheiro, e após um samba mais reto, para que por fim possa levar os alunos ao improviso.

O entrevistado B ensina os passos básicos característicos, intencionando que, se o aluno for ao Rio de Janeiro, saiba executar bem as movimentações básicas. Depois ensina os passos iniciados, intermediários e, então, avançados. Menciona que, após, teria o nível másters, que é além do avançado, mas que é um nível difícil de ser mantido na cidade de Pelotas.

Estes dois primeiros entrevistados, demonstram bastante essa relação de o aluno fixar bem a base da dança, para ir aos poucos avançando, para que tenha compreensão do que está fazendo e saiba improvisar também. E sobre isto, Costa (2013) discorre:

É papel do professor trabalhar o processo criativo na aula de dança de salão, trabalho este que serve para formar sujeitos autônomos em relação a sua dança, que não dancem sem saber o que estão dançando. Isto não significa que ensino baseado na reprodução, ou seja, o professor realiza uma movimentação e o aluno reproduz a mesma sem refletir sobre o que está fazendo, deve ser negligenciado na área da dança, pois também traz suas contribuições. (COSTA 2013, p. 27).

Portanto, tanto os métodos fechados como os que trabalham mais acerca da criação do aluno e experimentação, têm sua importância no processo de aprendizagem do aluno, cada um tendo seu intuito e ajudando na memória corporal. Porém o que, no meu ver, não pode acontecer, é trabalhar só reprodução ou só improviso, pois os dois tem que estar aliados nesta busca por um aprendizado mais abrangente e eficaz.

Já o entrevistado C nos traz outros princípios de ensino ainda não mencionados, falando do *Boton UP* e *Psy Down*⁴, e diz que são métodos direcionados ao aprendizado mental, para depois passar para a prática e para os conceitos. Completa dizendo que esta metodologia abrange diferentes níveis de alunos na mesma turma. E também fala de outro método que utiliza que é o “Penso, logo danço”,

⁴ Boton Up e Psy Down são um método onde se começa ensinando primeiro o aprendizado mental para depois a prática – ou ao contrário.

de uma pedagoga brasileira, onde o aluno aprende os movimentos por criação própria, sem exemplos, sendo o papel do professor apenas orientar, para que o aluno construa seu repertório. Para reforçar o que este seria, trago um relato da autora Santos (2009, p. 47), sobre este método: “O método “penso, logo danço” se baseia na consciência dos processos cognitivos durante o aprendizado de habilidades motoras, auxiliando as pessoas a organizarem a parte cognitiva de seu aprendizado, principalmente nas primeiras aulas.”

O entrevistado D nos explica sua metodologia de modo mais sucinto, dizendo que trabalha os passos básicos até ficarem naturais, para depois ensinar novas figuras.

Assim como o D, o entrevistado E também explica rapidamente, expondo que começa a aula com um alongamento com passos de dança, após, mostra aos alunos os passos individualmente da dama e do cavalheiro, para então trabalhar tudo o que ensinou sem música e, por último, com música.

Já o entrevistado F nos menciona outras preocupações no ensino da dança, onde com os alunos iniciantes, primeiramente trabalha questões de ritmo, consciência corporal, peso do corpo e noção de espaço. Depois começa a ensinar os passos básicos, estimulando o aluno para que, posteriormente, aprenda movimentos mais complexos. E dentro desta mesma ideia, o entrevistado G diz que organiza as aulas conforme cada turma e o que ela precisa, trabalhando também musicalidade, agilidade, transferência de peso, para após inserir os gêneros de dança e o samba. No caso destes dois entrevistados (F e G), já é perceptível a preocupação não só com ensino de passos, mas com a consciência corporal dos alunos e o cuidado com a organização das aulas.

Outro entrevistado que também demonstra esta preocupação, é o H, que comenta que, além de trabalhar mais de um ritmo por aula, faz aquecimento, trabalho de musicalização, consciência corporal e ritmo, utilizando músicas do estilo praticado para, após desempenhar os movimentos básicos.

Juntando todos os dados até agora, além da preocupação dos professores com o que cada aluno está compreendendo, percebe-se que todas as aulas têm um crescente, pensando sempre em trabalhar noções básicas, para passar para os passos básicos e, aos poucos, ir progredindo nos níveis com a turma.

Portanto, trabalhar a consciência corporal nos alunos é um assunto que tem sido mais reconhecido pelos professores, que estão se preocupando mais com este

aspecto do que apenas ensinar passos, quando o aluno ainda não percebe seu corpo e seus movimentos. Santos (2009, p. 60) fala o que significa consciência corporal para ela: “Para mim, a consciência corporal permite o conhecimento de si mesmo, da sua própria expressão no mundo e da comunicação com outros corpos, fundamental na Dança de Salão.” Como falado anteriormente, é só a partir desta consciência que o aluno conseguirá aprender melhor a dança e entender o que está aprendendo.

Porém, nem todos falam destes aspectos de consciência, e um exemplo disso é o entrevistado I, que relaciona a pergunta a outros fatores, dizendo que não trabalha com uma turma específica de Samba de Gafieira, trabalha os gêneros da dança de salão em blocos específicos, dentro de uma aula que tem 2 horas de duração, e, dentro disto, o Samba de Gafieira está incluso. E que quando ensina Samba de Gafieira, utiliza referências do Jaime Arôxa e do Carlos Valverde.

E, por fim, o entrevistado J tenta trabalhar metodologias diferentes, de acordo com cada turma, percebendo o que dá certo. Não utiliza de metodologia específica no ensino do Samba de Gafieira, mas busca como trabalhar as movimentações. Monta sua estrutura de aula pensando na marcação de ritmo, explicando tempo e contratempo, e a contagem da dança, além de ensinar o que é a troca de peso dentro da contagem. Prioriza que os alunos tenham uma primeira experiência, por não terem consciência de sua movimentação para, após, encaixar o ritmo dentro da base.

Portanto, é de suma importância que os professores planejem as aulas para conseguir trabalhar diversos aspectos, como transferência de peso e consciência corporal, pois é necessário ter subsídios para o que irão ensinar, para que consigam chegar ao resultado esperado. E Costa (2013) discorre sobre:

Neste momento destacamos a necessidade dos professores, de uma maneira geral, se apropriarem deste conhecimento no planejamento e no fazer de suas aulas. Também compreendemos que não há uma obrigatoriedade de fixação em uma abordagem específica durante as aulas, mas é importante conhecê-las para atuar, de diferentes maneiras, conforme a demanda e os desafios existentes durante o processo de ensino-aprendizagem. (COSTA 2013, p. 29).

Percebe-se, então, que embora nem todos os professores trabalhem com metodologias específicas, há um cuidado com o que vão ensinar aos alunos e sobre o que precisam aprender além dos passos de cada dança. Outro aspecto importante a ser mencionado, é que muitos professores relatam que as suas aulas não são

apenas voltadas para o Samba de Gafieira, que trabalham diversos gêneros de dança em suas aulas, e que o Samba de Gafieira está incluído.

Além disso, ao longo da entrevista pude captar que, mesmo os entrevistados que não mencionaram este aspecto nesta parte da entrevista, também não trabalham com aulas apenas de samba. Então, todos os professores entrevistados desenvolvem suas aulas com diversos gêneros da dança de salão, onde incluem o Samba de Gafieira nas danças ensinadas.

4.4 Referencial para as aulas

Na parte da entrevista sobre referencial teórico, foi perguntado aos entrevistados se utilizavam em suas aulas algum tipo de referencial, fossem vídeos, livros, internet e etc. Isso tudo para que se possa ter uma base do modo como cada professor se organiza para as suas aulas, e de onde extrai o material que ensina aos alunos.

Neste quesito, o entrevistado A menciona que utiliza o livro do autor Marco Antônio Perna sobre Samba de Gafieira, que traz a história desta dança e referências do samba na prática, mostrando questões que caracterizam o corpo que dança samba.

Por sua vez, o entrevistado B utiliza um material de um curso de capacitação para a dança de salão para professores, organizado por Cristóvão, trazendo toda a parte sobre educação e utilizando conceitos da rede 8 tempos.

O entrevistado C reafirma o que já havia mencionando na organização de suas aulas, que utiliza os métodos *Psy Down* e *Boton Up*, e o material de uma pedagoga brasileira.

O entrevistado D informa que não utiliza referencial em suas aulas. Já o entrevistado E diz que utiliza vídeos e filmes. E o entrevistado F também não utiliza referencial teórico. Percebe-se, então, que D e F afirmam não utilizar referencial teórico em suas aulas, um ponto que é de suma importância a ser mencionado. Porém, como coloca o E, que utiliza vídeos e filmes, pode haver, em alguns professores, a dificuldade de compreender o que seria um referencial teórico, pois não

são necessariamente apenas livros, teses e dissertações, mas também vídeos, filmes e vivências, que podem ser vistos como referenciais para suas aulas.

O entrevistado G, assim como o A, menciona o autor Marco Antônio Perna, no livro intitulado “Samba de Gafieira: A história da dança de salão brasileira”, e também fala do livro “Samba, o dono do corpo” do autor Muniz Sodré, e o “Dicionário da história social do samba”, do autor Nei Lopes.

O entrevistado H traz um aspecto que citei acima sobre utilizar outras formas de referencial teórico, mencionando como referência para suas aulas as conversas com outros professores da área.

O entrevistado I fala da utilização de um trabalho de conclusão de curso chamado “Penso, logo Danço” para referenciar suas aulas. E o F menciona o Autor Rudolf Laban, e também traz o autor Marco Antônio Perna.

Portanto, é importante ressaltar que, 30% dos entrevistados dizem utilizar o autor Marco Antônio Perna como referência, outros se utilizam de outras referências, e alguns têm dificuldade de dizer qual usam e, conseqüentemente, compreendem não utilizar nenhuma.

Porém, considero extremamente importante a utilização de referencial teórico para embasamento e preparação das aulas, para trazer sempre novas possibilidades, e não deixar que a aula fique apenas na cópia de passos, sabendo trabalhar fatores importantes nos alunos como consciência corporal, noção de espaço e de ritmo.

4.5 O Samba de Gafieira e suas vertentes

Neste tópico foi perguntado a cada entrevistado como é seu envolvimento com o Samba de Gafieira, quais professores foram responsáveis por isto, e de que vertentes ou linha estes são.

Referente a isso, o entrevistado A menciona dois professores, Diego Houwes, que estudou no Rio de Janeiro, e Sheila Aquino, que ultimamente tem trazido o conhecimento de Samba de Gafieira para a região sul.

O entrevistado B decide fazer uma organização em três pilares: o Professor Leandro Pizani, que trabalha um samba diferente que ele criou; os professores da

linha de Carlinhos de Jesus, com quem ele teve aula; e o professor Cristóvão, que ensina a linha de Jaime, porque aprendeu estes três tipos de Samba de Gafieira.

Em relação a este assunto, o entrevistado C diz que vê Jaime Arôxa como expoente titular na dança de salão no Brasil, e que, além deste samba de Jaime, reconhece o Samba de Gafieira trabalhado em Pelotas na academia Corpo & Dança como um samba mais gaúcho.

Por conseguinte, o entrevistado D ressalta seu envolvimento com o Samba de Gafieira através do professor Diego Houwes e também com professores que trabalhavam diversos ritmos de dança de salão, mas que o único que trabalha mais especificamente com o Samba de Gafieira seria Diego.

Então, até o momento, é perceptível que cada entrevistado organiza sua forma de enxergar as divisões de tipo de professores, e que um professor que aparece de forma recorrente na pesquisa é Diego.

Outro entrevistado, o E, diz que teve diversos mestres: Jaime Arôxa, que na sua fala é mais técnico e didático; e Carlinhos de Jesus, que é mais prático e espontâneo.

O entrevistado F, por sua vez, traz o exemplo do professor Denny Ronaldo, que advém da linha de Jaime, mas que, em sua visão, consegue também colocar a malandragem própria dele dentro deste samba clássico. Também cita Carlos Monatte, que mistura diversas vertentes, tendo um estilo próprio. E também Rodrigo Marques, que advém da linha de Carlinhos, mas que tem um estilo diferente.

É importante mencionar que, mesmo que não estejam categorizadas as 3 vertentes, a maior parte dos professores sempre relaciona os professores que teve com Carlinhos de Jesus e Jaime Arôxa, mostrando que são uma base, mas que os professores se apropriam desta base e as colocam a seu modo.

Neste mesmo pensamento, o entrevistado G também categoriza, dizendo que a aula de Jaime tem um estilo mais rebuscado, sendo de um samba mais elegante, mas que gosta mais do samba de Carlinhos, que caracteriza como um samba mais afro, pisado no chão. E traz também Jimmy de Oliveira, relatando que este tem outro tipo de samba, que não é seu estilo, e que gosta do samba de Marcelo Chocolate e Sheila Aquino, que é um samba mais no chão.

O entrevistado H menciona que sua grande referência é Carlinhos de Jesus. Diz que podemos aprender com o mesmo professor e dançar de modo diferente, como afirma “para que não se forme um exército de robosinhos”, achando importante que

se dance de uma forma confortável e o que mais lhe interesse. E também cita Jaime, colocando que este tem outro estilo.

Em relação ao assunto, o entrevistado I fala das aulas que fez com o professor Leandro Pizani, de Pelotas, explicando que este tem um samba diferente do professor Marcos Silva, percebendo que esta técnica diferente é uma conexão fechada, onde seria um estilo de Carlinhos de Jesus invertendo a base. Diz que acha bonito, mas não gosta de dançar. Também comenta que teve professores da técnica de Jaime e de Carlinhos, como Rodrigo Garbin, que tem a perspectiva de Jaime. Fala sobre Jimmy de Oliveira, dizendo que a dança dele tem uma marcação forte e expressiva, que chama a atenção. E que já o Jaime seria mais sentimental na dança e malandro na essência, e Carlinhos seria mais evidente sua alegria.

E por último o entrevistado J, que fala que começou com a professora Márcia Loureiro de Pelotas, que trabalha a linha de Carlinhos, e que seu contato com o estilo de Jaime foi através da internet e *workshops*. Percebe que grande parte dos professores tenta trabalhar com a linha de Jaime, mas que os estilos de Samba de Gafieira não são conflituosos, que cada um tem suas peculiaridades. Vê que vários professores misturam os dois, Jaime e Carlinhos, mas que o mercado estaria mais voltado para Jaime. Menciona também que não fez aula com Jimmy, mas que conhece seu trabalho, embora não se identifique, e que prefere um samba mais leve e brincado como o de Carlinhos, ou mais clássico como o de Jaime.

Como foi constatado anteriormente, é visível que os professores já fazem uma certa divisão do Samba de Gafieira em linhas, vertentes ou bases, onde os nomes que aparecem são Jaime Arôxa, Carlinhos de Jesus e Jimmy de Oliveira, confirmando as três bases colocadas por Perna (2005).

4.6 Referências de dança e ensino do Samba de Gafieira

Nesta parte, os entrevistados teriam que dizer em quem se espelham no modo de ensinar e de dançar Samba de Gafieira.

O entrevistado A diz que se espelha no modo de dançar em Alexandre Silva, do Rio de Janeiro, que dança um samba liso e com ginga⁵, e que no ensino, sua metodologia se aproxima da linha de Jaime, porém não se considera um professor desta linha.

Já o entrevistado B, tanto na dança quanto na metodologia, tem como referência Cristóvão, e menciona que este vem de Jaime.

O entrevistado C diz que tanto na dança como no ensino, também utiliza Jaime como referência.

Até o momento, já é visível que, no modo de dançar, os 3 professores citados acima podem até ter ícones diferentes como exemplo, mas que em relação a sua metodologia de aula, tem como base o modo de ensino relacionado a Jaime Arôxa. Porém, contrapondo com o que estes dizem, o entrevistado D, diz que não se espelha em ninguém em particular, que vê importância na memória corporal, e que não fica natural tentar dançar igual a outra pessoa.

Em relação a esta questão, o entrevistado E diz que, na dança, é uma soma de diversos profissionais, porém que, no ensino, utiliza-se da metodologia de Jaime e técnica e espontaneidade de Carlinhos.

Mais uma vez percebemos que os professores enfatizam a metodologia de Jaime. Porém, o entrevistado F, traz outros personagens em quem se espelha na dança, que são: Maurício Wetzel e Marcelo chocolate, afirmando que dançam um samba redondo⁶, e que no ensino se espelha em Maurício, explicando que, embora

⁵ O próprio nome já nos dá uma dica de como os corpos dos casais atuam neste tipo. A postura tem um ar mais aristocrático e busca-se a elegância. Os pares dançam próximos e o alinhamento é mais vertical tendendo à manutenção de um padrão mais ereto. A ginga continua presente na maneira de dançar, porém aparece mais discreta e, em minha opinião, faz uma referência à figura do estereótipo do malandro, mas apresentando mais polimento.

⁶ Samba redondo: é um samba dançado de modo mais circular, mudando as direções e diagonais.

este não tenha formação acadêmica, tem uma didática nata. Mas também nos coloca uma questão importante, dizendo que: “(...) eu acho que 90% dos professores assim, pecam muito na didática do ensino, porque falta uma formação acadêmica”.

Entretanto, em relação a esta citação do entrevistado F, percebe-se uma contradição em sua fala, pois diz que prefere a metodologia de um professor, que não vem de uma formação acadêmica, mas que através de sua vivência teria aprendido a ensinar, mas indica, ao mesmo tempo, que falta didática nos professores pela ausência de formação acadêmica, e por aprenderem apenas na prática.

O entrevistado G menciona Marcelo Grangeiro na dança e também no ensino, mas também ressalta Jaime no ensino pela sua técnica corporal, expressão e condução, sendo um professor referência. Já o entrevistado H se espelha na dança, no modo de Carlinhos de Jesus e, no ensino, no professor Ranieri Camargo.

Novamente Jaime aparece em ênfase pelo entrevistado I, que se espelha no seu trabalho tanto na dança quanto no ensino.

O entrevistado J também cita que sua referência de dança e ensino é Jaime Arôxa, mas que gosta de observar vários professores para extrair o melhor de cada um e testar em suas aulas. Portanto o nome de Jaime Arôxa está em evidência no ensino do Samba de Gafieira.

4.7 Abordagens de Ensino do Samba de Gafieira

Nesta parte da pesquisa foi perguntado aos entrevistados se eles percebiam diferentes abordagens em relação ao ensino do Samba de Gafieira e que citassem quais.

Relacionado a isto, o entrevistado A disse que percebe dois tipos de abordagem, uma onde seria o ensino do samba a partir do caráter, ginga e referência do corpo do sambista, e outra um ensino sem caráter da movimentação, para depois construir o caráter.

O entrevistado B concorda com o A, dizendo que percebe diferentes abordagens, porém as divide em linhas, e diz que, na cidade de Pelotas, tem o samba de Leandro, o de Marcos Silva, e o samba dos outros. E, além disso, afirma perceber

uma nítida diferença entre o samba do pessoal mais antigo para os mais novos. Estes dois primeiros entrevistados falam da abordagem, pensando mais em sentido de caráter da dança.

Contudo, o entrevistado C, embora concorde também que percebe diferentes abordagens, explica analisando de modo diferente, falando em relação à organização e tempos da aula. Relata que na Corpo & Dança, por trabalharem ensinando em par, a professora Caren ensina o lado da dama, e o professor Horácio o lado do cavalheiro. Já o professor Marcos Silva ensina os dois lados. E Thiago Cedrez utilizava exemplos na parte do ensino ou monitor para fazer o outro lado (cavalheiro/dama), sendo que o entrevistado C já foi monitor dele.

Mais um entrevistado afirma perceber diferentes abordagens, o D, e fala mais na relação de ensino dos passos, onde uns ensinam “pisa pisa”, outros ensinam passos, uns trabalham o samba antigo de quadrado aberto, e outros sabem que não se usa mais este tipo de quadrado.

O entrevistado E acabou não respondendo a esta pergunta. Todavia, o entrevistado F disse também perceber esta diferença de abordagem, mas falou mais em relação à didática, que uns ensinam a base começando com o pé direito, outros com o esquerdo, uns trabalham passos básicos, outros ritmos para depois o passo. Diz também que tem professores que ensinam de forma tradicional e outros mudaram sua forma de ensino. Então existe uma relação no modo do entrevistado D e F perceberem o significado de abordagem, remetendo mais a organização de passos.

Relacionado à abordagem, o entrevistado G também concorda que existem diferentes abordagens, mas assim como o entrevistado C, este faz relação com a divisão da aula e tempos, fazendo enfoque na metodologia, dando este exemplo: “(...) separado sem música, na frente do espelho e olhando o professor, depois é separado com música, na frente do espelho olhando o professor, junto sem música e depois junto com música.” Mas diz que este não é seu estilo de trabalho.

E sobre este modo de organização da aula mencionado pelo entrevistado G, essa organização na frente do espelho, existem diversas opiniões. O próprio entrevistado descreveu este modo de aula, mas disse que não é seu estilo, então já é perceptível que este profissional pensa de modo diferente em relação as suas abordagens e metodologias. Como afirma Santos (2009):

No momento de ensinar novos passos, é fundamental que o professor não fique fazendo o passo na frente dos alunos, para que o aluno não copie o passo do professor, mas pense no movimento e execute sozinho. Evita-se também que o aluno copie o movimento de outra pessoa. Mesmo sem o professor fazer o movimento, o aluno busca alguém que esteja na frente ou ao lado e tenta fazer o seu movimento olhando o tempo todo para esta referência. Provavelmente este aluno não estará **falando** seu passo, e nos movimentos mais complexos, como giros, ele vai se perder no momento em que não puder olhar o outro. O ideal é que o aluno possa ver para garantir que seu movimento está igual ao do outro em alguns momentos, mas não para copiar o passo. (SANTOS 2009, p. 44).

E este é o grande problema da utilização de espelho e exemplos, pois acabam viciando o aluno, ao ponto que este não consegue executar os movimentos sem a presença do professor para se guiar.

Já o entrevistado H, além de também concordar com o fato de existirem diferentes abordagens, relaciona essas diferenças ao tipo de Samba de Gafieira e os locais em que estes são dançados. Comenta que tem um samba mais dançado no salão, que aprendeu vendo outros dançarem nas rodas de samba. E que existe um samba voltado para o palco e as performances, e que, neste caso, muitos alunos não se divertem e não aproveitam as aulas, que seriam, neste caso, mais direcionadas a bailarinos profissionais e espetáculos.

Outro entrevistado que percebe as diferentes abordagens é o I, porém este relaciona o tema ao nome dos passos, que cada professor chama de um jeito, por cada professor aprender de forma autodidata. E fala em um aspecto relacionado à perspectiva, onde coloca que a nova geração de professores tem a mente mais aberta e busca mais referências, e que, os mais antigos, são mais reservados quanto a expor suas metodologias e aceitar opiniões.

O entrevistado J confirma o que o I menciona que, além de perceber as diferentes abordagens, também as organiza em uma forma de ensino mais tradicional e outra que busca mais liberdade na dança.

Em relação ao ensino tradicional, Santos (2009, p. 34) comenta que, desde o surgimento do balé clássico, é frequente o uso da demonstração, repetição e memorização, utilizando o espelho, aonde os alunos copiam as sequências do professor, e discorre: “Não há questionamentos, justificativas para determinado esforço, explicações ou contextualizações dos exercícios”.

Portanto algo importante a ser mencionado é o significado de abordagem, pois cada professor respondeu pensando em um aspecto diferente, talvez por não ficar bem claro para todos o que é uma abordagem, e quais tipos existem de abordagens na dança, na dança de salão e no Samba de Gafieira. E, sobre o assunto, Santos cita Ferraz e Fusari (1993), que identificam concepções de abordagem na educação brasileira, e classifica-as em: político, histórico e metodológico e, após, descreve cada uma:

Ferraz e Fusari (1993) fazem uma relação das abordagens pedagógicas com o ensino de arte em suas várias modalidades (desenho, pintura, gravura, modelagem, escultura, música, dança, teatro, vídeo etc.). Esses autores identificam as concepções que vão surgindo na história da educação brasileira, descrevendo-as e classificando-as de acordo com determinados pontos de vista: político, histórico e metodológico. (FERRAZ e FUSARI apud SANTOS 2009, p. 33).

4.8 Diferentes didáticas no Samba de Gafieira

Sobre esta questão, foi perguntado aos entrevistados se percebiam diferentes didáticas em professores conhecidos e, se percebiam, se poderiam citá-las e explicá-las.

O entrevistado A menciona apenas uma didática, onde o ensino é baseado na demonstração de movimentos. Já o entrevistado B, diz que percebe diferentes didáticas, mas que isto depende do que cada professor acredita.

O entrevistado C também percebe diferentes didáticas, e dá o exemplo de professores que trabalham sozinhos e, por isso, ensinam tanto o lado da dama quanto o do cavalheiro. E de casais que trabalham juntos e cada um demonstra seu lado. Até aqui já se consegue perceber que um fala sobre demonstração de movimentos, outro sobre o que o professor acredita, e outro sobre ensinar passo de dama e cavalheiro, destoando bastante no sentido de “o que seria didática.”

Já o entrevistado D, assim como o A, vê semelhança nas didáticas, pelos professores trabalharem muito sem música e praticarem pouco, e também se deter pouco na musicalidade. Já o entrevistado E não respondeu esta questão.

O entrevistado F diz que vê diferença sim, mas mais na forma de mostrar do que na didática, dizendo que falta didática para a maioria dos professores.

Então, até agora, cada um trouxe um exemplo diferente no que se refere à didática. E é aí que me pergunto, o que é didática? E os professores que estão falando, sabem o que é? Pois parece ser algo que não está bem compreendido por todos os entrevistados, por isto trago Libâneo (2008), que diz:

A didática é um campo disciplinar e investigativo ainda bastante questionado no campo da educação, mas, também, visivelmente em expansão. Quanto aos questionamentos, são conhecidas e identificáveis as resistências em reconhecê-la em seu *status* científico e em seu papel na formação de professores. Pesquisadores e professores de cursos de licenciatura a desprestigiam pela suposta fragilidade de seu objeto de estudo ou por seu caráter demasiado antiquado e obsoleto, desmotivando os futuros professores para seu estudo. (LIBÂNEO, 2008. p. 2).

Sobre este assunto, outro entrevistado, o G, diz que não vê diferença, que a diferença está na forma como abordam.

O entrevistado H já discorda do G, e diz que vê diferença pelo jeito de dançar que a didática de cada professor é diferente.

Em se tratando do entrevistado J, ele concorda com o H, dizendo que acredita que existem diferentes didáticas, mas porque os professores estão buscando se aperfeiçoar, buscando novas metodologias para agregar nas aulas.

Portanto, a grande dificuldade desta questão é perceber que não está bem definido para todos o que é uma didática, por misturarem às vezes com abordagem e metodologia, e isto é algo que deve ser repensado e estudado. Por isso, vejo a importância de os professores buscarem maior formação não só em gêneros de dança, mas também uma formação como professor, onde aprendam o sentido de didática, metodologia e outros conceitos, para que saibam empregá-los da maneira certa.

Barbosa e Freitas (2011) falam da importância de estudar didática no ensino superior, para que cada sujeito consiga exercer sua capacidade crítica e de reflexão sobre o que aprendeu ao longo do processo de ensino e aprendizado. Este é um fato bem perceptível, porque muitos professores apenas aprendem e repassam informações, sem pensar no que aprenderam e sem refletir sobre o assunto. E Barbosa e Freitas (2011, p. 7) dizem: “Os educadores enquanto seres sociais que transformam a realidade quando realizam sua prática, precisam estar conscientes da base teórica, a fim de se orientar por ela ao mesmo tempo em que a teoria se alimenta da prática”.

Com isso, pode-se perceber a importância de o profissional da dança e de qualquer outra área estar sempre em constante aprendizado, e não achar que o que já aprendeu é o suficiente para não estudar mais, pois sempre haverá novos caminhos, metodologias e meios para melhorar seu desempenho e ajudar no aprendizado dos alunos. Portanto, concluiu-se que 5 professores percebem diferença na didática em professores conhecidos, outros 4 não percebem diferença e um entrevistado não respondeu a esta questão.

4.9 Comparação ao modo de dançar e ensinar de Jaime Arôxa, Carlinhos de Jesus e Jimmy de Oliveira

Nesta pergunta, os entrevistados foram questionados quanto ao seu modo de dançar e dar aula, e se nestes quesitos eles teriam alguma relação com as três vertentes do Samba de Gafieira: Jaime Arôxa, Carlinhos de Jesus e Jimmy de Oliveira. E conseguiu-se perceber a grande diversidade de respostas de cada professor, do que utiliza como referência para a dança e o ensino. Abaixo está organizado em ordem alfabética o que cada entrevistado respondeu.

Para melhor compreensão dos resultados, foi feito um quadro de respostas, para então compreender a quantidade de vezes que cada profissional mencionou um dos três referenciais, seja no ensino ou na dança:

Ensina só Carlinhos de Jesus: Ensino: 3	Ensina só Jaime Arôxa: Ensino: 4	Jimmy de Oliveira: Ensino: 0	Mescla Ensino: Jaime + Carlinhos: 3
--	---	---	--

Dança: 2	Dança: 3	Dança: 0	Dança: Jaime+Carlinhos+Jimmy: 1 Carlinhos + Jimmy: 1 Jaime + Carlinhos: 3
-----------------	-----------------	-----------------	--

Pode-se concluir que existe uma diversidade nos resultados em relação ao modo de dançar e ensinar de cada professor, e que muitos utilizam uma mistura de referências ou na dança ou no ensino, porém conseguimos perceber que, embora exista a influência de Jimmy de Oliveira no trabalho dos entrevistados, nenhum trabalha com esta vertente do Samba de Gafieira, que é o samba funkeado.

4.10 Vertentes: Aprendizado e ensino.

Perguntou-se aos entrevistados, qual das três vertentes citadas, Jaime Arôxa, Carlinhos de Jesus e Jimmy de Oliveira, estes aprenderam e ensinam, para ter uma resposta mais exata de por que alguns professores só trabalham com um método, pois podem ter aprendido somente aquele.

Então, respondendo a esta pergunta, o entrevistado A disse que aprendeu pouco o samba funkeado, que é o samba de Jimmy de Oliveira, e que dança e ensina uma mescla de Jaime e Carlinhos. Já os entrevistados B e C, falaram que aprenderam e ensinam a vertente de Jaime.

Um pouco diferente dos anteriores, o entrevistado D aprendeu e ensina uma mescla de Jaime e Carlinhos, como o entrevistado A que também ensina estes dois. Um dos entrevistados que diz que aprendeu as três vertentes, é o entrevistado E, que ensina uma mistura das três.

Destoando dos professores anteriormente citados, o entrevistado F comenta que aprendeu e ensina a vertente de Carlinhos, mas que seu trabalho tem influência de Jaime e de Jimmy. Por conseguinte, o entrevistado G diz que o que mais aprendeu

foi a vertente de Jaime, mas que aprendeu um pouco das outras duas, e que ensina uma mescla das três também.

O entrevistado H, assim como o F, aprendeu e ensina a vertente de Carlinhos, já o entrevistado I nos conta que aprendeu Carlinhos e Jaime, mas também aprendeu com Carlos Valverde, e que ensina uma mescla de Jaime e Carlos. Este foi o único que mencionou outro nome diferente das vertentes bases. Continuando, o entrevistado J aprendeu e ensina Jaime.

Abaixo está um quadro, para que se possa compreender melhor esta divisão do que cada um aprendeu e ensina, e do se evidencia mais no ensino e dança do Samba de Gafieira na cidade de Pelotas:

Só Carlinhos de Jesus	Só Jaime Arôxa	Só Jimmy de Oliveira	Mescla
Aprendeu: 2	Aprendeu: 3	Aprendeu: 0	Aprendeu: Carlinhos + Jaime: 3 Carlinhos+Jaime+Jimmy: 2
Ensina: 2	Ensina: 4	Ensina: 0	Ensina: Jaime +Carlinho: 2 Jaime+Carlinhos+Jimmy: 2

4.11 Outros aspectos mencionados

Nesta última parte da entrevista, foi perguntado aos entrevistados se estes gostariam de mencionar algum aspecto importante em relação ao Samba de Gafieira, tanto na cidade de Pelotas quanto no Brasil, para saber se tinham alguma questão que consideravam importante comentar.

Então, o entrevistado A disse que não havia mais nada para falar e que se sentia contemplado. O entrevistado B mencionou os tipos de Samba de Gafieira

existentes em Pelotas, dizendo que alguns dançam uma linha de samba mais reta e outros de forma circular. Referiu-se também sobre o cuidado como profissional que o professor deve ter, do que este irá passar ao aluno, pois podem se deparar com outros modos de dançar e acharem que não sabem dançar, e diz: “Eu sempre digo assim: quando tu vais fazer um curso de culinária, de gastronomia, tu vais aprender a fazer o bolo de um jeito. Quando tu chegares na tua casa, tu vais mudar alguma coisa daquela receita. Então isso é perigoso.”

E isso é algo que é preciso ter cuidado quanto professor, em que medida podemos modificar aquilo que aprendemos, pois isto pode desfazer a base da dança ou, se for o caso, mostramos como esta dança é em sua base e após dizemos outros modos de dançar esta, para não negar a verdade ao aluno. E por fim, este entrevistado diz que é importante saber pegar o que é bom de cada profissional, mas que não se pode confiar totalmente sem antes questionar a informação.

Um pouco em relação ao que o entrevistado B havia mencionado sobre o que passar ao aluno, o entrevistado C relata que percebeu limitações dos alunos no universo que o professor oferece, por ficarem condicionados. E fala de seu cronograma que trabalha a desconstrução, para dar liberdade ao aluno, mostrando que existem vários caminhos. Já o entrevistado D diz que é preciso enfatizar o Samba de Gafieira, porque o sertanejo e o pagode estão na moda, por isso dar ênfase ao Samba de Gafieira é tão importante para o Brasil, quanto o Tango na Argentina, e relata: “Então tem gente que entra na academia”: “ah, eu quero aprender a dançar Tango”. “Não, mas é que tu não conheces o samba.” E após explica para o aluno a importância da história desta dança e sua elegância.

Então, dos 3 entrevistados anteriores que deram suas opiniões, existem diferentes assuntos, mas todos envolvidos de certa forma: o pensar no aluno; no que este aprende; nos diversos caminhos que ele pode trilhar; e no quanto o Samba de gafieira é importante para a nossa cultura brasileira.

O entrevistado E acaba indo mais pelo caminho de contar um pouco a sua história, relatando suas vivências em dança, premiações e comentando que teve a experiência de dançar com Maria Antonieta.

O entrevistado F traz outro aspecto ainda não comentado na pesquisa, onde fala da consciência corporal, que no Rio Grande do Sul tem mais relação com a nossa cultura, com a dança mais braçal. Em sua opinião, esse aspecto dificulta a dança de alto nível, pois o entrevistado vê o Samba de Gafieira como uma dança de casal, que

precisa de sintonia entre os corpos, olhares e, aqui no Sul, utiliza-se muito mais a dança apenas com os braços, e diz que a dança é mais que só dois braços. Dá ênfase ainda à falta de estudo, capacitação e inovação, e diz que os professores têm que procurar mudança, e melhorar com quem é referência no samba, que são os cariocas, dizendo que: “E eu acho que tem que partir da gente querer procurar o novo, querer procurar a mudança”.

Pensando nos diversos gêneros de dança de salão, o entrevistado G diz: “Daí eu acho que esse é o maior erro, é meio um crasso que tem dentro da dança, a pessoa achar que aprende um ritmo dançando só aquele gênero.” Pois como afirma, pode-se aprender algo em uma dança e ser útil para outra dança, pensando em uma aprendizagem global, e não só aprender acumulação de passos, mas também como se expressar em cada gênero.

Por outro lado, o entrevistado H trouxe um assunto mencionado anteriormente pelo entrevistado D, falando da importância do Samba de Gafieira e de sua história em Pelotas, declarando que é uma cidade boêmia, e que aqui aprendeu muito com pessoas que nunca foram profissionais da dança. Falou de locais importantes na cidade onde as pessoas dançavam Samba de Gafieira, tocavam e cantavam samba. E nos conta:

“Mas, por exemplo, um local que era um berço aqui para o samba aqui em Pelotas e chorinho, era o Liberdade, o pessoal ia dançar no Liberdade, tinha gente que dançava muito Samba de Gafieira e que nunca tinha feito uma aula de Samba de Gafieira.” (entrevistado h).

E também declara que não podemos dizer a uma pessoa que está dançando errado, só porque aprendemos de outra forma, sendo que esta dançou toda a sua vida assim. E explica que abandonou os cursos de dança por bitolarem as pessoas na técnica. Termina dizendo que Pelotas não tem lugares específicos para dançar dança de salão que tenham espaço, e que principalmente não tem lugares para o samba.

O entrevistado I acaba relatando um assunto semelhante ao entrevistado H, dizendo que Pelotas não tem uma cultura de Samba de Gafieira, e por isso não existe procura, e que, além disso, existe a questão da regionalidade e da música tradicionalista. E cita uma banda de Pelotas que está rodando o Brasil em rodas de samba e de Samba de Gafieira, que se chama “Pelo Telefone”. E complementa:

“Suvaco de Cobre é outro grupo também de senhores que tocam samba de raiz mesmo, assim de tu se emocionar e se arrepiar quando dançam”.

Contudo, o entrevistado J aponta que o Samba de Gafieira tem crescido muito através da televisão, e que suas vertentes têm mudado, pois embora exista Jimmy, Carlinhos e Jaime, os professores não se restringem a uma técnica, e cada um tem sua didática. Informa também que, em Porto Alegre, no Gafieira Club, existe uma organização de professores onde discutem dança, e que isto é o que falta aqui na cidade, estabelecer uma relação entre os professores, para não se isolarem. Fala que precisamos de mais professores na área com engajamento, e que é preciso diminuir esta competitividade entre todos, pois mesmo na origem do samba, no Rio de Janeiro, os professores fazem aulas na academia dos outros, sem ficar restritos a sua escola, porque isto não quer dizer que irá roubar aluno.

Relata também que algo muito positivo para Pelotas foi a criação do curso de dança, que trouxe mais oportunidades, saindo do comodismo, terminando o curso com uma visão mais abrangente de metodologias de dança e formas de lidar com os alunos, isto tudo que era muito restrito à academia, um aprendizado que era quase um ofício, e diz: “Mas aqueles professores que não têm necessariamente uma formação acadêmica na área da dança, também força eles a terem que trabalhar, trabalhar no sentido de se especializar.” E completa dizendo que, conforme o mercado aumenta, aumenta a concorrência e os professores especializados na área, e isto força todos a se movimentarem e todos ganham com isso, tanto professores, quanto alunos.

E realmente às vezes há certa distância entre professores de academia e a universidade, porém muitos não percebem a importância que um curso de formação traz para a área em termos de análise e melhora nos estudos e pesquisas. Muitos acabam se afastando, achando que isto os fará perder seu local de trabalho, ou que vá diminuir seu aprendizado por não ser graduado, mas não compreendem que as duas coisas estão ligadas, e que a ideia é todos crescerem junto, aumentando o mercado de trabalho e a procura e gosto pela dança e pelas artes na cidade.

Considerações Finais

Após a análise de todas as entrevistas realizadas, posso então fazer as considerações sobre as formas de ensino do Samba de Gafieira, salientando que cada professor tem seu modo de ensino não somente a partir das bases do Samba de Gafieira, mas também através de suas vivências em outras danças.

Percebe-se, então, que existem duas formas de ensino, a tradicional e uma mais contemporânea, atual. A primeira trabalha mais sob a figura do professor, onde a aula se baseia muito na repetição de movimentos. Na segunda, além da repetição de movimento, o professor se detém em outros aspectos da dança como consciência corporal, ritmo e transferência de peso, entre outros.

Em relação à abordagem de ensino e didática, ainda há muitas lacunas onde, aos poucos, através do estudo e aperfeiçoamento, os professores vêm compreendendo melhor estes dois aspectos. Isto tudo para que entendam melhor os alunos e saibam como ensinar cada um, e o que se adequa melhor a cada turma.

Outro aspecto que precisa ser bem estudado e principalmente conversado é o referencial teórico que, para muitos professores, parece não estar bem definido, sendo esta parte é de grande importância para o planejamento das aulas de dança de salão e para um bom resultado com os alunos.

Através de toda esta pesquisa, além de compreender a organização das vertentes bases do Samba de Gafieira na cidade de Pelotas, são referenciados alguns autores: Carlinhos de Jesus, Jaime Arôxa e Jimmy de Oliveira, como base desta dança. E, além disso, foi constatado, ao longo da análise dos dados, que estes três nomes eram os que mais apareciam nas pesquisas como referência, mas que alguns outros nomes também surgiram ao longo da pesquisa.

Pode-se constatar que cada professor entrevistado tem referências de professores base desta vertente, mas também de outros vários professores. E que existe uma grande mistura de referências na aula de cada professor citado aqui. Portanto, há tantas variações de Samba de Gafieira em Pelotas, pois cada professor

entrevistado, além das vertentes bases, se referencia em outros profissionais, e utiliza suas vivências na dança e em diversos gêneros.

Esse aspecto indica a existência de muitas vertentes deste gênero de dança, não apenas na cidade de Pelotas como em todo Brasil. E que parece ser algo que tende a se misturar cada vez mais. Porém, é preciso estar atento, para que nesta mistura de referências não se perca as características principais desta dança.

Contudo, como dito anteriormente na história do Samba de Gafieira, este foi criado a partir de diversas influências de danças brasileiras e estrangeiras, que o fizeram ser como é, e isto mostra um pouco da nossa brasilidade, que é esta nossa mistura de raças e culturas.

A tendência é de que a cada dia as danças se modifiquem, pois isto é inevitável. Assim como as pessoas mudam, a sociedade muda e, com ela, sua cultura também se transforma, e então a dança se modifica também. E isto pode sim ser visto como algo bom, como progresso até mesmo de nossas movimentações e maneira de se expressar.

Mas enfatizo, mais uma vez, a importância de se saber modificar detalhes dessa dança, sem que esta se perca no tempo, podendo deixar de existir. Porque através da dança podemos manter a nossa cultura, manter viva a nossa essência, a essência do povo brasileiro, que é tão híbrido quanto a sua dança.

E com os resultados da pesquisa, é perceptível que os objetos almejados no início deste trabalho foram alcançados, pois foi possível organizar todos professores atuantes na dança de salão que trabalham com Samba de Gafieira, entrevista-los e comparar suas respostas. Chegando à conclusão de que realmente existe grande influência das vertentes base do Rio de Janeiro, no Samba de Gafieira ensinado na cidade de Pelotas, e que a partir destas vertentes se formaram diversas variações de Samba de Gafieira.

Para finalizar esta pesquisa, deixo aqui o meu relato sobre a importância de se pesquisar e estudar diversos assuntos, para se ter um melhor entendimento da área em que se está atuando e, portanto, perceber caminhos e respostas que jamais imaginaríamos, nos fazendo mudar e, principalmente, nos levando à renovação.

Referências Bibliográficas

AFONSO, Andrea Scalon. **Teorias de Aprendizagem:** uma contribuição metodológica ao ensino da dança de salão. Artigo. 2009. Disponível em: <<http://www.dancadesalao.com/agenda/TeoriasAprendizagemContribuicaoMetodologicaEnsinoDanca.pdf>>. Acesso em: 20 de abril de 2016.

ARÔXA, Jaime. <<http://jaimearoxaipanema.com.br/site/>> Acesso em 20 de dezembro de 2017.

BARBOSA, Flávia Aparecida dos Santos; FREITAS, Fernando Jorge Correia de. **A didática e sua contribuição no processo de formação do professor.** 2011. Disponível em: http://fapb.edu.br/media/files/35/35_1939.pdf

CORRÊA, Josiane Franken; NASCIMENTO, Flávia Marchi. **Ensino de dança no Rio Grande do Sul:** um breve panorama. Campinas, SP. V2. P. 53-68. 2013.

COSTA, Luciano Mello. **Samba de Gafieira:** um estudo comparativo entre duas metodologias de ensino. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Licenciatura em Dança. Universidade Federal de Pelotas, pelotas, 2014.55p.

Disponível em:

<<http://pergamum.ufpel.edu.br:8080/pergamumweb/vinculos/000084/000084d9.pdf>>

Acesso em: 10 de maio de 2016.

EHRNENBERG, Mônica caldas - **a dança como conhecimento a ser tratado pela educação física escolar:** aproximações entre formação e atuação profissional - universidade estadual de campinas faculdade de educação física campinas 2003.

FEITOZA, Jonas Karlos de Souza. **Danças de Salão: Corpos Iguais em Seus Propósitos e Diferentes em suas Experiências.** Mestrado em DANÇA. Salvador, 2011. Disponível em:

<<https://www.repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8141/1/DISSERTACAO%20JONAS.pdf>> Acesso em: 15 de setembro de 2016.

FERRAZ, Maria Heloísa Correa de Toledo & RESENDE e FUSARI, _____. **Metodologia do ensino da arte.** São Paulo: Cortez, 1993.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009. (Educação a Distância, 5)
- GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184 p.
- GRANGEIRO, Marcelo. **Ai, pisaram no meu pé!**: um novo conceito em aprendizagem e ensino da dança de salão. São Paulo: Scortecci, 2014. 141p.
- JESUS, Carlinhos de. <<http://www.carlinhosdejesus.com.br/>> Acesso em: 20 de dezembro de 2017.
- JOSÉ, Ana Maria de São. **Samba de Gafieira**: Corpos em contato na cena social carioca. Programa de Pós Graduação em ARTES CÊNICAS. Salvador, 2005.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade e. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- _____, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade; **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas 2010. 297 p.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2008.
- GUALDA, Luciana Rosa & SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão. **FORMAÇÃO PARA O ENSINO DE DANÇA**: pensamento de professores/ Formation for the teaching of dance: teachers' thought. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 8, n. 23, p. 207-220, jan. /abr. 2008.
- OLIVEIRA, Jimmy de. <<http://www.jimmydeoliveiravilavelha.com/jimmy-de-oliveira.html>> Acesso em 20 de dezembro de 2017.
- PERNA, Marco Antonio. **Samba de Gafieira – a história da Dança de Salão Brasileira**. 2ed. Marcos Antonio Perna, 2005. 212 p.
- _____, Marco Antonio. **200 anos de dança de salão no Brasil**. Volume 2. Rio de Janeiro. 2012. 160 p.
- SANTOS, Solange Gueiros dos - **“penso, logo danço”**: método para ensino de **dança de salão**. Trabalho complementar do curso de licenciatura em pedagogia da universidade de São Paulo. orientador: prof. dr. Marcos Garcia Neira. universidade de São Paulo. Faculdade de educação São Paulo, 2009.
- SILVA, Carmi Ferreira da. **Por uma história da dança**: Reflexões sobre as práticas historiográficas para a dança, no Brasil contemporâneo. Salvador, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8696>> Acesso em: 5 de agosto de 2016.
- SILVA, Maria Graziela Mazziotti da; Schwartz, Gisele Maria. **Por um ensino significativo da dança**. Movimento - Ano VI - Nº 12 - 2000/1.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

ZAMONER, M. **Dança de salão:** a caminho da licenciatura. Curitiba. Prottexto. 2005.

Anexo

Entrevista

1) Dados de identificação:

- a- Nome:
- b- Idade:
- c- Formação:

2) Perfil e atuação profissional:

- a- Onde se especializou em dança de salão?
- b- Especializou-se em samba? Onde?
- c- Onde leciona? Quanto tempo?

3) Trajetórias e práticas pedagógicas:

- a- Como iniciou a sua história com o samba de gafieira? Quais foram teus professores neste gênero de dança?
- b- Como você organiza as suas aulas de samba de gafieira?
- c- Você utiliza referencial teórico? Quais?
- d- Gostaria de saber seu envolvimento com o samba de gafieira, se teve professores distintos desta dança?
- e- E se você se espelha em alguém no modo de dançar samba de gafieira? E no ensino?
- f- Percebe diferentes abordagens de ensino do samba de gafieira? Quais?
- g- Vê diferença na didática do samba de gafieira em professores conhecidos?
- h- E comparado ao seu modo de dançar e dar aula, o que vê de diferente em seu próprio trabalho ou em comum ao trabalho de Jaime Arôxa, Carlinhos de Jesus e Jimmy de Oliveira?
- i- Qual destas três vertentes anteriores citadas a cima você aprendeu? E ensina?
- j- Gostaria de mencionar algum aspecto importante que não foi perguntando?

Apêndices

Apêndice 1

Entrevistado A

Larissa: Bom. Para começar então a nossa entrevista aqui com o _____ hoje, eu gostaria de saber todo o teu nome, idade, formação.

Entrevistado: Meu nome é _____, eu tenho 30 anos, eu sou graduado em Matemática, sou mestre em Educação em Ciências e também sou graduado em Dança Licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas.

Larissa: Onde você se especializou em Dança de Salão?

Entrevistado: Então... A minha especialização em Dança de Salão, ela começou em grupos de dança. Meu primeiro contato com a dança foi numa companhia de dança da minha cidade, em Rio Grande, Ritmos Cia de Dança, onde eu tive contato com vários gêneros de dança, entre eles a Dança de Salão. Foi onde começou a minha paixão. A partir disso eu comecei a fazer aula na academia Art & Manhas. A professora de lá na época era a Raquel Pereira. Fiquei 5 anos estudando com ela como aluno, como monitor, depois como parceiro dela. Artisticamente trabalhando junto com ela como parceiro. E a partir de então até esse momento a Raquel Pereira era minha referência de professora. A partir disso então, eu comecei um trabalho na Companhia de Dança onde eu era o diretor de uma companhia e responsável pela Dança de Salão. A partir disso eu comecei a fazer cursos em Porto Alegre com professores, alguns professores de Porto Alegre, mas também com muitos professores que vem de São Paulo, Rio de Janeiro para ministrar workshops em Porto Alegre. Então a minha especialização começou aí. Eu tive essa formação inicial com a Raquel, mas depois quando eu comecei a trabalhar de forma independente, eu comecei a buscar esses cursos, que aconteciam esporadicamente. E até então ainda faço, ainda busco. Primeiramente eu buscava cursos que trabalhavam com vários ritmos, com vários gêneros de dança então samba, forró, bolero, enfim.

De um tempo para cá, de uns 3 anos para cá eu comecei a buscar apenas cursos que eram específicos de determinado ritmo, de determinado gênero de dança, para ter uma formação mais especializada. E também cursos voltados para a formação de professores de dança. Eu estou fazendo um curso na Oito Tempos. Estou fazendo dois cursos. Um curso com ênfase em dança pessoal, para melhorar, aperfeiçoar a minha técnica enquanto bailarino e também estou fazendo um curso de formação de

professores com ênfase em metodologia. Que é um curso que está... E todos os cursos têm duração de 1 ano. São 10 encontros. E cada encontro tem 8h/a, onde a gente tem todo esse contato com a questão metodológica, a questão histórica da Dança de Salão, questão prática, experiência de ensino. Então há simulação com a tua turma de situações didáticas que podem acontecer na sala de aula, sendo essa formação voltada para o espaço não formal, para o ensino em academias, grupos de dança, enfim. Basicamente é isso.

Larissa: E a especialização em Samba de Gafieira, já uma coisa mais específica?

Entrevistado: Então, o Samba de Gafieira. Acredito que aqui pela minha localização, Rio Grande (eu morava em Rio Grande, agora estou morando em Pelotas) muitos cursos vêm de Samba de Gafieira. Então com a especialização que eu tive, específica de Samba de Gafieira, foi nos workshops de cursos específicos desse gênero. Aqui na região nunca tive a oportunidade de participar de uma turma de samba, específica. Já ministrei, inclusive, cursos de samba, cursos de outros gêneros, mas meu contato basicamente com o samba é esse, quando tem algum evento que é só de samba. Eu sempre busco participar, porque é um dos meus gêneros principais, no meu trabalho, que eu tendo fazer.

Larissa: E onde leciona, e há quanto tempo?

Entrevistado: Atualmente eu leciono na academia Art & Manhas em Rio Grande. Eu estou há 1 ano e 1 mês, 1 ano e 2 meses. Isso na cidade de Rio Grande.

Na cidade de Pelotas leciono na academia Adágio, onde eu estou por volta de 2 anos também.

Larissa: Bom! Agora eu queria saber mais das tuas trajetórias e práticas pedagógicas e saber como é que tu iniciaste a tua história com o Samba de Gafieira e quais foram teus professores neste gênero de dança. Podem ser os principais professores, que para ti são principais nesta área do Samba de Gafieira.

Entrevistado: Então, a minha história com o Samba de Gafieira iniciou com o Samba no Pé. Sempre gostei do Samba no Pé, sempre gostei de Carnaval. E além de ter essa ligação com o Samba no Pé, eu me interessei pelo Samba de Gafieira, pelo Samba a dois. Os principais professores que eu tive, na verdade que eu destaco, as principais influências do samba em nível nacional, que eu não tive a oportunidade de fazer aulas exemplares com eles, mas fiz aulas em alguns eventos, eu destaco Camila e Ricardo, que é um casal do Rio de Janeiro que eles têm um trabalho voltado dentro da história do Samba de Gafieira, para a questão das movimentações, visitar as

gafieiras antigas, que estão fazendo de certa forma um resgate de movimentações que eram utilizadas no salão com essas pessoas que não estão mais na ativa.

Então eles não estão olhando para a dança dos professores, estão olhando para a dança de pessoas que frequentavam bailes, que tinham outras profissões. Eles têm feito um trabalho muito bonito com o samba, de trazer essas movimentações novamente para o samba, para o samba atual.

Então esse é um casal que eu já fiz aula com eles em algumas oportunidades e eu considero uma grande referência.

Fiz também com Sheila Aquino, que para mim é uma referência de dama. Não só para mim, mas é uma referência nacional.

Larissa: É uma referência nacional mesmo.

Entrevistado: ...de Dança de Salão e de Samba de Gafieira. Principalmente pelo trabalho dela com as damas. E eu me inspiro muito no trabalho dela para formar as minhas damas.

Taís Benite, que é uma das profissionais que estão dando continuidade ao trabalho da Sheila, que vem da mesma linha. Eu já fiz aula em alguns momentos com ela também, eu gosto muito da Taís.

E são tantos que é difícil enumerar. A Brenda...

Larissa: Ah, sim, só os principais.

Entrevistado: Tem muitos assim, que eu já fiz aula mais de uma vez e eu gosto bastante.

Larissa: Ah, sim. Mas os que mais te marcaram mesmo foram esses então.

Entrevistado: Acho que são esses. Sheila Aquino está no topo da minha lista.

Larissa: Sheila Aquino.

Como você organiza as suas aulas de Samba de Gafieira? Tem alguma metodologia própria, tem alguma organização da tua aula?

Entrevistado: Sim. As minhas aulas de Samba de Gafieira... Na verdade é de um gênero de dança que eu, quando eu comecei a lecionar, era um dos ritmos que eu menos gostava de ensinar. Porque as pessoas geralmente têm maior dificuldade com o samba do que com outros gêneros. E é uma metodologia específica, e eu tento simplificar ao máximo. Então eu trabalho com as unidades básicas do samba, que eu considero o Quadrado Fechado, que é o passo básico, e também o Balanço.

Então eu faço um trabalho encima disso, inicialmente. Deixar os alunos ficarem bem firmes nessas duas movimentações e na transição entre elas. A partir disso então, eu

começo a trabalhar com as Chegadas ao Lado, e aí introduzo o Cruzado, também chamado de Viradas. Introduzo movimentos que não exijam torção tanto do cavalheiro. Começando com movimentos que trabalham com o samba mais circular, que são sem maior dificuldade. Então eu trabalho com movimentos retos. Cruzado, pula cerca, alguns giros da dama, giro interrompido, no caso as movimentações que se trabalham mais em linha reta.

Larissa: Sim.

Entrevistado: Eu trabalho muito a transição entre elas.

Então eu acho que a minha aula específica de samba é basicamente isso no nível iniciante. Para depois disso então começar a introduzir outros elementos para levar o aluno ao improviso.

Larissa: Sim. Bom! Além disso, você utiliza algum referencial teórico? Claro que a gente utiliza vários referenciais sempre. Mas algum que assim, está sempre ali em tudo o que tu produces para a tua aula e em tudo o que tu planejas, que tu utilizas.

Entrevistado: Eu acho que quando se pensa em samba, não tem como não pensar no livro do Perna, “Samba de Gafieira”, que conta a história do Samba de Gafieira, que é uma história que se confunde com a história da Dança de Salão no Brasil. Que traz toda essa questão das raízes europeias com as Danças Folclóricas. E de fato nossa dança vem se formando a partir daí.

Larissa: Essa mistura toda.

Entrevistado: Então, com certeza sempre está presente. Mas o referencial na minha prática, eu acho que ele aparece principalmente quando eu quero trabalhar alguma questão histórica obviamente, mas também questão de caráter da dança.

Larissa: Sim, de manter aquele caráter.

Entrevistado: Na minha metodologia de samba, eu inicio o meu trabalho com ela sem dar ênfase para o caráter, para facilitar a coordenação do movimento, que tem tempo, contratempo. Isso é um pouco complicado para os alunos no início. Depois disso eu começo a colocar a questão de trabalhar o caráter. E aí eu trabalho as referências do samba, que (...) Trago essas referências para mostrar as questões que caracterizam o corpo que dança samba.

Larissa: Sim. Gostaria de saber sobre o seu envolvimento com o Samba de Gafieira. Se teve professores distintos dessa dança.

Tu já deste exemplo aqui de alguns professores que são ícones para ti. Mas tu tiveste vários professores além desses, não é?! Isto nos workshops, em outros lugares.

Então, além daqueles principais, tu lembras de mais alguns? Talvez aqui perto, por Pelotas, por Porto Alegre.

Entrevistado: Há alguns anos já que a gente tem o Diego Houwes, que é rio-grandino, mas teve um tempo no Rio de Janeiro estudando samba com a Sheila Aquino, citada anteriormente.

Larissa: Ela de novo.

Entrevistado: Ela novamente aparece. E tem trazido para nós esse conhecimento, para a nossa região aqui. Então acho que é um nome que está dedicado ao samba que está aqui na nossa região. Está em Pinheiro Machado, mas que atua também em Rio Grande, em Pelotas. Eu acho que é um nome importante para o Samba de Gafieira local.

Larissa: E você se espelha em alguém na forma de dançar e de ensinar samba?

Entrevistado: Na forma de dançar samba, para mim o grande cavalheiro é o Alexandre Silva, do Rio de Janeiro. Para mim é um cavalheiro que eu me espelho muito na dança dele. Porque ele tem uma dança, um samba limpo, um samba liso, e ao mesmo tempo um samba com ginga. Acho que é um cavalheiro que ele consegue adequar essas duas qualidades no samba. Mantém a elegância, mantém toda aquela malandragem que é típica do malandro, mas com uma movimentação limpa, uma movimentação leve. Então para mim esse é um cavalheiro que eu destaco, que eu tenho como uma referência.

Larissa: E de ensino?

Entrevistado: De ensino, eu não tive uma formação em uma escola de dança. A minha formação ela aconteceu inicialmente pela transposição dos conhecimentos que eu tinha da minha formação em matemática. Então a partir da minha transposição dos conhecimentos que eu tinha pedagógicos da matemática, eu comecei a construir a minha prática pedagógica em dança após, fiz um mestrado, fiz “Metodologias de Ensino”. Então mais ou menos eu pensei no ensino da dança nesse viés. Depois eu fiz uma graduação em dança. E paralelamente a isso eu tive a minha formação com todas as experiências que eu tive com workshops, várias pessoas que me atravessaram. Atravessaram o meu...

Larissa: A tua metodologia, sim.

Entrevistado: Atravessaram a minha formação.

Hoje eu me aproximo mais da linha do Jaime. Da linha do Jaime Arôxa. Mas não me considero um professor dessa linha. Mas se eu tivesse que me aproximar de alguém, eu acho que seria dessa linha.

Larissa: Que seria do Jaime.

Tu percebes diferentes abordagens do ensino do Samba de Gafieira?

Entrevistado: Percebo.

Larissa: E quais?

Entrevistado: Basicamente assim a diferença mais básica, principal, seria a questão do ensino do samba a partir do caráter, a partir da ginga, a partir dessa referência do corpo do sambista e um ensino mais...

Larissa: Aí mais básico.

Entrevistado: ...sem caráter da movimentação, para depois construir um caráter. Essas são relativamente as duas diferenças que eu vejo maiores.

Larissa: Sim, principal.

Vê diferença na didática do Samba de Gafieira em professores conhecidos? Professores aqui da região, diferença no modo deles ensinarem.

Entrevistado: Então, eu tive pouco contato com pessoas daqui da região. Eu encontro mais em eventos. Mas eu vejo uma tendência, não só nos professores da região, mas quando eu viajo, é um ensino baseado no modelo onde o professor demonstra o movimento, ainda trabalham com base nisso também. Nós temos um professor que apresenta o modelo, demonstra o movimento. E o aluno, a partir daquele modelo, tenta desempenhar. E o professor vai dando algumas dicas. Então é uma aula mais tradicional. Porque é o que o mercado... o mercado de dança de salão no espaço não formal é isso. O aluno, ele quer aprender aquela mecânica. Então as aulas acabam sendo mais tradicionais. São mecânicas. Baseadas na transmissão de conhecimentos.

Larissa: E comparado ao seu modo de dançar e dar aula, o que vê diferença em seu próprio trabalho ou em comum ao trabalho do Jaime Arôxa, ao Carlinhos e ao Jimmy. Então o que o teu trabalho tem de comum ou de diferente em cada um deles.

Entrevistado: Eles são grandes ícones, grandes inspirações. Não tive a oportunidade de fazer aula com o Jimmy. O que eu conheço do Jimmy é a dança dele. Mas eu acredito que o que eu aproveito do Jaime, para mim metodologicamente é a técnica mais organizada. Então eu acho que é o modo simplificado de ensinar o aluno. Isso

eu busco no Jaime. No Carlinhos é a essência, é o caráter, é a ginga. E depois eu tento construir um samba liso. Tento trazer essa cara do samba que o Carlinhos tem. E do Jimmy eu acho que é a criatividade. Eu acho que o Jimmy, ele nos inspira não só como professor, como professor eu não conheço, mas como dançarino, a ser criativo. A colocar a tua cara na dança, a sair do óbvio. No momento em que ele resolve dançar samba numa música que não é samba, ele já se mostra alguém que está rompendo barreiras. Tanto dançarinos como professores a gente precisa estar sempre se desafiando e buscando novas formas de fazer aquilo.

Larissa: E tem alguma coisa que tu vês de muito diferente em relação a eles?

Entrevistado: Acho que é o gênero. O Jimmy criou um novo gênero de dança, que é o samba funkeado. Eu acho que a principal diferença é essa movimentação. Acho que se tu vês um dançarino evoluído da linha Jaime... Carlinhos não é uma linha, mas...

Larissa: É uma base.

Entrevistado: Tu vais perceber que o bailarino do Jaime Arôxa é um bailarino muito mais alinhado, muito mais técnico do ponto de vista estético. Já o Carlinhos é um samba de raiz, vamos dizer assim. E o Jimmy tem uma movimentação diferente. Vai ser uma outra música, uma outra proposta de movimentação.

Larissa: E qual dessas três vertentes: Jimmy, Carlinhos e Jaime você aprendeu e ensina?

Você consegue perceber? Você ensina uma delas ou você ensina as três vertentes, ou você mistura? Como seria isso?

Entrevistado: Eu misturo. Com a questão do Samba Funkeado, o Jimmy, eu não trabalho. Já fiz algumas aulas de Funkeado com professores aqui da região, de Porto Alegre, mas não me sinto apto a trabalhar e ainda não tive a oportunidade de pesquisar e me aprofundar no Samba Funkeado. A questão do Jaime e do Carlinhos sim, mesclo bastante. Como eu não tenho compromisso, como eu não fui formado por uma escola, a escola do Carlinhos, a escola do Jaime, eu me sinto com a liberdade de transitar entre elas e aproveitar o que tem de melhor numa linha e na outra e trazer para a minha dança e levar para os meus alunos.

Larissa: Isso poderia ser visto como variações? Porque as três são três tipos de vertentes: vertente do Jaime, vertente do Carlinhos e vertente do Jimmy. Então poderia ser que tu crias uma variação tua a partir de duas vertentes? É algo parecido com isso?

Entrevistado: Pode ser. Pode ser. Na verdade eu nunca pensei dessa forma. Eu me imagino dançando samba. Então eu entendo que o samba é um só. Cada um tem uma forma de ver o samba e de buscar. Então eu não percebo dessa forma. Mas se eu tivesse que me aproximar, seria uma variação de ambos, com certeza.

Larissa: É uma apropriação de alguma coisa de cada um para criar o teu modo de dar aula. Tu não estás desfazendo a base do samba, mas tu estás pegando o que é importante de cada um para ti.

Entrevistado: Exato!

Larissa: Bom! Para finalizar, então, eu gostaria de saber algum aspecto que não foi perguntado e que tu queiras mencionar, que tu achas importante mencionar em relação à entrevista.

Entrevistado: Não. Me sinto contemplado

Larissa: Então eu agradeço. Muito obrigada pela entrevista. Pelo apoio também na Dança de Salão e no Samba de Gafieira, que está sendo muito importante para mim poder fazer esse estudo e também deixar alguma coisa em Pelotas para os professores daqui e para todos os que vão pesquisar um pouco mais do gênero fora do Rio de Janeiro, fora da origem dele.

Entrevistado: Muito obrigado! Uma boa sorte no teu estudo e parabéns pela iniciativa.

Larissa: Obrigada!

Entrevistado: A gente precisa de estudos nessa área.

Entrevistado B

Larissa: Bom! Hoje a gente está começando a entrevista aqui com o _____, e eu gostaria de saber algumas informações primeiro: todo o teu nome, idade e a tua formação.

Entrevistado: Meu nome é _____, tenho 29 anos, sou formado em Dança pela Universidade Federal de Pelotas. Tenho formação em Dança de Salão pela rede Oito Tempos e tenho formação em Composição Coreográfica também pela rede Oito Tempos.

Larissa: Eu gostaria de saber também onde você se especializou em Dança de Salão.

Entrevistado: A minha especialização em Dança de Salão foi através de um curso de Capacitação para Professores de Dança de Salão ministrado pelo Cristóvão Christianis e pela Carolina Castro, que são os proprietários da rede Oito Tempos, Dança de Salão. Oito Tempos, escola de Dança.

Larissa: Onde fica isso?

Entrevistado: A rede Oito Tempos tem algumas unidades espalhadas pelo Brasil. Ela começou em Curitiba. É uma rede que possui 10 anos. A unidade mais velha tem 10 anos. O curso que eu realizei foi em Porto Alegre.

Larissa: Se especializou em Samba? Onde?

Entrevistado: Na verdade eu sempre gostei de samba. Sempre, desde pequeno, eu gostava de sambar e tal, gostava de pagode. Não sou especialista em samba, mas é um gênero que eu gosto bastante.

Larissa: Onde tu dá aula e há quanto tempo?

Entrevistado: Eu dou aula desde o ano 2011 na cidade de Pelotas. Mas atualmente eu trabalho no Espaço de Yoga Marcia Jeske, que fica na Voluntários da Pátria, 529.

Larissa: Bom! Agora eu queria saber sobre as tuas trajetórias e práticas pedagógicas. Como iniciou a tua história com o Samba de Gafieira e quais foram teus professores nesse gênero de dança?

Claro que os professores não precisam ser todos os professores, que a gente não vai lembrar de todos.

Entrevistado: Bom! A minha trajetória com o samba, eu comecei a gostar mais depois que eu fiz um workshop com o professor Edson Nunes, de Porto Alegre, que é responsável hoje pela Kirinus e Nunes Centro de Dança. E a partir de então eu comecei a me interessar mais pelo samba, já que um dos meus primeiros professores foi o Leandro Pizani, que trabalha com uma outra ideia de samba. Então foi aí que com o Edson Nunes, que eu conheci o samba tradicional. Então a partir daí eu comecei a gostar mais. Então entre a minha trajetória desde o início da minha carreira até hoje, eu fiz aula com o Leandro Pizani, fiz aula com o Edson Nunes, fiz aula com

o Marcos Silva também, aqui da cidade de Pelotas, fiz aula com o Diego Houwes, fiz aula com o Cristóvão e Carol. Fiz aula com o Marcelo Grangeiro também. E o resto eu não estou lembrando agora.

Larissa: Está ótimo!

Como você organiza as suas aulas de Samba de Gafieira? Tem uma organização, o que é ensinado primeiro, depois?

Entrevistado: Na verdade eu priorizo, nas aulas de samba, ensinar os passos básicos, os passos característicos. Porque eu acredito que o aluno, ele tem que sair da aula e se ele for em uma gafieira no Rio de Janeiro, ele tem que saber executar aquelas movimentações básicas. Então seria uma organização assim para falar, os passos básicos, iniciantes, depois viraria iniciados, intermediários e avançados. E no caso teria um nível além, que seria os masters, que é um nível além do avançado, que é um nível bem complicado de se manter na cidade hoje, na cidade de Pelotas.

Larissa: Você utiliza algum referencial teórico para a criação das aulas, para a organização?

Entrevistado: Na verdade, o material que eu uso é do curso que eu fiz, do curso de Capacitação para Dança de Salão para Professores, organizado pelo Cristóvão, que organiza essa parte toda de educação e tal. E eu utilizo muito os conceitos de fundamentos que eles trabalham na rede dentro da Oito Tempos. Então uma das linhas de trabalho que eu sigo é essa organização de conteúdo.

Larissa: Gostaria de saber seu envolvimento com o Samba de Gafieira, se teve professores distintos dessa dança. Professores de várias áreas do Samba de Gafieira.

Entrevistado: É. Posso falar de três pilares assim. Eu fiz aula com o Leandro, que trabalha um samba bem diferente assim, um samba que ele criou, que ele diz que foi criado para que os alunos pudessem dançar e aprender mais rápido. Daí fiz aula com pessoas que trabalham dentro da linha do Carlinhos de Jesus que, no caso, eu posso citar o professor Diego Houwes, e também o Marcelo Chocolate que, como sequência veio do Carlinhos. E fiz aula com o Cristóvão que vem da linha do Jaime, que para mim é uma das melhores linhas de trabalho dentro do samba, por toda a fundamentação que existe por trás, em respeito ao caráter de cada dança, em respeito ao ser humano, também, que está dançando, o ser que dança. E o meu envolvimento hoje com o samba é bem grande assim. Eu possuo até um grupo de estudos, hoje, de samba. É uma área que eu me dedico bastante. Embora não pratique muito, mas é um gênero que eu gosto bastante.

Larissa: Bom! E você se espelha em alguém no modo de dançar Samba de Gafieira e no modo de ensinar?

Entrevistado: O meu espelho assim, hoje, a pessoa que eu admiro bastante é o Cristóvão. Cristóvão Christianis para mim é um exemplo de professor assim, de uma didática, de um fundamento. Tudo o que ele fala na aula tem uma base teórica, tem fundamento. Então para mim o estilo de dançar também é muito bom, muito clássico, já que ele vem de uma linha do Jaime. Então para mim ele é uma referência dentro da Dança de Salão.

Larissa: Sendo na dança ou no ensino, nos dois.

Entrevistado: Na dança e no ensino também.

Larissa: Tá. Percebe diferentes abordagens de ensino do Samba de Gafieira? Quais? Isso pode ser na cidade de Pelotas, não precisa...

Entrevistado: Bom! Existem várias linhas assim, de Samba de Gafieira na cidade. É difícil citar cada uma, mas a gente pode pegar duas aqui, que são dois pilares. Existe o samba do Leandro e existe o samba do resto. E ainda nesse resto existe o Marcos Silva, que ele trabalha, que... Posso falar assim, gírias, essas coisas, não é?

Larissa: Claro!

Entrevistado: As más línguas dizem que ele parou no tempo. Então seria o Leandro, seria o Marcos Silva como um meio, e seria os outros. Porque o Leandro e o Marcos Silva são pessoas que já estão com os seus 40 anos. Existia um outro professor também na cidade que eu acho que já está aposentado, que é o tal do Bira, que era da academia Dança Livre, que ele trabalhava num outro estilo de samba também. Então essa geração mais nova, que tem o Elvis...

Larissa: O Robson.

Entrevistado: ... o Robson, o Andrews. Porque o Bruno Blois também já se encontra naquele meio que Leandro, meio por causa da idade. Que é um pensamento mais antigo, embora tenha boas ideias também. Então tem diferença sim. É difícil explicar, mas se a gente for perceber assim, eu dançando, o Robson dançando e o Elvis dançando, a gente vê alguma...

Larissa: Semelhança.

Entrevistado: ... uma semelhança. Se a gente vê outros profissionais dançando, e não é que seja menos ou melhor, a gente vê uma nítida diferença. Mas colocar no papel e falar o que é de diferente é bem complicado assim para mim.

Larissa: Então tem abordagens diferentes em professores conhecidos?

Entrevistado: Sim, sim. Tem abordagens diferentes. A abordagem diferente ela existe, porque cada professor acredita numa coisa. Então eu acredito que, a partir do momento que tu acreditas numa coisa e eu acredito em outra, as abordagens serão diferentes.

Larissa: Sim.

Entrevistado: E eu esqueci de falar lá na pergunta, a primeira pergunta lá, a terceira, que a Raquel também me deu aula, a Raquel Pereira.

Larissa: Ah, sim.

Entrevistado: Ela também me deu aula.

Larissa: E comparado ao seu modo de dançar e dar aula, o que vê de diferente em seu próprio trabalho ou em comum ao trabalho do Jaime Arôxa, Carlinhos de Jesus e Jimmy de Oliveira? Então, o que tu achas que tu tens parecido com eles que tu utilizas e o que tu tens de diferente de cada um deles?

Entrevistado: Bom! É para falar também sobre o que eu acho no meu trabalho de diferente?

Larissa: Sim. Comparado assim.

Entrevistado: Comparado a eles?

Larissa: O que parece com eles e o que diferencia deles. Ou um geralzão assim.

Entrevistado: Bom! Eu acho, acredito, na verdade, que o meu trabalho ele fica muito parecido assim com o do Jaime quando eu trato sobre musicalidade nas aulas. Sobre respeitar a dama, sobre o deixar a dama livre para executar movimentos que ela queira também. Que ela tenha vida, que tenha energia. Que ela entre num estado de *flow*, que a gente chama quando ela entra num estado de transe. E mesmo aquilo que o Jaime fala que “quando a gente dança a gente deve entrar num mundo irreal e esquecer o mundo real”. Então, usar essas técnicas do Jaime. Porque o Jaime, embora eu nunca tenha feito aula com ele presencialmente, só de tu veres ele dançando, tu consegues sentir o que ele está passando para a pessoa. Então tu assistires vídeos ou pessoalmente o Jaime dançando, tu aprendes muito. É uma escola, a meu ver.

Com o Carlinhos, eu acho que eu tenho a ver um pouco com a história de brincar durante as aulas, de ser uma pessoa mais malandra. Porque ele trabalha muito com essa ideia por ser carioca, de ter a malandragem, de ser brincalhão, de tudo se resolver. Então eu acho que por aí.

Com o Jimmy de Oliveira, eu acho que eu não tenho nada assim. O Jimmy ele trabalha com o samba tradicional, mas hoje, atualmente ele está muito no samba funkeado. Eu não danço quase nada de samba funkeado, sei pouca coisa. Então acho que não se assemelha a nada, assim.

E em relação ao ser diferente, eu sempre gosto de dizer uma frase que o Jaime fala, que é assim: “Muitos usarão o meu perfume, mas poucos terão o meu cheiro.” Então isso é uma frase bem legal assim, de se usar. E eu acho que cada um tem que criar a sua personalidade. Embora eu me espelhe no Cristóvão, me espelhe no Jaime, no Carlinhos...

Larissa: Poderia se dizer que se criam variações.

Entrevistado: Se criam variações. Claro que a gente sempre procura... É difícil criar uma identidade assim.

Larissa: Tu manténs a base da dança.

Entrevistado: Exatamente. Porque se tu parares para pensar, todo mundo que vem do Jaime, dança parecido com o Jaime. E todo mundo que vem do Carlinhos, dança parecido com o Carlinhos. E todo mundo que vem do Jimmy, dança parecido com o Jimmy. Então eu acho que se for falar desses três profissionais, as pessoas que vieram das escolas deles são reflexo deles.

Larissa: Sim.

Entrevistado: Então é difícil assim se criar uma identidade. E além de se criar uma identidade, tu tens que te expor. Ainda a gente não gosta de se expor assim. É uma coisa bem complicada de se pensar. Isso dá até uma tese de mestrado, se quiser.

Larissa: É a ideia.

Qual dessas três vertentes anteriores citadas acima você aprendeu e ensina? Então qual é a que tu mais te baseias?

Entrevistado: A do Jaime, do Jaime.

Larissa: E gostaria de mencionar algum aspecto importante que não foi perguntado? Ou fazer alguma pergunta, tirar alguma dúvida?

Entrevistado: Deixa eu pensar aqui. É aquela questão sobre os profissionais, os tipos de samba que existem em Pelotas, é uma pergunta bem curiosa assim. Porque não se sabe o que seriam essas vertentes de samba. Porque eu vou dar um exemplo. Eu posso citar nome de profissionais aqui?

Larissa: Pode.

Entrevistado: Por exemplo, se a gente for ver o Robson Porto dançando, ele tem uma linha de trabalho que não é uma linha redonda. Seria uma linha reta, em relação ao samba, tá. Tu vais ver ele dançando sempre reto. Não vê uma coisa giratória, uma coisa circular.

Se tu fores ver, por exemplo, um outro profissional, o Diego, tu vais ver ele dançando totalmente redondo.

Larissa: Sim.

Entrevistado: Só que os dois são samba. O que está certo e o que está errado?

Larissa: É. No caso, essa pesquisa a ideia é descobrir... Porque, no meu ponto de vista, a partir de tudo o que eu vi de samba, eu vejo que existem as vertentes principais, do Rio de Janeiro, que cada um se espelha em uma, mas que às vezes pega um pouco de cada e mistura. Ou pega uma vertente e mistura com o seu jeito. E aí nesse sentido que eu vejo variações. Não que mude a base da dança, mas que mude um pouco o jeito de ver aquela dança.

Entrevistado: É. Isso também é muito perigoso. Eu sempre digo assim: Quando tu vais fazer um curso de culinária, de gastronomia, tu vais aprender a fazer o bolo de um jeito. Quando tu chegares na tua casa, tu vais mudar alguma coisa daquela receita. Então isso é muito perigoso. Porque se eu vou ao Rio de Janeiro e aprendo com o Jaime a fazer um Cruzado e quando eu chego em Pelotas eu modifico esse Cruzado, quando tu modificas alguma coisa, tu crias uma raiz. Então tu tens que ter muito cuidado, enquanto profissional, para ver o que tu vais passar para o teu aluno.

Larissa: Sim.

Entrevistado: Porque hoje a gente vive uma transição muito grande, assim. Por exemplo, o grupo de estudos que eu comentei anteriormente, tem pessoas que choram quando não conseguem fazer um movimento, porque vieram de uma outra escola e se desesperam porque acham que não sabem dançar. Não, elas sabem dançar. Mas elas sabem dançar um samba diferente. Que é um samba que eu não acredito, mas não deixa de ser samba. Porque o importante é que as pessoas possam dançar, indiferente do que for falar. E daí um outro ponto também: o que vale mais, as pessoas dançarem, serem felizes ou as pessoas dançarem certo? Porque daí a gente entra naquele tema: O que é certo? Então a dança, como dizem, a dança é muito democrática. Ela te permite tu entrares numa outra *vibe*, num outro estado de realidade, mas ao mesmo tempo é perigoso.

Larissa: É. É que eu acho que o que importa é assim: Se eu estou numa festa e eu quiser misturar aquela dança, eu saber que aquilo eu estou fazendo porque eu estou numa festa.

Entrevistado: Sim.

Larissa: Mas que eu sei qual é a base que eu estou fazendo diferente. Para caso eu tenha que ensinar alguém, eu diga, “não, esse é o certo”. Eu acho que isso é o que importa, é a consciência de cada um de saber o que está passando para o aluno.

Entrevistado: É. Por exemplo, assim, um mau exemplo sobre o que é certo e o que é errado. Tem uma profissional aqui de Pelotas, a Caren Jensen, que me convidou para dançar num festival dela. E ela mudou todo o jeito dela pensar porque ela fez aula com outro profissional que falou que aquilo era o certo. Então ela acreditou numa coisa com os olhos fechados, que ela nem sabia se era realmente...

Larissa: Sim. Ela não investigou.

Entrevistado: Não investigou. Daqui a pouco o profissional que falou aquilo para ela também inventou aquilo, criou e achou que era legal e passou adiante, e ela não viu se era importante, se era legal ou não, e acabou passando aquilo em consequência para outros alunos.

Larissa: Sim.

Entrevistado: Então virou uma formação que não foi questionada em nenhum momento e...

Larissa: ... ficou assim.

Entrevistado: Ficou perdido.

Larissa: Bom! Mas é isso. Quero agradecer pela entrevista. Muito obrigada pela participação.

Entrevistado: Eu que agradeço.

Larissa: Tchauzinho!

Entrevistado C

Larissa: Bom to começando aqui então essa entrevista com o _____, e eu gostaria de saber todo o teu nome, idade e a tua formação.

Entrevistado: Então é! Meu nome é _____, tenho 29 anos e eu faço graduação, licenciatura em dança.

Larissa: Além disso, onde tu se especializaste em dança de salão?

Entrevistado: Eu comecei na antiga “Clube da Dança”, que foi um dos primeiros sobre o gênero, com o professor Marcos. Depois tive passagens na Corpo e Dança, e por amizade com o Thiago Cedrez.

Larissa: Onde se especializou em samba? Se se especializou claro!

Entrevistado: Sim, eu tive alguns workshops direcionados com o Jaime Arôxa, ele foi a minha principal referência assim. Depois tive com o Chocolate também mas foi mais superficial.

Larissa: Onde tu lecionas e a quanto tempo?

Entrevistado: Atualmente na academia atitude no laranjal a aproximadamente 4 anos.

Larissa: Mas a 4 anos lá, tu da aula, mas a quanto tempo tu da aula?

Entrevistado: Assim, num período total é em torno de 6 anos dando aula.

Larissa: Eu queria saber agora sobre as tuas trajetórias e práticas pedagógicas.

Entrevistado: Uhum.

Larissa: Como iniciou tua história com o samba de gafieira, e quais foram teus professores neste gênero de dança?

Entrevistado: Uhum! É um link com a própria dança de salão, então dentre os gêneros que eu comecei que foi o Bolero, o Tango, o Samba e Forró, o samba já me chamou atenção de cara. Então ele teve essa figura de destaque no meu aprendizado. Teve o próprio Marcos da Clube da Dança, que foi toda a minha base teórica mais direta e depois num segundo momento o Thiago Cedrez. Depois de eu conhecer ele neste período a gente ficou muitos anos junto. Eu tive a oportunidade de não somente ser aluno dele, mas também depois de ser monitor por alguns anos.

Larissa: E tem mais algum professor que te marcou assim dos que tu passaste por todos esses anos?

Entrevistado: O Thiago Cedrez.

Larissa: Como organiza suas aulas de samba de gafieira? Tem alguma organização do que tu ensinas primeiro, do que tu ensina depois?

Entrevistado: Uhum! Primeira coisa é os processos de ensino, então eu parto do pressuposto do método do “Boton Up” e “Psy Down”, que são métodos que tu vais direcionar primeiro o aprendizado mental, para depois passar para prática e em outros

casos tu vai usar o recurso de ir diretamente para prática, pro corpo, pra depois ir para os conceitos. Eu uso essa metodologia porque ela abrange alunos de diferentes níveis na mesma turma. E uma outra técnica, também que eu posso destacar, é a técnica de uma pedagoga brasileira, que é o método penso logo danço, que é uma técnica onde o aluno ele aprende os movimentos, mas por criação dele, sem ter o exemplo do professor. O professor, ele orienta o que deve ser feito, mas o aluno é que constrói o repertório.

Larissa: Sim! Não dá o Exemplo!

Entrevistado: Uhum!

Larissa: Você utiliza referencial teórico?

Entrevistado: Sim, até casualmente acabou eu respondendo esta questão.

Larissa: Que é esta pessoa que você acabou de falar?!

Entrevistado: Sim, essa pedagoga ofereceu esse método, que é um método que o aluno, ele cria o seu próprio repertório, e depois a técnica do Botton Up e o Psy Down.

Larissa: Qual o nome dessa autora?

Entrevistado: De cabeça agora não! Mas eu tenho o nome registrado, eu posso fornecer depois. Até tenho materiais dela. Tu perguntaste depois, os passos, as ordens? Ou não?

Larissa: Não, não, não.

Entrevistado: Tá!

Larissa: Gostaria de saber seu envolvimento com o samba de gafieira, se teve professores distintos dessa dança.

Entrevistado: Certamente o Jaime Arôxa que é um dos expoentes titulares da dança de salão no Brasil.

Larissa: Mas assim, tu tiveste professores, tipo o Jaime que era um gênero diferente de samba de gafieira e também fez aula com outros professores, que foi um pouco mais diferente dele? Professores diferentes?

Entrevistado: Sim, eu posso dá um exemplo aqui em Pelotas da Corpo e Dança, a Caren, ela apesar de ter contato com esses profissionais, eles têm um samba que é um método diferente, um samba mais gaúcho, são características particulares deles.

Larissa: Você se espelha em alguém no modo de dançar samba de gafieira e de ensinar?

Entrevistado: Olha, isso a modo consciente eu tenho muito o referencial do próprio Jaime, mas no meu próprio...no meu natural, na maneira de se movimentar, eu já

percebo que eu tenho esse link com ele. Então, além de eu buscar, eu já tenho essa característica que se assimila ao jeito dele. Não só na maneira de dançar, mas justamente na maneira de expor as ideias e dos conceitos que envolvem a dança.

Larissa: Sim! Percebe diferentes abordagens de ensino do samba de gafieira?

Entrevistado: Ah sim, com certeza! Posso dá um exemplo, por exemplo na Corpo e Dança com a Caren e o Horácio, eles como trabalham de par, eles são um casal. A Caren ela divide a etapa mostrando a figura para as damas e o Horácio dá uma atenção pros cavalheiros. Ai, com o Marcos da Clube da Dança, como ele é sozinho, no caso, ele faz esse intermédio, de mostrar ambas as etapas. Então a gente vê essas diferenças. Depois tem o Thiago. O Thiago ele usava um caso para integrar na parte do ensino e eu oscilava no papel da dama também.

Larissa: Sim! E vê diferença na didática do samba de gafieira em professores conhecidos?

Entrevistado: Acho que sem querer eu acabei respondendo né!

Larissa: Sim, tu misturaste tudo um pouquinho! E comparado ao seu modo de dançar e dar aula o que vê de diferente em seu próprio trabalho ou em comum com o Jaime, com o Carlinhos e com o Jimmy?

Entrevistado: O que eu vejo semelhança é a busca pela liberdade que o Jaime procura, ele linka muito a dança com os elementos da vida do ser humano, o que é pra mim uma premissa básica. Então eu acredito que essa é a maior característica de semelhança, a busca da liberdade, porque tem uma coisa, que eu percebi, nessas passagens que eu vi, é que a gente aprende a dança, o samba de gafieira, mas os alunos ficam condicionados aquele universo, e eles não conseguem enxergar outras possibilidades. Então, eu acabei percebendo que, num primeiro momento a gente constrói um repertório de conhecimento, mas depois a gente precisa desconstruir pra poder ter essa liberdade.

Larissa: Sim! Mas é, isso tu falas em relação ao Jaime. Ao Carlinhos e ao Jimmy, tu achas que teu trabalho tem algo parecido? Ou de diferente que tu consegue visualizar?

Entrevistado: De parecido eu tenho com o próprio Jimmy, porque tem um gênero de dança que eu criei, que é o bolero funkeado, então ele busca a expressão, o repertório do bolero, mas com essa mescla de tempos do Jimmy.

Larissa: Sim! Mas no samba tu não utiliza...tu não danças samba funkeado, por exemplo?

Entrevistado: Não!

Larissa: Não? E o Carlinhos tu trabalhas alguma coisa dele?

Entrevistado: Também não.

Larissa: Corporal nada?

Entrevistado: Não, mas justamente porque eu não tive a oportunidade de estudar sobre, e até acredito que por inconsciente tu busca um determinado caminho, no meu caso foi o Jaime...

Larissa: e seguiu?

Entrevistado: É, mas...

Larissa: Qual dessas três vertentes anteriores citadas a cima você aprendeu e ensina? Seria a vertente do Jaime então?!

Entrevistado: É, mas muito mais do que passos é a filosofia dele de liberdade e o lide com a vida do ser humano. Que o tempo inteiro que ele tá trabalhando os movimentos, mas ele tá sempre trazendo exemplos da vida que te possibilita materializar isso.

Larissa: Sim, não ser só a técnica pela técnica.

Entrevistado: Exatamente.

Larissa: E gostaria de mencionar algum aspecto importante que não foi perguntado e que tu achas importante de falar sobre o assunto?

Entrevistado: Um ponto que eu percebi, e que eu me encontro nessa situação, que foi o que eu falei anteriormente, da gente ter pelo menos aqui no Sul, eu tenho observado, dos alunos eles ficarem limitados a um determinado universo que o professor oferece. Os alunos ficam condicionados, e só vem determinados caminhos como possíveis.

Larissa: Sim! Não fazem aulas em diversos lugares pra poder experimentar diversas coisas e criar o seu modo de dançar, né!

Entrevistado: Exatamente! Então, eu atualmente ressignifiquei meu cronograma de aula e eu to trabalhando justamente com essa desconstrução, pra dar essa liberdade do aluno de enxergar que ao mesmo tempo que eu como instrutor ofereço um caminho, mas que existem, dois, três, quatro, cinco, paralelos.

Larissa: Sim! Por isso que essa pesquisa ela tem esse foco, até porque eu comecei a pesquisa pensando nas vertentes principais, mas vendo que existem diversas variações de ensino e de dançar o samba. Não que se crie as danças novas exatamente, mas são jeitos de dançar por exemplo: tu faz aula com o Jaime, e gosta

também de algo do Jimmy e junta e mistura com um pouco da tua vivência e cria a tua variação. Então, eu vejo meio assim, por isso que eu tive essa necessidade de pesquisar o que cada um tá trabalhando, porque tu vê que cada um toma meio que um caminho. E embora isso na minha visão seja bom por um lado, também pode desconstruir um pouco a dança. Não sei ainda o resultado disto, porque isso vai ser feito através desta pesquisa, mas é isso que eu quero saber, o quanto isso é bom e o quanto isso é ruim. Então é importante ver quais são as variações que existem nessa cidade, porque são 10 professores atuando com samba de gafieira. Então é isso! Quero te agradecer. Muito obrigada pela parceria!

Entrevistado: Eu que agradeço! Muito obrigada!

Larissa: Valeu!

Entrevistado D

Larissa: Bom! Hoje vamos começar a entrevista com _____. Gostaria de saber, todo o teu nome, idade e a tua formação.

Entrevistado: É _____. A minha idade é 42 anos e eu sou formada em Educação Física, Licenciatura.

Larissa: E você se especializou em Dança de Salão?

Entrevistado: Sim.

Larissa: E onde?

Entrevistado: Eu comecei fazendo aula com o Fernando Campani em Porto Alegre.

Larissa: Se especializou em Samba, e onde?

Entrevistado: Sim. Depois comecei a fazer aula com o Diego, particular, com o Diego Houwes, de Dança de Salão e de Samba de Gafieira também.

Larissa: Onde tu lecionas e há quanto tempo?

Entrevistado: Faz 10 anos que eu dou aula de Dança de Salão e agora eu tenho a minha academia, que é a Corpo & Dança.

Larissa: Eu gostaria de saber sobre as trajetórias e práticas pedagógicas.

Como iniciou a sua história com o Samba de Gafieira, teus primeiros professores desse gênero e os principais?

Entrevistado: Então, eu comecei com a Dança de Salão e aí dentro da Dança de Salão, o ritmo que eu mais gosto é o Samba de Gafieira. Comecei fazendo aula com o Fernando Campani. A gente fez audição, fiquei no grupo lá, que ele tinha um grupo de monitores, que era um grupo mais para professores monitores, que seria para se apresentar em Porto Alegre, mas como eu só ia fazer as aulas mesmo, então fiquei só participando das aulas, nessa parte com os professores, e não das apresentações. E aí depois fiz aula com o Rodrigo Garbin. A gente chamou ele para fazer coreografias e dar cursos aqui na academia. E depois com o Diego.

Larissa: Como você organiza as suas aulas de Samba de Gafieira?

Entrevistado: Eu acho muito importante no Samba de Gafieira as pessoas saberem bem o passo básico. Então a gente insiste, principalmente com a turma iniciante, de primeiro ficar bem natural o passo básico para depois começar a dar outras figuras.

Larissa: Você utiliza algum referencial teórico?

Entrevistado: Não.

Larissa: Gostaria de saber seu envolvimento com o Samba de Gafieira, se teve professores distintos dessa dança, que trabalham diferentes.

Entrevistado: Acho que é mais ou menos a mesma coisa que eu falei antes. Com o Diego, que a gente trabalha mais o Samba. E os outros professores que eu fiz aula, eles já trabalhavam todos os ritmos assim. Não cheguei a trabalhar...

Larissa: Específico.

Entrevistado: ... específico alguma coisa. Com o Rodrigo, a gente trabalhou bastante samba também, mas igual a gente trabalhava Salsa e tal. Então, nas aulas particulares com o Diego que a gente trabalha mais o Samba mesmo.

Larissa: Você se espelha em alguém no modo de dançar ou ensinar Samba de Gafieira?

Entrevistado: Na verdade eu não me espelho muito, porque eu acho que é muito a coisa assim, a memória corporal que a gente tem, tudo o que já dançou. Então fica difícil tu te espelhares em alguém, querer dançar igual. Não fica natural. E como eu já danço outras coisas, não tem como negar. Eu vim do Ballet Clássico, do Jazz. Então isso aí está muito forte. Não tem como...

Larissa: Está no corpo já.

Entrevistado: Está no corpo.

E quando eu comecei, umas das coisas assim, quando eu comecei a fazer aula de Dança de Salão... Na verdade eu só dançava nas festas assim. O pessoal, como eu

era bailarina, começou a insistir: “Ah, você tem que dar aula de Dança de Salão e tal”. E a gente dançava Pagode, porque as festas na ESEF é só Pagode. Então eu comecei a fazer aula de Dança de Salão e me rebolava toda. Daí o pessoal lá do Fernando Campani dizia: “Não, não rebola, não mexe o quadril, tem que ser mais...” Então essa diferença assim, grande, que o pessoal leigo não conhece. Acha que o Samba de Gafieira é aquela coisa tipo Pagode.

Larissa: Sim.

Entrevistado: Eu fugi muito da pergunta ali...

Larissa: Não, mas não tem problema.

Percebe diferentes abordagens de ensino do Samba de Gafieira? Pessoas que abordam diferente o gênero, que...?

Entrevistado: Sim, as bases. Tem gente que começa fazendo o Pisa Pisa. Tem gente que começa fazendo o Passo. Tem gente que ainda está muito naquele Samba Antigo, usando o Quadrado Aberto. Mas eu acho que isso aí é reflexo da pesquisa. Então quem está sempre se atualizando, pesquisando, sabe que mudou, que o pessoal não usa mais o Quadrado Aberto. Mas também depende muito do objetivo do aluno. Se tem aquele aluno que já fazia Quadrado Aberto antes, que não quer muito aquela coisa da técnica, que gosta de dançar nas festas, é meio complicado. Eles têm uma resistência, mas aos poucos tu consegues ainda tirar aquela forma de dançar e ir adaptando.

Larissa: Claro!

Tu vê alguma diferença na didática entre os professores conhecidos de Samba, no modo que eles ensinam? algum ensina mais técnico, o outro ensina mais com conversa, algumas diferenças assim?

Entrevistado: Alguma coisa que eu até tento não fazer é que tem gente que fica muito tempo só falando, falando, sem música. E eu acho que fica meio longe da prática. Porque a maioria das pessoas querem mesmo é aprender a dançar, a levar para a vida delas essa prática. Então se tu ficares só ali, sem música, marcando... Claro que isso também é importante.

Larissa: Sim, mas não só...

Entrevistado: É. E outra coisa. Colocar vários ritmos assim: samba mais lento, samba mais acelerado. Porque o aluno fica muito preso às músicas que tu colocas na aula. Depois eles falam: “Ah, eu não consegui dançar porque não tocaram as músicas que a gente dança aqui na aula. Então tu tens que variar bastante.

Larissa: Porque o aluno se acostuma.

Entrevistado: Se acostuma muito, o ouvido. E eu acho que tem alguns professores que eles não trabalham muito essa coisa da musicalidade, de contar... Eu não consigo dançar se eu não contar até 8. Inclusive tem gente que conta só 1, 2,/1,2 para dançar, que “ah o aluno tem que entrar só no ritmo”, mas eu acho que ele tem que aprender um pouquinho mais, aprender a frase musical, o parágrafo, não é?

Larissa: Sim, para ele poder...

Entrevistado: ... para saber entrar.

Larissa: Senão ele não vai conseguir te seguir. Não vai conseguir entender o que está fazendo.

Entrevistado: É, mas tem muita gente que trabalha só 1,2.

Larissa: E comparado ao seu modo de dançar e dar aula, o que vê de diferente ou parecido com o Jaime, com o Carlinhos e com o Jimmy?

Entrevistado: Olha, na verdade, para mim é que o Jaime e o Carlinhos, como eles já estão... não vou dizer ultrapassados, mas é que eu não vejo muito o trabalho deles agora assim, então eu não posso te dizer muito. Se falasse outras figuras assim mais tipo o Chocolate, a Sheila, entendeu. Daí... É mais...

Larissa: Aí tu verias mais semelhança.

Entrevistado: É. Porque é a linha que o Diego usa. Então é a mesma que a gente usa também.

Larissa: E qual das três vertentes, do Jaime, do Carlinhos ou do Jimmy você aprendeu e ensina?

Entrevistado: Quando eu aprendi, eu usava a do Carlinhos. Mas depois eu fui adaptando a do Jaime. Então dos dois...

Larissa: Foi fazendo uma mescla aí.

Entrevistado: É. E até porque tem coisas importantes em um e outro. Então é uma mescla mesmo dos dois.

Larissa: E gostaria de mencionar mais algum aspecto que tu achas importante sobre essa pesquisa? Sobre a importância da pesquisa, e o que mais poderia falar sobre o Samba de Gafieira?

Entrevistado: Não sei. Eu acho que o pessoal está faltando essa coisa de enfatizar mesmo o Samba de Gafieira. Porque está muito na moda o Sertanejo, o Pagode. Então faltam as festas de Samba para a gente conseguir... Porque aí tu vais numa festa, o pessoal faz aula de Samba, mas chega lá e dança Pagode. Então eu acho

que dar essa ênfase à importância do Samba, que eu sempre falo na aula, que o Samba de Gafieira é tão importante aqui no Brasil como o Tango lá na Argentina. Então tem gente que entra na academia: “Ah, eu quero aprender a dançar Tango”. “Não, mas é que tu não conheces o Samba. Quando tu conheceres o Samba de Gafieira, ver a elegância, a importância, toda a história, tu vais ver que é muito mais importante e muito mais legal do que o Tango.” Então dar essa importância que está faltando, não ficar ainda só: é o Pagode, é a Roda de Samba, aquela coisa mais que o pessoal considera assim mais Gueto.

Larissa: Que é mais conhecida.

Entrevistado: Porque não é. Na verdade o Samba é super elegante. Tem que ter muita técnica para dançar. Muito mais do que vários ritmos assim.

Larissa: É verdade! Concorde.

Entrevistado: Então.

Larissa: Mas é isso, então. Te agradeço pela entrevista. Muito obrigada!

Entrevistado: Obrigada! Espero que eu tenha ajudado.

Larissa: Claro! Ajudou sim.

Entrevistado E

Dados de identificação:

Nome: _____

Idade: 45 anos

Formação: cursos de dança

Perfil e atuação profissional:

Onde se especializou em dança de salão? Em cursos de professores.

Especializou-se em samba? Onde? Sim, no Rio de Janeiro. (Raquel Mesquita/Jaime Arôxa/Carlinhos de Jesus/Rogério Mendonça, Cristóvão, Wellington Lopes, Maria Antonieta).

Onde leciona? Quanto tempo? Leciono no Brilhante, fui proprietário do Club da Dança, no qual atuei como professor e coreógrafo.
Dou aula de dança a 21 anos.

Trajetórias e práticas pedagógicas:

Como iniciou a sua história com o samba de gafieira? Quais foram seus professores neste gênero de dança? Iniciei minha trajetória em 1988 dançando de forma autodidata. A partir de 1998 adquiri conhecimentos relacionados ao samba com mestres como: Maria Antonieta, Jaime Arôxa e Carlinhos de Jesus.

Como você organiza as suas aulas de samba de gafieira? Aquecimento com passos de dança. Mostro os passos individuais (dama/cavalheiro). Fazer os passos sem música e depois com música.

Você utiliza referencial teórico? Quais? Vídeos e filmes.

Gostaria de saber seu envolvimento com o samba de gafieira, se teve professores distintos desta dança?

Como mencionado na anteriormente tive diversos mestres, por exemplo, Carlinhos de Jesus e Jaime. ambos apresentam metodologias distintas para o ensino da referida dança.

Enquanto um é mais técnico e didático o outro é mais prático e espontâneo.

E se você se espelha em alguém no modo de dançar samba de gafieira? E no ensino? No modo de dançar sou a soma de diversos profissionais nos quais me espelho.

Nas minhas aulas me utilizo mais especificamente das metodologias de Jaime e Carlinhos dos quais procuro utilizar técnica e espontaneidade.

Percebe diferentes abordagens de ensino do samba de gafieira? Quais?

Vê diferença na didática do samba de gafieira em professores conhecidos?

E comparado ao seu modo de dançar e dar aula, o que vê de diferente em seu próprio trabalho ou em comum ao trabalho de Jaime Arôxa, Carlinhos de Jesus e Jimmy de Oliveira?

Estamos em constante construção e não somos produto daquilo que aprendemos com um ou outro professor.

A vida do profissional de dança é cercada de experiências com muitos profissionais, conhecidos e anônimos.

Neste sentido, concluo que além de seguir os estilos de professores que me inspiram procuro não perder a veia autodidata que me motivou desde o princípio, sendo também criador de minha própria metodologia para dançar e ensinar.

Qual destas três vertentes anteriores citadas a cima você aprendeu? E ensina?

Aprendeu as três vertentes. Jaime a técnica. Carlinhos o corporal. Jimmy cria um método.

Sua dança é uma mistura das 3 vertentes mais suas vivências.

Gostaria de mencionar algum aspecto importante que não foi perguntando? Dancei com Maria Antonieta. Possuo experiência em jazz, contemporâneo, Dança Flamenca e Ballet Clássico.

Fui premiado em diversos festivais como dançarino e coreógrafo.

Ao longo de oito anos desfilei como passista no carnaval de pelotas, tendo recebido o prêmio de melhor passista. Por dois anos fui mestre sala do carnaval da cidade, tendo sido mestre sala nota dez. Fui jurado do carnaval pelotense por dois anos.

Particpei de dois filmes: “Concerto Campestre” e “O Liberdade” no qual fui escolhido por ser referência no gênero “samba” entre os frequentantes do bar do qual o filme recebe o nome.

Entrevistado F

Larissa: Bom! Vou começar hoje, então, a entrevista aqui com o _____. E gostaria de saber, qual é todo o teu nome, tua idade e tua formação.

Entrevistado: Boa tarde, Larissa! É um prazer enorme estar aqui na entrevista do teu TCC. O meu nome é _____, tá. Todo mundo me conhece dentro da Dança de Salão como _____, eu uso só o meu segundo sobrenome. Hoje eu tenho 33 anos. E a minha formação é... sou graduado em Educação Física. Sou pós-graduado

em Dança e Consciência Corporal. E tenho uma pós-graduação em Educação Especial, inclusive que é uma outra área que eu trabalho também.

Larissa: Eu gostaria de saber aonde você se especializou em Dança de Salão.

Entrevistado: Bom! No ano de 2006 eu comecei a aprender os primeiros passos, como muitos professores, no Youtube, vídeos e tudo mais. Comecei a fazer vários cursos rápidos assim, finais de semana na região, como Rio Grande, Pelotas, Bagé. Nessa época eu morava em Bagé. Comecei a fazer alguns cursos em Porto Alegre, quando dava. Até porque eu era acadêmico de Educação Física e a parte financeira não deixava eu ir muito a Porto Alegre, então eram poucas vezes. E, depois que eu me formei em Educação Física, eu resolvi dar um pulo mais alto, que é estar entre os melhores do país, que é o Rio de Janeiro, o berço da Dança de Salão, e resolvi me mudar para lá com o objetivo de ficar 2 anos e acabei ficando 5 anos no Rio de Janeiro, me especializando em diversos profissionais. Mais de 50 professores, eu tive aula lá, vamos dizer assim. Que é onde eu considero que eu me especializei tanto na prática como na teoria, em conversas e tudo o mais.

Larissa: E onde tu te especializaste em Samba de Gafieira?

Entrevistado: Bom! O Samba de Gafieira eu sempre tive um, não digo um carinho, mas uma atração assim por Carlinhos de Jesus, pela questão da mídia, da Globo e tudo o mais de aparecer. Tive uma atração também pelo trabalho do Marcelo Chocolate, que através dele eu conheci a Sheila Aquino. Jaime Arôxa também eu vi alguma coisa no Youtube, mas na televisão mais Carlinhos de Jesus. E fui procurar eles no Rio de Janeiro, mas lá conheci diversos profissionais que vieram desses profissionais. No caso o do Jimmy de Oliveira, do Rio de Janeiro, também eu não tive aula, eu só assistia aula. Até porque nunca me chamou a atenção o Samba Funkeado. Não é o meu gosto assim, vamos dizer assim. Mas a especialização do Samba de Gafieira foi mais com o Marcelo Chocolate, Carlinhos de Jesus fiz algumas aulas também. Jaime Arôxa fiz mais não me chamou muito a atenção com relação a Samba, e sim chamou a atenção em outros ritmos como o Bolero, o Tango. É indiscutível, Jaime Arôxa é referência também assim como Carlinhos de Jesus e Jimmy e outros grandes aí da Dança de Salão. Mas dá para se dizer que o meu Samba de Gafieira veio assim de Sheila Aquino, Mauricio Wetzel, Marcelo Chocolate, Carlinhos de Jesus entre outras vertentes deles também.

Larissa: Gostaria de saber onde tu lecionas e há quanto tempo tu dá aula.

Entrevistado: Bom! Se pegar desde a primeira aula que eu dei na minha vida, em 2006, hoje são 11 anos dando aula. Atualmente eu dou aula em Pinheiro Machado, no meu espaço próprio, e turmas regulares na região, como Candiota, Piratini, Bagé, Pelotas e algumas aulas particulares e oficinas para a região sul e campanha do Rio Grande do Sul.

Larissa: Eu gostaria de saber agora mais sobre as tuas trajetórias pedagógicas. Como iniciou a sua história com o Samba de Gafieira e quais foram os principais professores deste gênero de dança?

Entrevistado: Bom! Como iniciou a minha história no Samba, bom... foi como eu disse. A história no Samba de Gafieira foi tomando um gosto maior, uma paixão maior. Em seguida que eu cheguei no Rio de Janeiro e comecei a ver um Samba alto nível, que nem se compara ao nosso aqui do Rio Grande do Sul, que é por questão cultural e tudo mais. E aí duma paixão começou um interesse maior em aulas, em cursos e querer ler mais a até praticar mais em bailes essa questão do Samba, que inicialmente foi muito difícil, até porque ele se trata de um ritmo mais complexo. E aí é que eu comecei a minha história dentro do Samba, foi do Rio de Janeiro para cá. E...

Larissa: E os principais professores?

Entrevistado: E os principais professores foram o Marcelo Chocolate, Sheila Aquino, Mauricio Wetzel.

Larissa: E como você organiza as suas aulas de Samba de Gafieira?

Entrevistado: Bom! Com relação à organização, à didática, que tu falas?

Larissa: Isto! Pode ser a organização didática ou...

Entrevistado: Plano de aula assim, planejamento?

Larissa: É! O que tu passas primeiro para os alunos, o que tu passas depois. O que tu priorizas nas tuas aulas.

Entrevistado: Tá! Quando se trata de alunos iniciantes, eu procuro trabalhar, independente do ritmo, não só no Samba, mais em questão de ritmo, trabalhar ritmo, entender e ouvir. Não sair do ritmo. Trabalho muito a consciência corporal, do aluno saber o que ele está fazendo, aonde está o peso do corpo, aonde não está. Se está na direita, se está na esquerda. Com relação à noção de espaço. Eu sempre pretendo trabalhar as noções de ritmo, noção de espaço e noção de consciência corporal, para o aluno saber o que ele está fazendo, independente do ritmo. Sabendo essas questões básicas, que na minha opinião são essenciais para dançar qualquer ritmo, eu começo a trabalhar, como a maioria dos professores, os passos básicos, para

poder o aluno até se motivar, se estimular a querer aprender outros até mais complexos e por aí vai.

Larissa: E você utiliza algum referencial teórico?

Entrevistado: Não costumo utilizar.

Larissa: Não?

Entrevistado: Com relação às aulas, não.

Larissa: Gostaria de saber seu envolvimento com o Samba de Gafieira, se teve professores distintos dessa dança, que advém de vertentes diferentes, que trabalham de modo diferente.

Entrevistado: Sim. É... Professores de Samba de Gafieira que surgiram dessas vertentes, no caso, não é?

Larissa: Sim! Que são de vertentes diferentes, que trabalham um pouco diferente um do outro.

Entrevistado: Sim. Do meu envolvimento, tu diz prático assim, ou só de admirar e achar o trabalho legal? Tu diz que eu tenha vivenciado na prática?

Larissa: É. Que tu percebeste que eles trabalham diferente.

Entrevistado: ... diferente. Só com relação à percepção, independente se eu fiz aula ou não?

Larissa: Isto!

Entrevistado: Sim. Denny Ronaldo é um, que apesar dele vir do Jaime Arôxa, eu acho que ele consegue botar uma malandragem do jeito dele, dentro daquele Samba Clássico. Eu acho que ele meio que faz algo diferente. Gosto muito do Caio Monatte, do Rio de Janeiro, que é um estilo bem diferente, com diversas vertentes ali juntas, que ele faz um estilo dele próprio. Gosto do Rodrigo Marques, do Rio de Janeiro, que vem do Carlinhos de Jesus. Mas o foco é diferente desses três, não é?! Eu sinto diferente.

Larissa: É! Um vem do Carlinhos. O outro vem do, do Jaime?

Entrevistado: Isso!

Larissa: Já são um pouco diferentes então.

Entrevistado: Sim! Mesmo vindo deles, já são diferentes.

Larissa: Isto!

Entrevistado: Kadu, Kadu e Vivi são diferentes. De cabeça assim...

Larissa: Ah, os principais assim.

Entrevistado: Os principais são esses.

Larissa: Você se espelha em alguém no modo de dançar e ensinar Samba de Gafieira?

Entrevistado: No modo de dançar eu me espelho bastante no Mauricio Wetzel e no Marcelo Chocolate com relação ao Samba redondo, o Samba confortável, o samba diferente de dançar assim, bem tradicional, mas bem executado. Eu gosto bastante, particularmente, do tradicional. E acho que eles são referências nesse tradicional do Samba. Com relação ao ensino do Samba de Gafieira, Larissa, eu acho que 90% dos professores assim, pecam muito na didática do ensino, porque falta uma formação acadêmica. Porque a maioria dos professores de Dança de Salão, eles aprendem com a prática. Eles não vêm daquela questão teórica de quem fez uma universidade. Não querendo dizer... não me interpreta mal. Não é a questão que precisam, mas é diferente quando a gente vem duma graduação, quando a gente faz aulas de didática, quando a gente aprende educação rítmica, que é o caso que eu aprendi na pós-graduação em Dança, quando a gente aprende didática escolar, que é o meu caso na Educação Física, didática geral da Educação Física. De perceber as dificuldades do aluno, as limitações do organismo, é o caso da didática na educação inclusiva, que foi a minha pós-graduação em Educação Inclusiva que me deu, com relação a perceber pessoas hiperativas, pessoas com dificuldade de aprendizagem, pessoas com algum tipo de transtorno ou com alguma ansiedade, essa pós também me deu. Então são diversas coisas que fazem que tu tentes achar o melhor caminho para o aluno, que cada aluno tem a sua limitação, a sua diferença. E eu acho que isso faz muita diferença na hora do ensino.

Larissa: E isso... Existe alguém que tu olhas, assim, e diz: “Olha, gosto muito do trabalho que essa pessoa faz, o como ela ensina”?

Entrevistado: O Mauricio Wetzel hoje é a minha referência didática, assim. E ele é um cara que não tem formação acadêmica, é um cara que tem uma didática nata, assim, já nasceu... Na minha opinião, assim, por diversas conversas que a gente teve, um grande amigo meu. E é um cara que eu admiro sim, porque ele tem uma didática maravilhosa com relação a reconhecer a limitação do aluno, respeitar, que isso é muito importante. Que muitos professores querem embutir sem respeitar a limitação do aluno. Aí não é assim que funciona, não tem como a gente criar robô. Então isso eu acho muito importante. Além de perceber, enxergar e respeitar a limitação de cada aluno, de acordo com as suas diferenças. Eu acho que isso é um grande diferencial, assim, de qualquer professor que queira ensinar algo.

Larissa: Sim.

Entrevistado: Porque eu acredito sempre, Larissa, que o bom professor não é aquele que ensina o que quer, mas consegue ensinar o aluno dentro da sua limitação, com o que ele consegue.

Larissa: E percebe diferentes abordagens de ensino do Samba de Gafieira? Modos diferentes de ensinar Samba de Gafieira?

Entrevistado: Percebo bastante. Percebo bastante com relação mais à decoreba, não com relação à didática, assim. Eu percebo muito assim: uns professores gostam de ensinar com o pé direito, outros professores gostam de estar com o pé esquerdo. Não sei se é isso que tu perguntas.

Larissa: Também, também.

Entrevistado: É... Alguns professores gostam de ensinar com passo básico, outros não. Alguns gostam de ensinar, porque é o meu caso, por exemplo, de ensinar mais o ritmo do que passo, para depois ir para o passo. Saber o que é tempo, o que é contratempo. Saber se está no ritmo, se não está. Já vi professores mudar toda a questão tradicional de aprender o samba e ensinar de uma outra forma nada a ver com o tradicional, e conseguir resultados também. Então eu acho que o objetivo é conseguir com que o aluno entenda. Agora, a forma que vai fazer...

Larissa: Então existem diferentes didáticas nos professores que tu conheces?

Entrevistado: Sim. Mas assim... Eu acho que existem mais diferenças de forma de mostrar, no sentido de euforia do professor querer que o aluno aprenda, do que diferença de didática. Volto a repetir, eu acho que falta muita didática para a maioria dos professores pela questão acadêmica.

Larissa: De não saber como ensinar.

Entrevistado: De não saber como ensinar, de não ter estudado essa questão teórica de didática do ser humano, da limitação do aluno. E sim, independente de ser dança ou geografia.

Larissa: Sim.

Entrevistado: Eu acho que falta muito isso para o professor, dele pensar, planejar, saber o que ele vai dar em aula e perceber no aluno as dificuldades, as limitações, para saber o que ele vai passar. Eu acho que é muita prática, prática, prática, prática, prática, mais voltada para a decoreba do que o planejamento de ensinar alguma coisa, como se planejar para dar uma aula de, sei lá, de história, de história da dança, de

geografia, de qualquer área que não seja a dança. Eu acho que falta muito essa questão metodológica.

Larissa: Sim.

Entrevistado: Eu acho que falta bastante.

Larissa: Gostaria de saber, comparado a seu modo de dançar e dar aula, o que vê de diferente ou em comum ao seu trabalho com o Jaime, com o Carlinhos e com o Jimmy de Oliveira?

Entrevistado: Bom! Com relação a dar aula, eu não tenho como te responder muito assim, porque Jaime Arôxa eu só assisti aula, assim, assisti a uma aula de Tango, Bolero. Só vi alguns ensaios de Samba. Então não tive muita experiência com a aula dele de Samba, tá. Jimmy de Oliveira também. Carlinhos de Jesus poucas aulas. Mas com relação a dançar eu posso te responder mais. Pode ser?

Larissa: Pode.

Entrevistado: O Jaime Arôxa, sou bem diferente do Jaime Arôxa, porque eu acredito que o Samba tem que ter mais aquela malemolência, aquela malandragem, aquela questão de vender o Samba, com o corpo em movimento. E eu vejo o Jaime Arôxa mais aquela coisa clássica, certo, que é a linha dele. Carlinhos de Jesus me vejo mais, mais parecido com ele com relação a dançar, com essa questão de malandragem corporal e tudo o mais. Eu acho que é mais perto dessa linha aí. Mas não foi proposital, até porque a minha referência é mais Mauricio. Chocolate e Sheila, que vieram do estilo do Carlinhos, então pode ser que tenha herdado daí. E Jimmy de Oliveira também não. Com relação a dançar, não vejo, porque Jimmy de Oliveira eu vejo ele como mais... ele tem um trabalho mais focado para o Funkeado. E até o tradicional dele mostra mais essa... a pegada, que tem mais pegada, a garra dele. Então assim mais seco, mais, como é que vou te dizer... A palavra não é duro, sabe Larissa. A palavra é mais...

Larissa: Reto talvez?

Entrevistado: É. Pode ser. Não é tão molejado, mas é um molejo diferente que é só dele. Eu até digo assim: "O Jimmy é único!" Eu não gosto do Samba Funkeado, mas olhar ele dançando Samba Funkeado...

Larissa: É mais...

Entrevistado: A gente já gosta.

Larissa: E qual dessas 3 vertentes então, Jaime, Carlinhos e Jimmy, você aprendeu e ensina?

Entrevistado: Eu acho que de tabela, não é, Larissa, pelos que saíram dele, da linha Carlinhos de Jesus, mas claro que com influência de Jaime Arôxa e Jimmy também, porque esses profissionais que eu admiro e são minhas referências hoje como o Chocolate, Sheila, Mauricio saíram do Carlinhos de Jesus, mas também passaram pela mão desses outros. Então eu acredito que tenha alguma influência, mas mais de Carlinhos de Jesus mesmo. Indo assim de geração por geração.

Larissa: Sim.

E gostarias de mencionar algum aspecto importante sobre o Samba de Gafieira que tu achas importante estar no trabalho e ser mencionado?

Entrevistado: Qualquer coisa assim?

Larissa: Sim. Qualquer coisa em relação ao Samba de Gafieira.

Entrevistado: Alguma coisa que eu acho... em qualquer aspecto.

Eu acho que com relação à Consciência Corporal assim. Eu acho interessante, porque eu vejo que a gente tem, nós, aqui do Rio Grande do Sul, a gente tem essa cultura mais braçal. A gente tem essa cultura do machismo, a nossa cultura gaúcha. Eu acho que isso dificulta bastante com relação ao Samba alto nível, já que a gente está falando dos profissionais do Samba de Gafieira de Pelotas. É isso, não é, Larissa. Eu acho que...

Larissa: Seria isso, o corporal de cada um e ser uma dança mais dançada, não ser tão braçal, no caso.

Entrevistado: É! Uma dança com menos esforço, vamos dizer assim. Uma dança que o casal esteja mais em sintonia através do corpo e do olhar, do que só do braço. Porque o que a gente vê muito? A pessoa dançando e só o braço mexendo. Então eu acho que o corpo pode falar mais do que só dois braços. Isso falta muito estudo, falta muita capacitação, muito a vontade do novo, da inovação, que tem que partir de nós mesmos. Eu digo nós mesmos porque eu sou de Rio Grande, sou aqui da região sul. E eu acho que tem que partir da gente querer procurar o novo, querer procurar a mudança. E melhorar com quem é referência nisso, que são os cariocas, que é o que fazer parte do trabalho. Eu acho que é tipo o Samba, dançar o Samba da forma mais confortável, que é o que os cariocas sabem fazer de melhor.

Larissa: Sim.

Então eu te agradeço, pela entrevista, pela oportunidade. E muito obrigada mesmo.

Entrevistado: É um prazer enorme poder contribuir com o teu trabalho.

Entrevistado G

Larissa: Bom vou começar hoje aqui a entrevista com _____, gostaria de saber todo teu nome, tua idade e tua formação.

Entrevistado: _____. Estou com 34 anos e fiz graduação em Educação Física, especialização no IFsul em linguagens, mestrado em História, trabalhei com danças de corte e to fazendo doutorado agora em educação, to no primeiro ano.

Larissa: gostaria de saber também aonde se especializou em dança de salão.

Entrevistado: eu comecei em cursos aqui perto de Pelotas, mas eu comecei para valer mesmo foi num samba dança em 2009, que aliás a Flavinha estava junto, nós fomos juntos. Ali eu comecei a fazer os cursos mais fortes ... e eu comecei a viajar mais para fora, para são Paulo participar de congressos maiores. Foi ali que começou!

Larissa: se especializou em samba? Onde?

Entrevistado: eu fiz aulas de samba em congressos que trabalhavam todos os gêneros. Eu fiz o Samba Sul agora a pouco do Diego, que é um congresso todo voltado ao samba, fora esse congresso não me lembro de ter feito nem um outro congresso de samba, mas eu fiz bastante samba nos congressos que trabalhavam todos os gêneros.

Larissa: aonde tu lecionas e a quanto tempo tu dá aula?

Entrevistado: Eu trabalho num espaço que é voltado mais a questões de saúde e tudo mais, que trabalha com yoga e Pilates. E junto do yoga e Pilates tem a dança de salão, e é atrás do Pelotas. E lá eu to desde 2013 se não me engano. Que eu fui para lá! Que eu comecei lá no meio de 2013. E eu comecei em 2006 depois que eu me formei em educação física, eu me formei lá por maio de 2006, no final de outubro de 2006 eu estava dando aula já, só que era numa academia de musculação.

Larissa: Como iniciou tua história com o samba de gafieira e os professores principais deste gênero de dança?

Entrevistado: Como eu fiz a minha formação mais em dança de salão, o samba acabou entrando como entraram todos os outros gêneros, não teve um apressado pelo samba, um destaque. Mas assim, eu tive professores do samba, que eu sei que são bem do samba, foi o Chocolate, foi um professor que eu tive, na época que ele estava

com a Sheila Aquino ainda. Eu tive o Jimmy de Oliveira também, o Jimmy de oliveira era mais um samba funkeado, não era meu estilo. O Carlinhos de Jesus eu não cheguei a ter aula com ele e trabalhei também com Jaime Arôxa. Fui numa semana de professores dele e uma das aulas ele deu samba. Foram os que eu mais tive em referência com samba durante a minha formação.

Larissa: Gostaria de saber também como organiza suas aulas de samba de gafieira?

Entrevistado: que nem eu organizo as de dança de salão, tudo isso aí depende como é que é a minha turma, o que a turma precisa, se eu vou trabalhar musicalidade, agilidade, transferência de peso, aí tudo vai variar e eu vou jogando dentro dos gêneros, e aí o samba tá incluído nisso aí.

Larissa: Utiliza algum referencial teórico?

Entrevistado: Sim, embora tenhamos poucos eu trabalho para samba em específico, eu trabalho com o “Perna”, que é o samba de gafieira aquele que eu trabalho, o livrinho verde dele. Eu trabalho o Samba o Dono do Corpo que é do Muniz Sodre, eu já conhecia ele, depois eu comprei faz pouco, esse aqui é um que eu trabalho também. E um outro que é um dicionário da história social do samba que é do Nei Lopes. Em samba são esses aí!

Larissa: Também gostaria de saber se tu tiveste no teu envolvimento de samba, professores distintos dessa dança? Que venham de vertentes diferentes, linhas diferentes?

Entrevistado: Ah sim! Bom, o Jaime Arôxa, que eu fiz aula com ele e ele tinha um estilo mais... como é que eu vou dizer? Um estilo mais rebuscado, dum samba mais elegante, que foi o samba que eu fiz com ele, que não é o meu estilo. Eu gosto de um samba mais afro, mais pisado no chão, mais Carlinhos de Jesus. O Jimmy de Oliveira que aprendeu com ele também, tem um tipo de samba que eu fiz com ele, mas que não é muito o meu estilo. Eu me aproximo um pouco, gosto bastante do samba do Chocolate, que é um samba mais quando ele dançava com a Sheila, que é um samba mais de chão, que é o samba que eu me identifico mais. Se fosse pra copiar um estilo de samba, se fosse pra me identificar mais eu me identificaria com esse, com o do Marcelo Chocolate.

Larissa: E você se espelha em alguém no modo de dançar samba de gafieira e no modo de ensinar?

Entrevistado: Não necessariamente no samba mais assim, mas eu gosto bastante do Jaime Arôxa pela técnica corporal que ele usa, a forma como ele se expressa,

como ele conduz, como ele faz. Ele tem uma expressão corporal muito forte e significativa, pra mim é meu professor referência pra qualquer coisa. Embora eu não goste de algumas coisas que ele faz, mas isso aí não tenho que concordar tudo com ele, mas pra mim é meu professor referência.

Larissa: Sim, não tem relação né...E de dançarino de samba seria o Chocolate ou outro dançarino?

Entrevistado: Ah de dançarino? Eu goste bastante como professor, mas também como dançarino o Marcelo Granjeiro sabe. Eu já vi o Granjeiro dançando, eu gosto das apresentações dele, que tem as apresentações muito boas, e no samba também ele é bem diversificado, ele apresenta bastante coisa, mas eu gosto bastante do Marcelo Granjeiro.

Larissa: Queria saber também se tu percebes diferentes abordagens de ensino do samba de gafieira? Modos diferentes de ensinar?

Entrevistado: Olha pro que eu vejo assim, eu vejo muito uma metodologia daquele esquema de separado sem música, na frente do espelho olhando o professor, depois é separado com música na frente do espelho olhando o professor, junto sem música e depois junto com música. É eu respeito esse tipo de metodologia, mas não é o que eu uso.

Larissa: E tu? Pode seguir.

Entrevistado: Mas não é o meu estilo, mas é o que eu vejo, pra mim é o que mais acontece.

Larissa: Não é o teu foco. E vê diferença na didática do samba de gafieira em professores conhecidos? Se tem didática se não tem didática também.

Entrevistado: Não, não vejo diferença na didática. Eu vejo mais a diferença como eles abordam o corpo dentro do samba. A didática até que por si só acho que ela não tem muita diferença, mais a forma como eles abordam, como eles fazem com o corpo dançar o samba é que eu acho que diferencia um pouco.

Larissa: E comparado ao seu modo de dançar e dar aula o que pode ter de parecido ou diferente do Jaime, do Carlinhos e do Jimmy?

Entrevistado: Ah, eu tenho uma preocupação com isso aí. Depois que eu fiz o curso do Jaime também de 2 semanas eu também tinha muito isso aí. Que é a questão de cuidar bastante o relacionamento que tu tem com a outra pessoa, de não fazer aquela dança, porque quando a gente faz dança de aprendizagem de passo, que não é o que eu gosto de usar, não é a minha metodologia, a pessoa fica muito desligada da outra

pessoa. Então eu gosto primeiro que a pessoa tenha um momento de contato e relação com outro par, pra a partir daí começar a desenvolver os passos. Então não gosto de trabalhar em cima de passos, “hoje nós vamos ver tal passo”, não funciona assim minha aula. E esse é uma referência que eu tenho no Jaime por causa disso, porque ele trabalha exatamente em cima daquela...ele trabalha bastante momento criativo da pessoa na dança, e isso é uma coisa que eu gosto bastante.

Larissa: Então dos três tu te identifica a dança seria mais com o Carlinhos e o método de ensino com o do Jaime? Algo assim?

Entrevistado: É um estilo de dança que eu gosto de ver, eu gosto de ter no meu corpo seria mais o Carlinhos do Chocolate, mas o método de ensino seria do Jaime Arôxa.

Larissa: E do Jimmy não vê nada comparado?

Entrevistado: Não!

Larissa: E qual das três vertentes então você ensina e aprendeu?

Entrevistado: Olha eu aprendi, um estilo de samba mais do Jaime, quando eu comecei a aprender samba. E eu ensino uma mescla de todos eles, eu misturo um pouco. Quando eu acho que o samba tem que ser mais alto, eu deixo ele mais alto, quando eu acho que ele tem que ser mais pro chão, eu deixo ele mais pro chão. É uma mistura de todos eles...

Larissa: até o do Jimmy?

Entrevistado: Até o do Jimmy! Porque o funkeado tem muita quebra que é o que o samba tem bastante essa quebra, que é bom de usar. Mas eu comecei aprendendo samba, comecei aprendendo o modelo do Jaime de estilo.

Larissa: Ok! Então tu tinha deixado organizado, que tu aprendeu as três vertentes, e tu trabalha ensinando uma mescla das três né?! Então por último eu gostaria de saber algum aspecto importante que eu não tenha falado, que tu ache importante de mencionar do samba de gafieira, ou no geral ou na cidade de Pelotas.

Entrevistado: Não sei se é uma questão... Um problema que eu vejo assim é quando a pessoa quer aprender samba e qualquer outro gênero, a pessoa vai lá e quer só fazer samba. Daí eu acho que esse é o maior erro, é meio um crasso que tem dentro da dança, a pessoa achar que aprende um ritmo dançando só aquele gênero. Tem questões, por exemplo, agora mesmo eu to dando salsa, pro pessoal lá em aula, e to ensinando questões de quadril que vão ajudar eles no samba, na aula. Então aí já entra naquela questão daquela aprendizagem global, que falta um pouco. Não é aquela coisa tão focada. Eu acho que quanto mais a gente aprender um gênero, não

necessariamente acumulação de passos de cada um deles, mas aprender como é que eu me expesso em cada gênero, mais importante é pro desenvolvimento do samba, não necessariamente aprender só o samba.

Larissa: Sim, que daí vai perceber mais o seu corpo e aí vai conseguir colocar no samba.

Entrevistado: Exatamente! Eu acho que a aprendizagem tem que ser de tudo, não somente do samba.

Larissa: Então tá! Te agradeço pela entrevista. Muito obrigada!

Entrevistado: De nada!

Entrevistado H

Larissa: Bom, vou começar aqui a entrevista com _____. Gostaria de saber todo o teu nome, idade e formação:

Entrevistado: Meu nome completo é _____, daqui duas semanas completo 38 anos e a minha formação, como eu já tenho quase 33 anos de dança, na época em que nós começamos, que eu posso dizer que sou de uma outra geração, a formação era nós mesmos que buscávamos os cursos. Então, nós não tínhamos curso de dança, educação física não era voltada para dança, então a nossa formação é de muitos festivais, workshops e oficinas.

Larissa: Gostaria de saber onde se especializou em dança de salão:

Entrevistado: Eu tive um caminho contrário ao samba de certa forma, porque eu primeiro me especializei em ritmos latinos, por morar na fronteira e trabalhar no Uruguai, principalmente fui buscar as músicas latinas, porque de certa forma é um gosto pessoal. Só que quando eu voltei para o Brasil havia a necessidade também de conhecer o nosso país, que o nosso país é muito rico de ritmos e sendo que são ritmos

muito dançados em bailes, então foi aí que eu comecei a buscar cursos de samba de gafieira e forró.

Larissa: Então, tu se especializaste em samba de gafieira aonde exatamente?

Entrevistado: tem um festival, que ainda acontece, o festival de Bento Gonçalves que é um dos festivais de melhor para quem quer fazer cursos, porque são das 8 da manhã as 5 da tarde, com aulas direto em vários estilos e várias modalidades. E eu basicamente cheguei a frequentar 8 anos seguidos as oficinas de samba, as oficinas de salsa, as oficinas de bolero, que era voltada para dança de salão, assim como outros vários ritmos, vários estilos na verdade de dança.

Larissa: Claro! E onde você leciona?

Entrevistado: Hoje eu estou há 16 anos dando aula na Companhia da Dança, antigamente eu trabalhava muito em clubes e levei os ritmos brasileiros para o Uruguai, que eu trabalhava dentro do departamento De Rocha y 33, e hoje já há 17 anos estou na Companhia da Dança.

Larissa: E a quanto tempo tu dá aula no total?

Entrevistado: Ministrando aula são mais de 20 anos.

Larissa: Bastante tempo! Como iniciou a tua história com o samba de gafieira? Teus principais professores deste gênero de dança?

Entrevistado: Todos os ritmos da dança de salão que eu trabalho, eu sempre procurei pesquisar o mais próximo da fonte, então para mim uma grande referência era o Carlinhos de Jesus. Porque anos 90 era o grande nome da dança de salão como ainda é, só que ele era fonte para quem queria aprender samba no pé e samba de gafieira.

Larissa: Como você organiza suas aulas de samba de gafieira?

Entrevistado: Eu tenho um estilo um pouco diferente da maioria dos professores, que geralmente em aula, eu trabalho mais de um ritmo por aula. Então eu sempre faço um aquecimento, envolvo já com musicalização, com trabalho de consciência corporal e de ritmo, usando já músicas do estilo que a gente vai praticar. Então a montagem das aulas é mais ou menos isso, a gente começa com aquecimento, e depois nos vamos desempenhando os movimentos básicos.

Larissa: Você utiliza algum referencial teórico nas suas aulas?

Entrevistado: Dá para dizer que muito dos professores que eu tive, e aí se vão mais de 150, e eu até digo que as vezes uma aula de uma hora pra você, pode ser melhor que um curso de 20 horas, depende de quem está ministrando essa aula. E eu muitas

vezes aprendi muito em como dar uma aula, conversando com outro professor do que propriamente estar fazendo uma aula.

Larissa: Sim, e não deixa de ser um tipo de referência, claro! Gostaria de saber seu envolvimento com o samba de gafieira e se teve professores distintos dessa dança. Professores que vem de vertentes diferentes, que trabalham diferente?

Entrevistado: Bom, eu como já tinha dito, para mim a minha grande referência é o Carlinhos de Jesus, e a partir do Carlinhos de Jesus, vários professores que vieram com formação nas casas de dança Carlinho de Jesus, fui fazendo aulas. Porque a dança é uma coisa muito particular, nós dois poderíamos ter aprendido com o mesmo professor e dançarmos diferente, isso é uma coisa que eu aprendi e tento passar para os meus alunos, para não formar um exército de robozinhos. Que todo mundo coloque à sua maneira de dançar aquilo que se lhe é mais confortável, e aquilo que mais lhe acha interessante.

Larissa: Sim! Além do Carlinhos você não teve outros professores?

Entrevistado: Eu fiz aula com o Jaime Arôxa, também para ter um conhecimento, um entendimento de um outro estilo. Gosto muito do estilo Jaime Arôxa, mas não foi nem por escolha na verdade, é que os cursos que eu pude fazer, geralmente eram professores vindos da escola Carlinhos de Jesus.

Larissa: Ah que legal! Você se espelha em alguém no modo de dançar samba de gafieira e de ensinar?

Entrevistado: Sim, na forma de dançar como eu disse, quem é de uma outra geração, que é um samba mais no chão, que é um samba mais contido é Carlinhos de Jesus. E para ensinar, tem um professor que eu fiz um workshop com ele eu e eu achei ele muito interessante, porque a busca dele é que o aluno entendesse muito o que estava fazendo, mais do que querer dar o espetáculo, vamos dizer na pista, é se sentir bem, Ranieri Camargo.

Larissa: Sim! E de onde ele é?

Entrevistado: Hoje ele é diretor da escola 8 tempos em Porto Alegre.

Larissa: Sim, já ouvi falar.

Entrevistado: Só que assim, eu conheci o Ranieri Camargo em 2006, e eu já tinha alguma história com a dança de salão e com o samba de gafieira, mas eu pude fazer 4 dias de aula com ele, e aí eu achei muito interessante, porque eu já tinha um método, desenvolvido um método, e muito da forma dele passar a informação, eu trouxe para a minha maneira de dar aula também.

Larissa: Sim, isso é interessante, outras referências! Vê diferença na didática do samba de gafieira em professores conhecidos?

Entrevistado: Com certeza, até pelo objetivo da forma de dançar, a didática termina sendo diferente, de um professor para o outro. Porque muitas vezes tu não consegues...por exemplo, eu não tive oportunidade de ficar 2 meses fazendo aula numa escola no Rio, então sempre o que eu aprendi foi através de cursos as vezes com 20 horas, carga horária de 20 horas, 10 horas, 15 horas. E, claro que, geralmente quando tu chegas num curso de um professor já mais gabaritado, ele chega com algo pronto, ele já chega aquilo ali, e se ele der o curso para nós aqui em Pelotas, ele vai dar aquilo ali, em Porto Alegre faz a mesma coisa. Então essa parte de didática quase que tu não aproveita muito, porque as vezes tu vai tão preocupado com aprender figuras novas.

Larissa: Sim, aprender novas figuras.

Entrevistado: Porque os cursos muitas vezes, é mais para isso. E a coisa de tu dar aula depois, não é no curso que tu vais entender, as vezes é dentro da sala de aula, tu mesmo vais te descobrindo, como tu pode ser um melhor professor.

Larissa: Ah isso é verdade! E tu percebe diferentes abordagens do samba, como vou dizer? Métodos diferentes de dançar, de perceber o samba? Um samba mais leve, um samba mais clássico?

Entrevistado: Com certeza. Eu até estou usando essa palavra algumas vezes, essa exclamação “Com certeza”, porque assim, o meu primeiro contato com o samba de verdade, não foi com professores de academia, de escolas. Então eu primeiro tive um samba dançando no salão, porque gafieira nada mais é, a gente usa o termo de “samba de gafieira”, mas samba de gafieira nada mais é que o samba de salão. É o samba dançando na gafieira, que é o local onde se vai dançar, e a gente tem essa mania de pegar os nomes e as expressões do centro do país, então gafieira nada mais é do que um local onde se vai dançar samba. Até porque lá eles usam muito esse termo, samba no pé, que é samba para o carnaval, e tem samba de gafieira que é o samba para o salão. Então, o meu pai era músico, tocava muito samba, então muito eu aprendi dançando, vendo outros dançar, nas rodas de samba. Então, foi aí que eu realmente me interessei pelo samba, que era uma coisa para ser divertido, que era para gente ir pra lá pra dançar, e muitas vezes não se fazia figuras ou grandes performances.

Larissa: Era só curtir mesmo!

Entrevistado: Era só curtição! Então o que que as vezes a mim me preocupa no samba de gafieira? É que as pessoas ficam muito voltadas, preocupadas com a performance e não se divertem. E não é isso, na verdade a performance interessa se tu quiseses virar bailarino profissional e dar espetáculo, e aí isso acontece muito nas aulas, que também as pessoas não aproveitam as aulas, porque elas estão muito preocupadas em aprender aquilo, que muitas vezes nem usam. Porque os espaços que nós temos hoje para dançar não comportam e chama muita atenção, e se a pessoa não conseguir ser tão extrovertido a ponto de chamar a atenção, e tá tudo bem, aprende e não usa.

Larissa: É verdade! Comparado ao seu modo de dançar e dar aula, o que tu vê de diferente ou em comum com o Jaime, com o Carlinhos e com o Jimmy?

Entrevistado: Na verdade a montagem da aula é muito parecida, não sei se tu já tiveste a oportunidade de fazer cursos com vários professores diferentes, pode ver que a aula é meio que padrão assim, a gente faz uns exercícios básicos no início, trabalhando ritmo e coordenação e depois vamos para o estudo, “bom essa aula vamos abordar tal coisa”, então isso é muito parecido e ao mesmo tempo bem diferente. Porque, geralmente esses professores dão uma aula pra quem já tem caminho na dança, eu nunca tive a oportunidade de fazer uma aula iniciante com um professor desses, e dificilmente um professor desses vai dar uma aula iniciante. Porque ele já tem monitores e outros professores dentro das escolas deles, que faz a triagem e chegam para eles geralmente aquelas pessoas que já tem uma aptidão com a dança. E eu particularmente gosto muito de trabalhar com gente que está recém começando, até eu sempre digo pros meus alunos, quando chegam num certo nível, buscar outros professores, pra também desenvolverem e criarem a forma deles de dançarem.

Larissa: Sim! E em relação a dançar, o que teria de diferente ou em comum com cada um dos três? Teu modo de dançar.

Entrevistado: Pegando o exemplo da outra resposta, tirando as rodas de dança, exhibições ou os bailes que eu pude frequentar em que eles estavam, geralmente a dança deles é mais apresentação, é mais show. Então, quer dizer, que ver um professor, e isso também para nós, com certeza tu também vais buscar vários outros professores, mas geralmente tu vais ver só o melhor, ou o que ele está preparado pra apresentar naquele baile, naquele show, então a gente quase que não consegue ver dançando se não estivesse se apresentando.

Larissa: não consegue perceber.

Entrevistado: Porque mesmo que ele esteja só dançando no baile, está se apresentando, porque ali ele foi professor, então ali ele foi ministrante daquele curso, ele é a estrela, então quase tu não consegues ver ele dançando só curtindo.

Larissa: Mas assim, os três tem características mais peculiares, tu tens alguma característica de algum deles? Tu trabalhas alguma característica?

Entrevistado: Uma coisa que eu noto muito do Carlinhos para o Jaime, é a maneira de se desenvolver a dança na pista, que um é um pouco mais exuberante vamos dizer a dança, que vai mais para o lado do Carlinhos de Jesus, e o Jaime é um pouco mais contido, acho que essa é a grande diferença.

Larissa: E tu utiliza algum destes métodos? Ou te compara?

Entrevistado: Na hora, na pista, eu acredito que é o estilo mais Jaime Arôxa.

Larissa: E do Jimmy, tu não trabalhas com funkeado? Não dança?

Entrevistado: Pois é, eu sou da gafieira tradicional, e eu acho que uma coisa muito importante pra quem busca um estilo, uma aula de dança, ou trabalhar com dança, tu tem que defender o teu estilo. Eu acho muito legal o samba funkeado, essa nova onda, só que até para o público que eu trabalho, para mim não foi interessante, buscar fazer cursos, até pra não perder a identidade que eu já tenho.

Larissa: Então, qual dessas três vertentes anteriores você aprendeu e ensina? Seria mais a vertente do Carlinhos então?

Entrevistado: Mais a vertente do Carlinhos.

Larissa: Gostaria de mencionar algum outro aspecto importante sobre o samba de gafieira na cidade de Pelotas?

Entrevistado: Pelotas é uma cidade muito boêmia, então eu tive muito esse cuidado em seguida que eu cheguei em Pelotas, que eu cheguei em 2000 aqui em Pelotas, já vinha a Pelotas para sair na noite de Pelotas. Então eu fiz, pode se dizer que uma pesquisa de campo de como o pessoal, geralmente dançava na noite, então tem coisas inclusive que eu ministro nas minhas aulas, que eu aprendi aqui em Pelotas, com pessoas que nunca foram profissionais de dança, que nunca ensinaram um passo de dança para ninguém. Mas, por exemplo, um local que era um berço aqui para o samba aqui em Pelotas e chorinho, era o Liberdade, o pessoal ia dançar no Liberdade, tinha gente que dançava muito samba de gafieira e que nunca tinha feito uma aula de samba de gafieira.

Larissa: Só pela prática.

Entrevistado: Só pela prática! O sobrado que é uma casa que ainda funciona em Pelotas, também ali tu passavas os domingos à tarde, e tinha um outro o Saudade Show, que era um bar que tinha pista de dança e depois virou só um bailão, também. Então, eu sempre procurei ir na fonte do que as pessoas querem aprender, porque não adianta eu tentar impor o que eu quero ensinar, primeiro eu tenho que entender o que as pessoas querem aprender. Então, Pelotas tem muita gente que dança muito bem samba, que é o samba de gafieira, mas que nunca frequentou uma aula de dança.

Larissa: Isso é interessante de perceber. Eu também percebo isso! E algumas pessoas também me falaram desse Liberdade e da importância que teve aqui na cidade. Então é bem legal ver que mais alguém comentou também desse local.

Entrevistado: É o Liberdade era um núcleo boêmio de Pelotas e quem sabia muito de samba, não só cantar, tocar e dançar, se encontrava no Liberdade, e era um botecão, um bar com ovo cozido em cima do balcão. Era uma coisa muito típica...

Larissa: É como se fosse bem do Rio assim... uma coisa bem...

Entrevistado: Eu até agora estava me programando para ir pro Rio, justamente para ir na fonte do samba, esquecer a academia, é que a gente...isso eu consegui fazer com o Tango, viver em Montevideo, viver em Buenos Aires e ir nos lugares que o pessoal de lá vai, não que nós turistas vamos.

Larissa: Sim.

Entrevistado: Porque nós turistas, digo até nós professores, nós muitas vezes vamos nas escolas, vamos nas academias, mas espera um pouquinho, isso aí nasceu antes.

Larissa: Sim, ir na raiz mesmo do lugar!

Entrevistado: Depois da academia, nas escolas temos que ir formatando, “bom isso aqui é uma forma de poder ensinar”, só que tem muita gente que dança muito bem, e como é que tu vais chegar para um senhor, e isso acontece muito na dança, “isso aqui tá certo, isso aqui tá errado”, e na verdade não existe isso na dança de salão, não tem certo e errado. Como é que vai chegar para um senhor e uma senhora de 80 anos, 85 anos, que eles dançam samba a vida inteira, e dizer “não isso aí que o senhor está fazendo, tá errado”? Não foi assim que eu aprendi! E as vezes acontece isso com a aula na academia, porque de repente está errado em comparação com aquilo que a gente está tentando ensinar, porque não tem um certo ou errado. Tu não pegas um livro e está escrito “esse movimento tem que se fazer dessa forma, porque foi

elaborado para ser dessa forma”, a não ser nos concursos que daí sim, nos concursos de dança, os jurados geralmente querem que a gente empregue uma técnica.

Larissa: Sim, mas quem vai para o concurso já sabe que isso vai acontecer.

Entrevistado: É uma outra coisa. Eu particularmente abandonei os concursos, por causa disso, porque tu tens que te bitolar a aquilo que o jurado está querendo, e isso acontece em outros estilos. O ballet tem técnica, tu pega um livro de ballet e tu vai ver todos os movimentos estão ali descritos, o Jazz, a dança de rua, e também a dança de rua nasceu na rua, e aí vem o nome e agora as danças urbanas, trocou até de nome, porque pegou outros estilos. E a dança de salão é uma dança urbana, é uma dança social, é uma dança que ela nasceu antes do ensinar, ela nasceu na prática. Não era assim, não era “assado” não, se dançava, simplesmente se ia para um baile para dançar, e aí depois aqueles que não conseguiam dançar, que se criou uma forma de ensinar. Mas então, também a gente tem que pesquisar isso, porque depois que a gente faz isso, a gente tem que escolher “o que que eu quero fazer da minha dança?”, “a minha dança eu quero que seja mais espetáculo”, então tu podes fazer uma dança mais bitolada, mais espetáculo, para estar no palco. Porque tem que também ter essa diferença, tu vais pra pista, tu não podes dançar na pista como tu dança no palco.

Larissa: Sim se não, não tem nem espaço, não tem nem como né!

Entrevistado: E termina batendo em todo mundo, sendo desagradável. Aqui em Pelotas é meio difícil porque a gente não tem muito essa referência, porque nós não temos lugares para dançar.

Larissa: Não tem lugar para dançar.

Entrevistado: Eu vou pegar um exemplo, agora nós fomos dançar em Montevideo e nós fomos em dois locais diferentes, de estilos diferentes de dança, por exemplo, nós fomos num local em que se dança salsa há 24 anos. Então tu vê vários estilos, vê aqueles que fazem aula, e vê aqueles que dançam com naturalidade, que foram desenvolvendo essa técnica a partir dos bailes. E nas Milongas onde se dança tango também, nós fomos em um local que tá completando 40 anos, uma Milonga que já existe a 40 anos, então se dança de uma forma. Aí já tem umas milongas mais modernas, onde a juventude vai, onde já toca tango eletrônico, já tem outras influências, se dança de outra forma. E até isso, a mesma dança, pode ser dançada diferente, e pena que aqui em Pelotas não temos locais, pro samba principalmente.

Larissa: É aqui não tem nada pro samba e pra dança de salão em geral né! Bom, quero te agradecer então, muito obrigada, pela entrevista, por ter aceitado fazer. E tomara que tu gastes depois de todo o resultado do trabalho.

Entrevistado: Com certeza! Eu que fico feliz em ter me convidado, em ter te lembrado de mim. Porque é muito interessante poder até dividir conhecimento, eu acho que quando a gente divide conhecimento, esse conhecimento se multiplica. Porque não é porque você tá começando, e eu já tenho algum tempo, que eu vou saber mais, isso não quer dizer nada. A vivência as vezes, a experiência de vivenciar determinada situação, te dá um conhecimento um pouco mais avançado, vamos dizer assim, mas não quer dizer que o meu conhecimento é maior que o teu.

Larissa: Sim, muito obrigada!

Entrevistado I

Larissa: Bom! Vou começar hoje aqui a entrevista com _____. Eu gostaria de saber todo o teu nome, a tua idade e a tua formação.

Entrevistado: Tá. Meu nome é _____. Eu tenho 28 anos, se eu não me engano. E a minha formação acadêmica... Eu tenho graduação em História, mestrado em História, especialização em Coach de Carreira e Orientação Educacional, Life Coach, Business Coach e como palestrante e outras coisas mais em empresas privadas.

E na área de Dança de Salão são workshops, cursos, diversos com muitos professores assim. Não tenho uma formação acadêmica em Dança de Salão, específica.

Larissa: Gostaria de saber também: onde se especializou em Dança de Salão?

Entrevistado: Deixa eu ver.

Larissa: Tranquilo, não tem...

Entrevistado: Não, não, não... Só para você entender. É que a próxima pergunta é da...

Larissa: É do Samba.

Entrevistado: Não, a próxima pergunta tem a ver com a minha trajetória, com o tempo de dança, né. Você vai perguntar alguma coisa nesse sentido.

Larissa: Sim, sim.

Entrevistado: Então eu já vou emendar tudo e depois você separe. Pode ser?

Larissa: Pode ser. Tranquilo!

Entrevistado: Conforme o que vai acontecer, eu falo de novo.

Tá. Eu comecei a dançar em 2010, em agosto de 2010. E comecei na Academia Unidança, aqui em Pelotas. Então o meu primeiro contato com a Dança de Salão foi com a Márcia Loureiro, aqui em Pelotas. Eu, em fevereiro eu comecei... em janeiro de 2011 eu comecei a atuar como monitor lá na academia e aí já assumi uma turma em 2011, em fevereiro, uma turma de Salsa. E comecei a buscar bastante material na internet sobretudo, né, vídeo aulas. Comecei a buscar bastante material da Over Dance, Franz Rocha. Eu tenho uma coleção bem vasta assim de vídeo aulas. E fui me dedicando de uma forma mais autodidata, vamos dizer assim. Aí comecei a participar de Festivais de Dança, “Dança Bagé”, “Dança Pelotas” e participar de workshops com vários professores. Eu tenho... fiz cursos com o Carlinhos de Jesus, com o Rodrigo Garbin, praticamente, com uns professores aqui da cidade. Com a Tracy Freitas de Porto Alegre também. Que eu me recordo nesse momento foi mais ou menos isso. Então a minha formação na dança mais especificamente está ligada aos workshops e aulas, oficinas, que participei. Inclusive da própria universidade, com o Dia Internacional da Dança, né. Teve oficinas com professores diversos e eu sempre participei nesse sentido.

Larissa: E onde se especializou em Samba, mais especificamente?

Entrevistado: Tá. Eu fiz bastante aula com o Carlinhos de Jesus, com o Rodrigo Garbin, com a Raquel e com o Marcos Silva, nesse sentido. Mas depois... eu não tenho... Eu posso dizer que eu sou um professor genérico, no sentido que eu sei um pouquinho de cada coisa. Eu não me especializei. É um defeito... não sei se é um defeito, mas eu gosto de várias coisas, de vários ritmos, você me entende. Então o Samba não é o meu único xodó. Então eu procuro buscar bastante referências em vários estilos, nesse sentido. Então eu não tenho uma especialização específica e aprofundada no Samba de Gafieira. Mas já fiz várias aulas. Tenho materiais de nível médio, intermediário, avançado.

Larissa: Onde tu dá aula?

Entrevistado: No Clube Diamantinos, em Pelotas. Aqui vai fazer 2 anos que eu dou aula. Hoje eu trabalho apenas 2h/a de dança. Mas teve períodos que eu dei 25h de aula na semana de Dança de Salão e de Ritmos. Aí comecei a sentir bastante o impacto físico e tive que diminuir. Mas hoje é só no Clube Diamantinos.

Larissa: Então, como tu falou, tu trabalhas com... tu começaste na dança. E trabalha com isso há quanto tempo? Tu começaste em 2010.

Entrevistado: 2010 fazendo aula. Dando aula, obviamente foi em 2011. Então são 6 anos dando aula.

Larissa: 6 anos.

Entrevistado: 6 anos dando aula.

Larissa: Eu queria saber como iniciou a sua história com o Samba e teus principais professores.

Como tu disse, é tudo meio misturado, né.

Entrevistado: Tá. A minha história com o samba começou... Tá... Começou obviamente na primeira academia quando eu fiz aula com a Márcia Loureiro, mas a perspectiva didática dela era do Carlinhos de Jesus, com o Quadrado Aberto, com toda uma variação da Saída ao Lado com gancho e tudo o mais. E eu particularmente não gosto, não gostava e não gosto do estilo de dançar do Carlinhos de Jesus. O Samba no Pé dele eu adoro, mas a Dança a Dois eu não gosto muito. Então eu busquei referências do Jaime. E quem é que tinha referência do Jaime aqui na cidade? O Marcos Silva. O Marcos Silva teve uma trajetória com o Jaime e com o Carlinhos de Jesus, mas ele trouxe mais referências do Jaime. Então busquei o Marcos Silva numa tentativa também de me aproximar do samba e de outros ritmos, que eu gosto do jeito que o Marquinhos dança, nesse sentido.

Larissa: E então os teus professores que mais te marcaram seriam o Marcos Silva. E tem mais algum que te marcou assim nessa trajetória do Samba?

Entrevistado: O Rodrigo Garbin.

Larissa: Como você organiza as suas aulas de Samba de Gafieira?

Entrevistado: Tá. Eu não tenho ainda uma turma específica só de Samba de Gafieira. Já tive no passado, tá. Então falando do conceito das minhas aulas de Dança de Salão, eu listo Samba de Gafieira, Samba no Pé, Tradicionalista (entre Chamamé, Milonga e Vaneira), Tango, Bolero, Salsa e Forró. E soltinho. Tá! E então eu encaixo o Samba de Gafieira em blocos de tempo específico de 2h/a que eu dou direto, tá. E dentro, quando eu estou dando aula de Samba de Gafieira, aí eu uso a particularidade,

referências, do Jaime e também do material do Carlos Valverde, se eu não me engano, que é da Over Dance. É um material bem rico assim. Inclusive usou o material dele como referência na Dança dos Famosos.

Larissa: Sim.

Entrevistado: Eu gosto muito da referência do estilo de dança dele.

Larissa: E já meio que falando nisso. Então você utiliza algum referencial teórico?

Entrevistado: Eu gosto bastante daquele estilo que até gerou um trabalho de conclusão de curso que é: “Penso, logo danço.” Me deu um branco do nome da pessoa que escreveu. Peço desculpa.

Larissa: Sim, mas não tem problema.

Entrevistado: Mas depois, por favor, depois busque. É um estilo de ensino bastante intuitivo e é uma linha que eu acredito bastante. Porque a Dança de Salão é uma dança a dois, nesse sentido, né. Então, tanto o homem quanto a mulher, eles precisam sentir o que estão fazendo para conseguir se movimentar e se entender. Senão não se encaixam, não há sintonia e afinidade. E quando a gente fala de “Penso, logo danço”, a gente está falando primeiro do sentir, pensar o que vai fazer e depois executar. Que é aquilo que a gente chama de memória corporal, né. Primeiro você absorve o conhecimento através de visualização, através de uma parte mais auditiva, onde o professor te explica, né. A gente trabalha aí, nesse sentido, primeiro o contato visual. E aí com o tempo e com a prática, a execução do movimento o teu corpo vai absorvendo e você vai aprendendo a se desenvolver nesse sentido.

Larissa: Gostaria de saber o seu envolvimento com o Samba de Gafieira e se teve professores distintos dessa dança. Pensando que advém de vertentes diferentes. Mais método Carlinhos, Jaime, Jimmy.

Entrevistado: Tá! Tu podes repetir para mim, por favor?

Larissa: Teu envolvimento com o Samba e se teve professores diferentes desta dança.

Entrevistado: O meu envolvimento com o Samba foi praticamente com esses professores que eu já descrevi. Ah, perfeito... Eu gostaria de falar isso. Eu fiz com o Leandro Pizani, daqui da cidade, só que ele criou um estilo de samba próprio, no meu ponto de vista pelo menos, com inversões de entradas e saídas e tal. E tive essa experiência com ele, porque todo mundo dizia que era um pouco diferente. E como eu ia para a noite dançar com as meninas, eu percebia que tinha muitas pessoas que faziam aula com ele nesse sentido, né. E eu tinha que aprender o estilo de dança dele

para conseguir danças com as meninas, nesse sentido. Então fui aprender. E aí percebi que a vertente de dança dele é bem diferente assim, nesse sentido, né. Diferente do Marcos Silva, diferente da minha. Não é aquela conexão fechada, que a gente chama de Quadrado Fechado. Enfim... Próximo do... Eu poderia dizer que é um estilo do Carlinhos de Jesus invertido a base dele. Mas enfim, se dança, e se dança muito bem. Também é bonito de ser ver. Mas eu particularmente não gosto, nesse sentido.

Larissa: E tu tiveste professores que trabalhavam a técnica do Jaime ou do Carlinhos também?

Entrevistado: Sim, o próprio Rodrigo Garbin que tem bastante referência, no meu ponto de vista, sobre a perspectiva do Jaime. Tu falou do Jimmy de Oliveira, né.

Larissa: Sim, Do Jimmy.

Entrevistado: Ele trabalha mais com a perspectiva do Samba Funkeado. Tem muito isso presente. Uma marcação bem forte e ao mesmo tempo marcante e expressiva de movimentos. E aquilo também não me chama a atenção nesse sentido. Eu gosto de uma coisa mais natural. O Jaime ele é muito malandro na sua essência, né. E ele transpôs isso para o ritmo, para a maneira de dançar dele. E ele é muito... Eu poderia dizer que ele é muito sentimental na dança também. E isso é uma das coisas que me chama bastante a atenção. Então o samba dele é mais sentimental. O samba do Jimmy de Oliveira é mais para chamar a atenção, no sentido de expressão corporal, tá. E do Carlinhos de Jesus é uma alegria total, nesse sentido.

Larissa: Mas tu tiveste aula então do gênero do Jaime e do Jimmy também? Ou tu só conheces?

Entrevistado: Eu já treinei e treino por referências de vídeo aulas, não pessoalmente.

Larissa: Ah, tá.

E se você se espelha em alguém no modo de dançar Samba de Gafieira e no modo de ensinar.

Entrevistado: É no Jaime, sem sombra de dúvida.

Larissa: Nos dois...

Entrevistado: É no Jaime, no Jaime.

Larissa: Percebe diferentes abordagens de ensino do Samba de Gafieira?

Entrevistado: Bastante, bastante. Cada um tem uma vertente. Começa-se pelo nome dos passos. Cada professor, de certa forma, às vezes por buscar material na internet e só com uma perspectiva autodidata, copiar movimentos e ensinar para os seus

alunos sem a pesquisa mais aprofundada, no sentido de ver o Syllabus, aquela coisa toda dos passos, então cria nomes. Então se pegarmos, por exemplo, um samba, a gente tem a bailarina, que também pode ser o giro livre da dama. O giro com trava, o giro com impedimento, com malandragem. Então tem “n” nomes, né. Então já começa por aí. A divergência no ensino pelos nomes que são dados aos passos. Embora a gente saiba que um nome de certa forma não é tão relevante, no sentido de ser apenas uma referência para o aluno decorar, né. Mas começa por aí, os nomes ser diferentes. Os nomes, por exemplo, daqui na cidade do Leandro Pizani são totalmente diferentes assim. Do Marcos Silva tu vê que tem proximidade. Porque o Marcos Silva também me revelou. Não sei se eu posso dizer. Mas que ele também tem um arsenal da Over Dance. A referência dele de contato físico é com o Jaime, mas a referência online e aperfeiçoamento dos passos é com a Over Dance, sabe. Então eu percebo isso muito bem claro. Então se tu for analisar o nome dos passos do Marquinhos, é o da Over Dance, sabe. Agora já muda bastante, por exemplo, do Elvis. O Elvis ele já tem uma pegada bastante Franz Rocha. O próprio Andrews ele era também. Porque... E aí, se você me permite essa colocação.

Larissa: Pode contar.

Entrevistado: A nova geração de professores de Dança de Salão, e eu me enquadrando nesse sentido, eu, o Luciano, você provavelmente, o Andrews, o Robson nós temos uma perspectiva e mente aberta de pensar um pouquinho fora da caixa, de buscar um pouquinho mais de referência. Já os professores que eu vou considerar mais antigos na cidade, que começaram na década de 90, finalzinho de 80, mais ou menos, e aí eu posso botar o Bira, posso botar o Leandro, posso botar a Karen, a Márcia e o Marcos Silva né, eles são mais reservados quanto a abrir as portas da sua metodologia de ensino e sobretudo aceitar outras opiniões, no sentido de que é possível dançar de outra forma e acrescentar né.

Larissa: Sim.

Entrevistado: Mas isso é fruto da mentalidade de uma linha didática que eu vou botar nos anos 80 e 90. O pessoal mais novo agora dança e pensa diferente, sobretudo pela ação da internet.

Larissa: E tu percebes diferentes didáticas nos professores, como eles ensinam?

Entrevistado: Sim, sim. A abordagem verbal, ou seja, a maneira como eles explicam os passos para os alunos. Tem professores que não dançam, professores masculinos, homens, que não dançam com os homens, seus alunos, pouquíssimos. Não sei qual

é a perspectiva pessoal, mas eles têm dificuldade nesse sentido, tá. E as mulheres que ensinam Dança de Salão aqui na cidade, elas têm bastante dificuldade de personificar o homem na condução. Então, se você fizer uma aula com alguma mulher na cidade, não fiz com você, mas as mulheres não têm o feeling de condução que um homem precisa ter. Por outro lado, as mulheres têm a sensibilidade de explicar para os homens, nas suas aulas, que eles precisam ser gentlemen, eles precisam ser cavalheiros, nesse sentido, tá. Porque hoje com uma aluna, quando vai fazer aula de Dança de Salão, ou quando vai para a festa, por exemplo, ela já entra muitas vezes com receio, porque o homem ele já se passa, o homem já perde a linha e tudo o mais. E no meu ponto de vista pessoal, eu acredito muito que se perdeu muito a essência do homem cavalheiro, de fato condutor da dama. De servir a dama, no sentido de acolhê-la na hora da dança, de protegê-la na hora da dança. E o Samba de Gafieira, por exemplo, tem muito isso. A cordialidade do malandro, né, de proteger a dama. Ele solta ela, mas o braço está sempre resguardando e a outra mão livre protegendo, porque se um outro cara vier pegar ela para dançar, nesse sentido, né.

Larissa: Isso é verdade. Bem colocado.

E comparado ao seu modo de dançar e dar aula, o que vê de diferente ou em comum com o Jaime, com o Carlinhos e com o Jimmy?

Entrevistado: Eu posso me considerar uma pessoa serena no samba assim. Eu tenho mais afinidade com o Tango e com o Bolero pela minha postura e a minha maneira de me expressar. E tenho bastante facilidade com o forró. O samba, eu tento me encaixar no personagem, né, que precisa ser vestido naquele momento, mas ainda me encontro um pouco perdido nesse sentido. Mas me espelho no personagem montado pelo Jaime Arôxa.

Larissa: Então tu não vês muita coisa em comum nem com o Carlinhos nem com o Jimmy?

Entrevistado: Ah, não. É Jaime na veia.

Larissa: Então qual das três vertentes acima você aprendeu e ensina?

Entrevistado: A vertente do Jaime Arôxa e a do Carlos Valverde, que é a do Over Dance, né.

Larissa: Mas você aprendeu a vertente do Carlinhos também?

Entrevistado: Sim, sim.

Larissa: Você aprendeu todas, mas você ensina o Jaime e esse outro que...

Entrevistado: O Carlos Valverde?

Larissa: Esse aí.

Entrevistado: Depois quando eu fiz o contato com a aula do Leandro, que era o Quadrado Aberto com a Márcia, que era o Quadrado Aberto também, né, eu fui buscar referências, e aí que foi a oportunidade de fazer com o Carlinhos de Jesus, porque ele era a fonte, né. E depois, obviamente, através de materiais de vídeo aula. E foi praticando e observando e, sobretudo ensinando, que eu percebi que é falho em vários aspectos.

Larissa: Isso é verdade.

Tem algum outro aspecto do Samba de Gafieira na cidade de Pelotas que tu achas importante falar, que tu percebes, que tu achas interessante?

Entrevistado: Numa perspectiva cultural e de opções de dança, a cidade de Pelotas ela não tem uma cultura de Samba de Gafieira, diferente do Rio, por exemplo. Então, pelo fato de não termos isso muito presente, não há muita procura, no meu ponto de vista, e interesse nesse sentido, né. E obviamente temos a própria questão da regionalidade, de música tradicionalista. Então se você for em qualquer canto, CTG então é mais procurado nesse sentido. Tango a mesma coisa também. A dificuldade de ter alunos em aulas de Tango é porque não tem lugar para dançar. Salsa é a mesma coisa e tal. Mas eu gostaria de pontuar que tem muito bacana o “Pelo telefone”, que são rapazes já, quase que da terceira idade, que eles estão na atuação lá da década de 80 com o Samba de Raiz. Inclusive o Marcos Silva dançou como bailarino no palco com eles. Eles eram uma banda bem famosa aqui no Rio Grande do Sul e já, enfim, viajaram pelo Brasil. E hoje eles estão bem fortes, estão crescendo. Então onde o “Pelo Telefone” vai tem Roda de Samba e tem Samba de Gafieira.

Larissa: Olha, que legal!

E eles trabalham aqui em Pelotas?

Entrevistado: São de Pelotas, são de Pelotas. “Pelo Telefone”.

Larissa: Bah, que legal! Interessante! Eu vou procurar esse.

Entrevistado: E depois “Suvaco de Cobre”.

Larissa: Qual é esse?

Entrevistado: “Suvaco de Cobre” é um outro grupo também de senhores que tocam samba de raiz mesmo, assim de tu se emocionar e se arrepiar quando dançam.

Larissa: Bah, que legal!

Entrevistado: Vale muito a pena!

Larissa: Então tá. Te agradeço pela entrevista. Obrigada!

Entrevistado: De nada!

Entrevistado J

Larissa: Bom! Vou começar hoje aqui a entrevista com _____. Eu gostaria de saber todo o teu nome, tua idade e a tua formação:

Entrevistado: Meu nome é _____, eu tenho 27 anos e sou formado em História, faço mestrado em história aqui na Universidade Federal de Pelotas, e faço um curso também de pós-graduação, de especialização no IFsul em linguagens, verbos e visuais.

Larissa: Eu gostaria de saber também onde se especializou em dança de salão.

Entrevistado: Eu iniciei dançando mesmo, foi na Unidança, ali foi a escola onde eu iniciei e basicamente eu mantive praticamente todo o meu aprendizado. Além disso, foi principalmente a partir dos workshops que eu fui realizando, ou seja, aqui na cidade, por conta as vezes do Dança Pelotas ou em Bagé também e alguns outros professores que as vezes vem até a cidade. Ao longo do tempo também fiz alguns fora da cidade, mas a maior parte dos cursos que eu fiz, foram de professores que vinham até a cidade.

Larissa: Onde se especializou em samba?

Entrevistado: Samba da mesma forma. Quando eu iniciei o samba, eu iniciei com a Márcia, que é a dona, proprietária do “Studio Unidança”, e foi principalmente fazendo aulas e workshops, a maior parte do meu aprendizado foi assim. Para além disso também a questão de materiais didáticos que eu comprava na internet, por exemplo, do Paulinho Aguiar, alguma coisa Rocha, me esqueci o nome dele, mas a hora que eu lembrar eu retorno.

Larissa: Aonde tu da aula e a quanto tempo tu da aula de dança?

Entrevistado: Eu nesse momento tenho dado aula no “Studio Unidança” e no “Studio Z”. Também já dei aula no “Augusto Saleh” e algumas outras escolas aqui da cidade também. Eu dou aula a mais ou menos em entorno de 6 anos, mais ou menos isso.

Larissa: Eu gostaria de saber agora sobre as tuas trajetórias e práticas pedagógicas. Como iniciou tua história com o samba de gafieira? E os principais professores, que mais te marcaram desse gênero?

Entrevistado: Eu iniciei na verdade na dança em si, meio que a contragosto assim, eu iniciei por conta de um amigo meu, que ele estava fazendo, ele começou a me incentivar a fazer também, não era uma intenção minha e eu acabei entrando pra dança meio que nesse sentido assim, foi de qualquer jeito. E durante essa trajetória, tive contato com Samba, tive contato com Forró, tive contato com Tango, tive contato com diversos tipos de dança e inicialmente eu gostava muito do forró. Só que a medida que eu fui estudando mais o samba e conhecendo, e me aprofundando um pouco mais, eu acabei adquirindo um certo sentimento especial pelo samba, e também por uma questão as vezes de busca dos alunos.

Como eu comecei a ensinar um ano, um ano e meio depois que eu comecei a dançar, eu vi que tinha muita procura de samba. Não era obviamente o samba de gafieira, mas o pessoal buscava samba para dançar, ou era samba no pé ou era um jeito de dançar samba assim nas festas, porque é um ritmo que toca bastante aqui em Pelotas. E a medida que eu fui estudando mais o samba, fazendo workshops de samba, eu acabei gostando mais do samba, e acabei adentrando um pouco mais e dando um pouco mais de preferência em comparação aos outros ritmos.

Larissa: E tu lembra os teus principais professores? Os que mais te marcaram?

Entrevistado: eu tenho uma dificuldade com lembrar nomes, mas teve um professor da “8 tempos”, que teve aqui na cidade, eu não lembro o nome dele, não vou conseguir lembrar. Mas dois professores agora recentes que eu tive contato na verdade e que me marcam bastante, foram o próprio Deny Ronaldo e a Paula Pazos, eu tive contato na verdade nesse ano, no “Samba Sul”. Embora seja uma coisa recente e eu já dance a um certo tempo a mais, me marcou muito na verdade a metodologia de aula deles. Eles acabaram entrando muito dentro de um pensamento que eu tenho enquanto a condução, enquanto a marcação do ritmo, enquanto a expressão mesmo corporal e isso para mim me chamou muito a atenção, eles foram uns dos professores, embora recentes, que marcaram muito.

Larissa: Como tu organiza as tuas aulas de samba de gafieira? Tem algo que tu prioriza ensinar primeiro, depois?

Entrevistado: Então, mais ou menos assim, eu tenho tentado desenvolver metodologias diferentes, isso eu vou testando na verdade de acordo com as turmas que vão passando, para ver o que que tem dado certo, o que não tem dado certo. Isso eu vou alterando seja dia após dia, como também de turma a turma e observando mais ou menos como o comportamento dos alunos vai sendo a partir das

metodologias. Eu não tenho uma metodologia específica de samba de gafieira, o que eu tenho na verdade buscado agora, é como vou trabalhar determinadas movimentações. Então, eu tenho uma estrutura pessoal que eu montei e que eu to constantemente alterando, geral das minhas estruturas de aula, que eu vou iniciando, por exemplo, uma marcação do ritmo ou explicando para os alunos inicialmente o que que é tempo, o que é contratempo, o porquê que eu faço a contagem, como isso está auxiliando eles na marcação do tempo. Porque que a gente faz aquela contagem e o que que é as trocas de peso dentro da contagem, porque as vezes o aluno tem um pouco de dificuldade quanto a isso. Então na verdade eu vou iniciando pelo que eu acredito ser o básico, que é um pouco explicativo e fazendo eles terem essa primeira experiência. Porque os alunos quando chegam em sala de aula, eles não tem muita consciência sobre a movimentação que eles estão fazendo. Então a minha ideia é mostrar isso, eu até gosto de brincar com eles dizendo “só porque tu te movimenta, não que dizer que tu saiba te movimentar”. Isso é só na verdade uma provocação pra dizer que tu não tem consciência sobre o que tu ta fazendo, a gente meio que automatiza a nossa movimentação. Então o principal acho que é eles começarem a ter aquele choque inicial de entender, “tá eu sei me movimentar, eu sei dançar, eu já faço tudo isso, só que eu não faço conscientemente”. Porque no momento que começa a tomar um pouco mais de consciência sobre a movimentação dele, é onde eles começam a ter dificuldade, as vezes ele já faz um “vai e vem”, por exemplo, já faz uma marcação de um quadrado fechado ou um quadrado aberto, que é o mais comum as vezes dos alunos fazerem, ele já faz isso, só que quando eu peço para ele fazer, ele não consegue fazer. Mas ele não consegue fazer, porque está tendo que racionalizar aquela movimentação, que para ele já era natural, só que eu acredito que isso é fundamental, ele entender o que está fazendo, porque a medida que a gente vai progredindo na dança, as coisas vão se complicando um pouco mais. Então quando mais consciência sobre a movimentação que tu tens, melhor vai ser o teu desenvolvimento a médio e longo prazo, até porque para encaixar a questão de ritmo dentro da base, trabalhar um pouco com a musicalidade, tudo mais, tu precisa ter um pouco de consciência sobre a tua movimentação, se não tu acaba a médio e longo prazo se perdendo.

Larissa: sim, porque os movimentos são acumulativos né? Mas se tu não entendeu os primeiros, depois vai juntar a tudo e vai dar um...

Entrevistado: Exatamente! Bom, costumo brincar bastante com o pessoal no começo das aulas assim, eu gosto de falar um pouco mais, que é para eles terem um pouco mais de contato sobre isso. Porque na verdade a base para mim é a parte mais difícil da dança, porque é onde tu vais encaixar todos os fundamentos, como tu vai abraçar, como tu vai te relacionar com o outro corpo que está ali próximo de ti, como é que tu vai estabelecer a diferença de peso de uma perna pra outra, como tu vai trabalhar com isso pra indicar uma movimentação pra dama, como tu não vai forçar uma condução. Então na verdade tudo isso tu já começa a partir da base, e a gente ter esse primeiro contato mais racionalizado, pensar um pouco mais o que a gente está executando, pra mim é a parte mais difícil. O resto da movimentação, ela tem a sua dificuldade obviamente, mas ela já parte do princípio que tu já teve um primeiro contato, tu já...

Larissa: Já é mais natural...

Entrevistado: Exatamente! Que tu já tem uma primeira consciência.

Larissa: Também queria saber se tu utiliza algum referencial teórico, se tu te lembra algum que tu trabalha?

Entrevistado: Sim! Na verdade, assim, eu tento diluir ao longo das aulas, mas o principal que eu tenho utilizado é o Rudolf Laban. Eu gosto bastante dele, até para poder trabalhar essa questão das metodologias e como vou abordar determinados conceitos. Como é que eu vou trabalhar uma questão de espaço dentro de sala de aula? Então a questão metodológica começou a chamar atenção para mim no momento que eu comecei a ter um contato um pouco mais teórico, e como trabalhar essa noção de teoria com a experimentação dos alunos é onde eu vou tentando cada vez avançar um pouco mais, é por isso que eu digo, eu não tenho ainda uma metodologia específica. Na verdade, eu vou tentando desafiar os alunos e vendo o que que eles vão me trazendo com relação a isso.

Observação: Utiliza também o referencial Marco Antônio Perna.

Larissa: outro aspecto que eu gostaria de saber, seu envolvimento com o samba de gafieira e se teve professores distintos desse gênero de dança? Professores que trabalham uma linha mais do Carlinhos, uma linha do Jaime...se tu teve professores distintos desses.

Entrevistado: é quando eu iniciei com a dança, eu comecei com a Márcia, a Márcia ela trabalha um pouco mais dentro da linha do Carlinhos de Jesus, tanto até a própria base que a Márcia trabalha é muito puxada para o Carlinhos de Jesus. O maior contato

que eu tive na verdade com o estilo do Jaime Arôxa que é o que eu mais me assemelho, foi através da internet e de alguns workshops, porque me parece que grande parte dos professores, tem buscado um pouco mais trabalhar com o estilo do Jaime Arôxa. Embora eu não ache que sejam estilos necessariamente conflituosos, claro tem suas particularidades, tem até a sua forma de execução dos movimentos, de posição corporal, mas eu não vejo muito conflitante. Eu vejo que grande parte dos professores tendem a trabalhar um pouco com os dois, embora eu veja muito mais que o mercado tem se voltado muito mais pro estilo do Jaime Arôxa, do que propriamente do Carlinhos de Jesus.

Larissa: E o estilo do Jimmy tu chegou a ter aula com algum professor que trabalhasse?

Entrevistado: Aula com o estilo do Jimmy não, eu já vi, conheço bastante, estudei um pouco sobre ele, não é o estilo que mais me chama a atenção particularmente, embora, eu goste, por exemplo, de samba funkeado, acho legal e tal, como uma das vertentes de dança que ele criou, mas não é um estilo que me chama muito a atenção. Prefiro ou um estilo um pouco mais leve, mais brincado, às vezes, de um Carlinhos de Jesus, ele gosta muito de brincar durante a dança, ou aquele estilo um pouco com uma costura mais clássica, entre aspas, do Jaime Arôxa. Mas eu não me identifico muito com o do Jimmy de Oliveira.

Larissa: Você se espelha em alguém no modo de dançar samba de gafieira e de ensinar?

Entrevistado: Olha acho que se eu tivesse que me espelhar um pouco mais, seria no Jaime Arôxa.

Larissa: Tanto de ensino quanto de dança?

Entrevistado: Tanto de ensino como de dança! Embora a questão do ensino é aquilo que eu falei, eu gosto muito de variar, eu gosto muito de observar como que diferentes professores têm trabalhado pra tentar extrair um pouco o melhor, entre aspas, de cada um, e testar muito. Porque eu acho que a dança é uma coisa muito prática e também e vai muito das turmas e das dificuldades que os alunos tem, e das competências, também entre aspas, competência não no sentido de não ser competente, mais das habilidades que eles trazem pra dentro da sala de aula. E eu acho que quanto mais dinâmico a gente for, um pouco mais flexível dentro dessa questão das metodologias, a gente tende a abarcar um pouco maior a quantidade dos alunos, até porque dentro da sala de aula, as vezes é difícil ter poucos alunos. Quando a gente tem poucos

alunos, a gente consegue fazer algo mais homogêneo, porque tu consegue trabalhar de uma forma um pouco mais próxima entre todos. Agora quando tu tem muitas pessoas é uma variedade muito grande de habilidades que os alunos tem, e também de dificuldades, então quando a gente vai com um modelo muito engessado de modo de ensino, pelo menos dentro das minhas experiências que eu tive, geralmente não deram muito certo. Ou é um aluno que não consegue acompanhar a aula, ou é um aluno que começa a não se sentir satisfeito naquele lugar, porque nem todo aluno vai ali necessariamente pra aprender a fazer 500 mil passos.

Larissa: É e perde interesse né!

Entrevistado: Exatamente! Os interesses que se buscam na dança são diversos. Então, se a gente não tem essa flexibilidade de observar tá “tem gente que tá aqui mais pra isso, tem gente que tá aqui mais pra aquilo”, se eu tenho uma aula com 20 pessoas, não posso seguir somente uma linha de ensino. Então eu preciso tentar trabalhar um pouco mais com isso.

Larissa: Gostaria de saber se tu percebes diferentes abordagens de ensino do samba de gafieira:

Entrevistado: Aqui na cidade ou no geral?

Larissa: Pode ser aqui na cidade, mais específico.

Entrevistado: Eu acho que sim! Assim, eu tenho bastante contato com o pessoal, é uma das formas também que eu busco de aprender mais, tentar ter mais contato com os professores. E eu vejo que sim, cada professor tem uma metodologia específica ou também diversifica, mas geralmente os professores gostam, tem alguns que buscam uma forma de ensino um pouco mais tradicional de dança. Outros buscam trazer mais liberdade pra dança, e eu vejo que tem uma diversidade muito grande, e isso vem pra mim não só pelo contato que eu tenho com os professores, mas também pelos alunos. Porque as vezes os alunos trocam muito, um aluno iniciou a fazer aula comigo, e quando vê ele não se identificou muito com a minha forma de dar aula, as vezes ele troca pra uma outra academia. E isso acontece também muito comigo, de vir vindo alunos de outras academias, ele falando, “bom o professor x trabalha dessa forma e eu não me identifiquei”, não é uma questão de ser ruim ou ser bom, é uma questão de identificação. Tem alunos que aprendem mais de uma determinada forma e outros de outra, e uma questão de empatia as vezes mais com um professor x do que y.

Larissa: Vê diferença na didática do samba de gafieira em professores conhecidos? Se tem didática também né?

Entrevistado: Eu acredito que sim, pelo menos com todos os professores que eu conversei até agora e os que eu tenho mais contato na verdade, porque já conversei com vários, mas não tenho necessariamente contato com todos.

Sim, é o que muitas vezes a gente acaba discutindo, por exemplo, o Andrews, a gente conversou muito sobre isso, sobre como ensinar, sobre como funciona o aprendizado, o Thiago também, eu sempre conversei bastante com ele. Não conversei muito com o Luciano, mas, eu já li o TCC do Luciano, eu vi que ele tem uma preocupação muito grande quanto a isso, a Raquel também de Rio Grande, também já conheço. Então eu acredito assim, que o pessoal busca novidades, que pelo menos dentre todos esses que eu falei, todo mundo busca se aperfeiçoar, então na verdade na medida que tu busca se aperfeiçoar é meio que automático tu entrar em contato com metodologias diferentes e aquilo tu vai agregar pra tuas aulas.

Larissa: Sim! Acaba que cada um vai tendo sua metodologia, sua didática diferente.

Entrevistado: Exatamente!

Larissa: E gostaria de saber, e comparado ao seu modo de dançar e dar aula, o que tem de parecido ou de diferente com o Jaime, com o Carlinhos e com o Jimmy?

Entrevistado: Quanto a questão de dançar eu não sei te dizer muito bem, porque eu tento mesclar um pouco, é uma questão que eu quero começar a observar um pouco mais sobre isso, eu nunca cheguei a comparar, como eu danço com eles. Mas eu sempre tentei mesclar um pouco na verdade, do que é o Jaime e um pouco do que é o Carlinhos, porque eu gosto um pouco daquele jeito brincalhão do Carlinhos de Jesus. O Workshop que ele deu uma vez ali no “Dança Bagé”, acho que mostrou muito essa diferença assim, que é a forma com que ele lida, não só com a parceira, mas com o público, com o restante das pessoas. Então ele tem uma forma mais extrovertida as vezes de lidar. Enquanto, por exemplo, o Jaime Arôxa também, mas não tanto, eu gosto muito dessa pegada do Carlinhos de Jesus, embora eu goste muito do estilo corporal de dança do Jaime Arôxa. É um pouco confuso tentar definir o que é...

Larissa: Eu compreendo!

Entrevistado: É um pouco confuso porque a ideia é meio que uma mescla pra que a gente desenvolva o próprio estilo, uma própria consciência corporal, uma forma de movimentação meio que individual assim.

Larissa: E de ensino deles, qual tu te compara mais de modo de ensinar?

Entrevistado: De modo de ensinar, acho que o Jaime Arôxa.

Larissa: E nos dois sentidos nenhum o Jimmy? Nem no ensino, nem na dança?

Entrevistado: Pois é... o problema do Jimmy, é que eu não estudei tanto a fundo ele, eu estudei alguma coisa, eu procurei muitas referências, eu tenho contato com muitas aulas e vídeos. Como eu disse eu não tive contato com professores que se formaram a partir dele, então é um pouco mais difícil assim, o que eu tenho mais contato é o que eu vejo, ou que eu converso as vezes com os conhecidos. Então não tenho uma influência tão grande do Jimmy, e por outro lado é aquilo, não me agrada muito a movimentação, a forma de movimentação dele. Não é que eu ache ruim, mas é dentro daquele universo de possibilidades que a gente tem de escolha, é a que menos me chama a atenção. Principalmente porque eu acho que comparando com aquela aula que o Deny Ronaldo deu e a Paula Pazos, eles trazem uma forma de dança muito mais suave. Eu acho que o Jimmy ele tem uma forma um pouco mais agressiva, um pouco mais explosiva de dança, e eu dou mais preferência, eu gosto da dança mais no estilo que a Paula Pazos e o Deny Ronaldo apresentaram, algo mais suave, mais fluido, é uma questão de preferência mesmo.

Larissa: Qual das três vertentes então, você aprendeu e ensina?

Entrevistado: A que eu mais aprendi é a do Jaime Arôxa e é a que eu mais ensino, é a que está mais diluída eu acho dentro das minhas explicações e dentro da minha forma de dançar e explicar as aulas.

Larissa: E gostaria de mencionar algum aspecto importante sobre o samba de gafieira ou no geral no Brasil, ou na cidade de Pelotas mais específico?

Entrevistado: Acho que o samba de gafieira tem crescido muito, acho que um dos responsáveis...na verdade a dança como um todo tem crescido muito, por conta as vezes até da “Dança dos Famosos”, acho que é algo que acrescentou muito pra nós que trabalhamos com dança. E a questão da dança de gafieira, eu acho que ela tem mudado muito as vertentes dela, então tu tem o aspecto do Carlinhos de Jesus, tu tem o aspecto do Jimmy de Oliveira, tu tem o aspecto do Jaime Arôxa, mas na prática cotidiana dos professores, acho que ninguém se restringe a um professor. Acho que a ideia é que a grande parte dos professores também vão montado suas formas de didática, suas formas de aula. Porque inclusive tem um canal no Youtube, que eu gosto de acompanhar porque eles trabalham não só a dança como prática, mas

também em alguns aspectos teóricos, que é “Asgar Centro de Dança”, eu posso te mandar depois o link.

Larissa: Não conheço!

Entrevistado: Que inclusive ele tem cursos, daí tu vê a forma de trabalhar a aula dele é um pouco diferente, desses professores, mas tu consegue encontrar um pouco da vertente de cada um, porque na verdade eles são os 3 principais expoentes do samba de gafieira, e que grande parte dos professores acaba buscando como referência, mas não se restringe aquilo dali. Quanto mais a gente vai trabalhando com outros professores, vai tendo mais contato, vai discutindo mais sobre samba ou sobre outras modalidades de dança, a gente vai indo além, do que aquele autor ou professor tentou passar.

Larissa: Sim!

Entrevistado: E isso pra mim é fundamental, que é uma das coisas que eu acho muito bacana, por exemplo, é no “Gafieira Club” de Porto Alegre, eles tem uma organização entre os professores que buscam a discutir sobre dança, sobre a dança de gafieira ou sobre modalidades, que eles também dão aulas de outros ritmos. Mas enfim...

Larissa: Eu acho que isso era uma coisa que nós da cidade de Pelotas poderíamos pensar mais, até por ter tantos profissionais trabalhando com o gênero de dança, samba de gafieira.

Entrevistado: É exatamente uma coisa que eu penso bastante sobre isso e que falta talvez uma organização de uma forma que todo mundo se junte pra conversar sobre isso. Porque acontece muito é isso, por exemplo, eu vou conversar contigo, tu conversa comigo, mas a gente não estabelece uma relação entre o que a gente tá discutindo com outros professores, pra ver as ideias desses outros. Acaba ficando uma coisa muito isolada...

Larissa: Fica fechado!

Entrevistado: Fica muito fechado. Fica em discussão, quase que conversa de comadre, conversando com o outro.

Larissa: Vai passando...

Entrevistado: É exatamente! Vai passando, mas não tem uma discussão mais geral, e eu acho que talvez falta esse tipo de organização aqui pra cidade, dos professores realmente se unirem, sentarem, conversarem e ser algo mais sistemático, não ser algo eventual, da gente se encontrar num evento de samba e a gente conversa ali e acabou. Não, acho que falta isso, até pro próprio desenvolvimento da dança na cidade,

a cidade ela comporta muitos professores, se tem 10, se tem 20, se tem 50, isso é pouco ainda pro que a cidade precisa. Só que o que falta as vezes é isso, é um pouco mais de engajamento, mas esse engajamento só vem a partir do momento que a gente começa a discutir sobre isso.

Larissa: Sim e ter um modo de estudo entre todos, até porque a cidade tem muitos alunos e as vezes a gente não dá conta...

Entrevistado: Exatamente!

Larissa: todo mundo tem a sua rotina, então todos os professores ganhariam com isso.

Entrevistado: Exatamente! Acho que falta um pouco disso e também pra diminuir um pouco da competitividade que as vezes tem entre professores, aqui na cidade tem bastante, mas não só aqui na cidade. Com professores que eu já conversei de Porto Alegre e do Rio de Janeiro, eu já tive contato também, e o pessoal falando que tem também muita rivalidade, só que alguns lugares, tem menos, porque os professores tendem a conversar um pouco mais. Teve um casal que veio do Rio de Janeiro, uma vez, eu ainda estava lá no “Arcobaleno”, e esse casal veio e eu estava conversando, e eles faziam aula, não lembro qual professor era do Rio, era em outra academia, mas o legal a partir do que eles foram me contando, eu vi que eles dançavam naquela escola, mas eles não ficavam restrito naquela escola. Porque, as vezes o professor, sei lá, o Jimmy vai fazer uma aula x ou ele vai fazer um evento x, então ele convida os alunos de outras escolas, então tem uma circulação entre os alunos, por diferentes academias, sem que o professor pense que o aluno tá indo lá pra roubar o aluno de fulano x.

Larissa: É que isso eu acho também que tem uma coisa meio cultural da nossa cidade, que já vem de muitos anos, que eu acho que talvez os professores mais novos estão começando a desconstruir um pouco esse pensamento, pra se unir e não criar mais essa rivalidade. Afinal, todos querem a mesma coisa, e aluno tem pra todos, e isso de sobra, então...

Entrevistado: Concordo!

Larissa: Acho que tá indo mais nesse jeito assim agora.

Entrevistado: Concordo, e pra além disso eu também acho que uma das coisas muito positivas que aconteceu aqui na cidade foi a criação do curso de dança, porque isso de certa forma também obrigou e também deu oportunidade pra que outros professores ingressassem a fazer a faculdade de dança. Mas aqueles professores

que não tem necessariamente uma formação acadêmica na área da dança, também força eles a terem que trabalhar, trabalhar no sentido de se especializar.

Larissa: De pesquisar também e não parar.

Entrevistado: De pesquisar também e não ficar num comodismo. Porque? Porque esses professores que tão saindo pro mercado, que tão saindo da escola de dança, eles saem com uma visão um pouco mais abrangente sobre a dança e mais aprofundada sobre metodologias de dança, sobre a forma de lidar com os alunos de sala de aula. Coisa que as vezes, aquilo ficava muito restrito na academia, uma questão de um aprendizado, quase que um ofício. Saia de mestre pra...

Larissa: Sim ficava numa comodidade e estava bom, e não que seja errado, mas era uma cultura de antigamente, de ficar naquilo e tá bom.

Entrevistado: Exatamente! E a medida que vai aumentando o mercado e aumentado um pouco essa questão concorrência de professores, e de professores especializados na área, isso força outros professores a ter que se movimentar e isso é muito interessante. Porque quem ganha não é só a pessoa que está se especializando, mas, os alunos também ganham, o mercado ganha, então assim foi muito bom a criação do curso de dança e pelo que eu tenho visto, muito positivo na verdade pra cidade e pra área da dança como um todo.

Larissa: Sim, concordo! Então muito obrigada pela entrevista e pela parceria!

Entrevistado: Eu que agradeço.

Larissa: Obrigada mesmo!

Entrevistado: De nada, merece.

Apêndice 2

Artigo

Este Artigo será submetido na Revista Moringa

E-mail: moringa.ufpb@gmail.com

Normas para publicação:

Os textos devem ser inéditos, com o mínimo de dez e máximo de dezesseis páginas – textos maiores serão aceitos somente com autorização do editor ou aprovação do Conselho Editorial da revista. A formatação deve ser em espaço 1 ½ e letra Times New Roman 12, com o título em maiúscula e em negrito, seguido do nome e informações sobre o autor (titulação, área, instituição). O resumo e o abstract devem estar na primeira página, abaixo das informações sobre o autor, apresentando uma perspectiva concisa do tema, da abordagem e das conclusões. Não devem exceder, cada um, 5 linhas ou 460 caracteres, em tamanho e tipo padrão já mencionados, seguidos de três palavras-chave / keywords. As citações que tenham até três linhas devem vir no próprio corpo do texto, entre aspas, seguidas da referência entre parêntesis (sobrenome do autor em maiúscula, ano da publicação e página). Caso excedam esse número, devem ser formatadas em letra Times New Roman, tamanho 10, com recuo de parágrafo em 4,0cm e espaçamento simples entre as linhas. Já as notas devem ser de rodapé, ou seja, ao fim da página em que se insere, contendo apenas informações indispensáveis e complementares. As referências bibliográficas devem vir por último, no final do texto, listando preferencialmente as obras citadas no correr do texto e seguindo as normas da ABNT.

Os autores serão informados da aceitação ou não de seu artigo. Em razão de um possível excesso de contribuições, os textos aprovados poderão ser publicados em edições posteriores, desde que com a concordância de seus autores.

Revista Moringa – Artes do Espetáculo Departamento de Artes Cênicas – CCTA
Universidade Federal da Paraíba Conjunto Humanístico – Bloco IV – Cidade
Universitária CEP 58059-900 João Pessoa – PB

SAMBA DE GAFIEIRA – VERTENTES E VARIAÇÕES⁷

Samba de Gafieira - basis of this dance and variations

Larissa Bassols Brisolara Marques

Flávia Marchi Nascimento

Universidade Federal de Pelotas - UFPel

Resumo: A razão desta pesquisa se deu na proposta de investigar as variações do Samba de Gafieira existentes na cidade de Pelotas em semelhança às vertentes bases desta dança, que têm origem no Rio de Janeiro. Após a coleta de dados, utilizou-se o método comparativo, ficando perceptível que, entre os 10 professores entrevistados, existem muitas variações no modo de dançar e ensinar o Samba de Gafieira.

Palavras-chave: Dança de Salão. Samba de Gafieira. Ensino. Vertentes do Samba de Gafieira.

Abstract: The reason for this research is in the proposal of investigating the variations of Samba de Gafieira existing in Pelotas City, in similarity with the basis of this dance, originated in Rio de Janeiro. After collecting data, the comparative method was used, being perceptible that, among the ten interviewed teachers, there are many variations in the way of dancing and teaching Samba de Gafieira.

Keywords: Ballroom Dance. Samba de Gafieira. Teaching. Lines of Samba de Gafieira

⁷ Este é um recorte do trabalho de conclusão de curso de Dança Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas. O trabalho tem como título Samba de Gafieira e Suas Variações: um estudo sobre o ensino deste gênero na cidade de Pelotas/RS. O referido trabalho foi defendido e aprovado em 01 de março de 2018.

Resolvi que iria direcionar meus estudos e pesquisas a este campo, por causa do meu envolvimento com o aprendizado da técnica do Samba de Gafieira. Assim, ao longo do tempo, através de aulas distintas do gênero, fui percebendo alguns pontos em relação ao modo de dançar e ensinar o Samba de Gafieira que me intrigaram. Então comecei a pesquisar mais sobre este gênero e fui percebendo que existiam vertentes e variações, mas não compreendia como eram classificadas e, por não encontrar informações aprofundadas no assunto é que senti a necessidade de pesquisar as vertentes e variações do Samba de Gafieira.

Então, alguns questionamentos persistiam, tais como: como se dança o samba de gafieira em diferentes regiões, sendo que este tem variações e desdobramentos dentro de uma mesma cidade? E, por que destas variações em diversos lugares do Brasil? Estas perguntas surgiram após perceber diferenças no ensino e aprendizado do Samba de Gafieira, dentro da cidade de Pelotas. Portanto, primeiramente, o meu foco nesta pesquisa é investigar o “Samba de Gafieira e Suas Variações” e, através desta pesquisa, compreender como se dá esta questão na cidade Pelotas, para saber como estão organizadas as vertentes do Samba de Gafieira, e se existem variações desta em Pelotas.

Através de pesquisas sobre a história da dança de salão no Brasil e do Samba de Gafieira é que almejei identificar e organizar as vertentes e variações existentes na cidade de Pelotas, baseadas nas vertentes bases do Samba de Gafieira, originárias do Rio de Janeiro. Tive como foco principal, primeiramente, realizar pesquisa bibliográfica e documental sobre as vertentes do samba de gafieira no Rio de Janeiro, através de pesquisas em livros, entrevistas, textos acadêmicos, artigos e vídeos.

Neste meu trajeto, que ainda é curto dentro deste gênero de dança, consegui perceber vários pontos que me intrigaram a pensar sobre o ensino deste. Como, por exemplo, a percepção da dificuldade em algumas pessoas de dançar o Samba de Gafieira nos diferentes desdobramentos que existem.

Foi realizado um estudo exploratório sobre o Samba de Gafieira e suas vertentes, em documentos, livros, publicações, analisando-se referências, textos, além de tabelas, fotos, vídeos e todo material possível para análise e compreensão destes dados encontrados. Também foram pesquisadas publicações, livros, monografias, teses. Sendo assim, após foi realizado um novo estudo exploratório, pesquisando dados bibliográficos e documentais.

A etapa seguinte tratou-se da pesquisa de campo, com a pretensão de observar-se a realidade da pesquisa. Por conseguinte, foram entrevistados os professores de dança na cidade de Pelotas, a partir de uma entrevista semiestruturada, cuja entrevista foi gravada e,

posteriormente, transcrita. Após as transcrições, as entrevistas foram analisadas através do método comparativo, e foram criados capítulos sobre cada ponto da entrevista.

Origens – Dança de Salão/Samba de Gafieira

O Brasil é um país que foi colonizado por diversos povos e, portanto, tem muitas influências, não só no modo de viver mas também no cotidiano e na cultura, como as danças e músicas. Deste modo, para compreender as Danças de Salão no Brasil é necessário olhar para a história do país.

Neste sentido, José (2005), já tendo a preocupação de compreender como as danças populares brasileiras surgiram, começa a juntar diversos aspectos da história da colonização do Brasil, para então entender como as nossas danças teriam começado, e afirma que a valsa⁸ e a polca⁹ foram as primeiras danças vindas da nobreza europeia, e isto aconteceu devido à junção da cultura brasileira e europeia, culminando na aculturação.

Outro trabalho que nos fornece dados sobre a origem da dança de salão no Brasil e do Samba de Gafieira, é Costa (2013), que cita como precursores da dança de Salão no Brasil: Maria Antonieta, que na década de 1970 resgatou a dança de salão; Jaime Arôxa e Carlinhos de Jesus, que contribuíram na criação dos passos do Samba de Gafieira; e Mário Jorge, que criou a maior parte dos passos desta dança.

E o autor também afirma que as primeiras professoras de dança de salão no Brasil foram Maria Antonieta e Madame Leitão. Esta última ministrou aulas para Jaime Arôxa, e foi ele quem estruturou uma pedagogia de ensino nas danças de salão. Costa (2013) nos deixa cientes de que Arôxa era professor particular de grupos, e que, ao lecionar para 40 alunos, percebeu que a metodologia precisava ser modificada, pensando então em novas estratégias de ensino.

Por conseguinte, Costa (2013) nos traz a informação de que outro personagem importante para a dança de salão no Brasil é Calinhos de Jesus, que nasceu no subúrbio do Rio de Janeiro, e que foi parceiro de Maria Antonieta. Ele ajudou a difundir este gênero de dança

⁸Segundo Perna (2005) a Valsa é uma dança proeminente dos povos germânicos (Áustria e Alemanha).

⁹Perna (2005) nos situa que a Polca é uma dança Europeia que surgiu em 1830.

no país e no exterior, sendo atualmente diretor da Casa da Dança Carlinhos de Jesus, no Rio de Janeiro.

Um aspecto importante a ser ressaltado aqui é como se deu o surgimento do Samba, antes de se desdobrar em diversas vertentes, para após então aprofundar nos conceitos e significados do Samba de Gafieira. Além disto, com o passar do tempo foram surgindo desdobramentos do Samba, as Vertentes, como coloca José (2005, p. 114): “Pesquisando as várias danças do samba carioca, encontramos algumas vertentes tais como o samba de roda, o samba no pé e o samba de salão.”

A autora ainda descreve cada uma destas três vertentes, explicando que o samba de roda é originário dos batuques, com músicas e danças de origem africana, e que é executado através de quatro passos básicos: o corta-jaca, o separa-o-visgo, o apanha-o-bago e o miudinho. E o samba no pé é uma dança onde não existe contato dos corpos, sendo uma dança ágil e fascinante. E José (2005) nos situa explicando o samba de salão:

Acreditamos que esta modalidade de samba surgiu nos salões das gafieiras da cidade do Rio de Janeiro, criado pela população negra urbana carioca, por muitos anos discriminados e perseguidos pelas classes dominantes. Esta dança surgiu como necessidade de expressão e recriação social e era ocultada pela sociedade branca por ser uma dança praticada pelas camadas menos privilegiadas da população carioca. (JOSÉ, 2005, p. 115).

E para melhor compreensão do que falo neste trabalho, vou trazer aqui um pouco sobre a história do Samba de Gafieira e como se dissipou pelo país. Segundo José (2005), na historiografia da música popular brasileira, no fim do século XIX, é que se formaram duas vertentes de samba, a primeira que tinha influência do maxixe, é desta que surgiu o samba dançado a dois, samba de gafieira, onde tinha grandes nomes como Donga e Pixinguinha. E a segunda vertente subiu o morro, por causa dos problemas socioeconômicos da época e que deu origem às escolas de samba, com o samba no pé, e tem como base a percussão e origem no batuque africano.

Então, após todas estas pesquisas citadas acima, pode-se perceber que o samba deu origem a três vertentes: o samba de roda, o samba no pé e o samba de salão. E o samba de salão¹⁰, conhecido como Samba de Gafieira, também se desdobrou em três vertentes, com

¹⁰ Conforme José (2005, p. 10): “O objeto de estudo desta dissertação é o samba de salão brasileiro, matriz carioca, popularmente denominado de Samba de Gafieira, predominante na cidade do Rio de Janeiro, que constitui referência atual das danças de salão no Brasil.”

técnicas originadas a partir da mesma base, porém diferentes, que seriam as dos professores: Carlinhos de Jesus, Jaime Arôxa e Jimmy de Oliveira.

Vertentes do Samba de Gafieira

Alguns profissionais foram de suma importância para a criação e disseminação desta dança, como Carlinhos de Jesus e Jaime Arôxa, que como nos conta Perna (2005), começaram nas danças de salão através da lambada, na década de 1980, ritmo que virou febre na época, tendo repercussão internacional. E que, em 1982, surgiu na Lapa o Circo Voador, que promovia a Domingueira Voadora, que foi referência em dança de salão.

Portanto, vários aspectos e acontecimentos tiveram grande impacto na cultura até a criação do Samba de Gafieira. E nisto alguns profissionais se destacaram na época, como afirma Perna (2005), citando Carlinhos de Jesus, que protagonizou dois longas-metragens de lambada, momento em que ficou conhecido no meio das danças de salão e, desde a década de 1980, se tornou figura pública, chamando a atenção do público para a dança de salão, sendo o pioneiro da dança de salão carioca.

Além disso, o autor nos revela que Jaime Arôxa lançou um vídeo didático em 1996 que foi produzido na Alemanha, dando visibilidade a seu trabalho, sendo visto como referencial de dança de salão desde 1990. E fala sobre outra figura também importante, que foi Jimmy de Oliveira, que em 1990 foi responsável pela divulgação do Samba de Gafieira. Perna (2005, p. 104) discorre “Graças ao Carlinhos e ao Jaime as danças de salão do Rio tiveram repercussão Nacional”. Pode-se, então, perceber, que existe uma relação entre três figuras, que ajudaram a disseminar as danças de salão, e o Samba de Gafieira, dentro e fora do Brasil.

Porém, o único autor que descreve estes três profissionais, em um único capítulo, mostrando a importância destes para o Samba de Gafieira, tendo-os como principais “vertentes” e bases do Samba de Gafieira, é Perna (2005). Contudo, embora só Perna tenha demonstrado essa preocupação em organizar estas três grandes referências em Samba de Gafieira no Brasil, diversos outros autores mencionam sobre a importância do trabalho destes profissionais para a dança de salão no Brasil.

A autora também menciona Jimmy de Oliveira, dizendo que ele trouxe variações no samba de salão carioca e mostrando que isto trouxe diversas inovações no modo de dançar o Samba de Gafieira:

Consideramos o professor e dançarino Jimmy de Oliveira um profissional que muito contribuiu com suas inovações de passos do samba, mudando a estética da dança, dando uma nova roupagem, uma nova cara para o samba de salão carioca, influenciando os seus alunos com a sua dança criativa. A partir das suas inovações o samba ficou um pouco mais rápido, com balanços laterais da coluna vertebral, mais contratempos executados com as pernas e pés. (JOSÉ 2005, p. 123).

Por fim, José (2005) faz uma pequena citação sobre Carlinhos de Jesus, colocando que, na sua pesquisa, não conseguiu fazer contato com o dançarino, porém que reconhece a importância deste na divulgação das danças de salão carioca, no Brasil e internacionalmente.

Outro indivíduo que em suas pesquisas também ressalta a importância de Maria Antonieta é Costa (2013), que nos relata que ela foi responsável por resgatar a dança de salão na década de 70. Além disso, frisa também estes referenciais do Samba de Gafieira:

Personagens importantes da dança de salão no Brasil como, Jaime Arôxa e Carlinhos de Jesus tiveram sua contribuição na criação dos passos de samba de gafieira, porém, antes deles, o dançarino Mario Jorge criou a maioria dos passos (...) utilizados neste gênero de dança, são eles: cadeirinha²², balão²³, puladinho²⁴, balão apagado²⁵, pica-pau²⁶, pião²⁷ e cruzado²⁸. (COSTA 2013, p. 22 e 23).

Contudo, foi difícil achar autores que classificassem Jaime Arôxa, Carlinhos de Jesus e Jimmy de Oliveira, estas três figuras do samba de gafieira, como vertentes bases desta dança. O que se pode perceber é que, no discurso de todos sempre estes estavam presentes, mostrando o que cada um teve de importante na construção e evolução desta dança. E que, embora só Perna (2005) classifique estes três nomes, eles tiveram e têm uma grande relevância para esta dança e estão sempre sendo citados por diversos autores como referências na dança de salão e no Samba de Gafieira.

- Carlinhos de Jesus: Como referido em seu site profissional, Carlinhos de Jesus se dedica à dança de salão há mais de 30 anos. Foi de suma importância na valorização, respeito e profissionalização deste gênero no país, sendo um símbolo do Rio de Janeiro.
- Jaime Arôxa: Outro grande nome da dança de salão brasileira, que teve grande importância também para o Samba de Gafieira, é Jaime Arôxa, pernambucano, que criou um método ensinando a dança de salão de forma simples, clara e lúdica.
- Jimmy de Oliveira: Jimmy, que também tem uma grande contribuição nas danças de salão e no Samba de Gafieira, como descrito em seu site, e tendo sua própria academia, ultrapassou as fronteiras do samba tradicional criando um novo estilo que hoje é conhecido em todo país, o samba funkeado, como mencionado em sua página oficial.

Metodologia

Este estudo se deu de forma qualitativa pois, neste caso, fez-se necessário pensar nesta abordagem para se chegar a um resultado mais abrangente dos fatos. Segundo Fonseca e Silveira (2002, p 31), “A **pesquisa qualitativa** não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.[...]”. Nesta pesquisa foi preciso não só deter-se nos dados exatos, mas também perceber e identificar as peculiaridades e contexto de cada professor, de cada aula de dança e método. Assim, para alcançar os objetivos proposto recorremos à pesquisa de campo, com a pretensão de observar-se a realidade da pesquisa. Por conseguinte, foram entrevistados os professores de dança na cidade de Pelotas, a partir de uma entrevista semiestruturada, cuja entrevista foi gravada e, posteriormente, transcrita. Lakatos e Marconi (2010, p. 169) trazem aspectos desta pesquisa, colocando que: “Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los. (...)”

Portanto, este trabalho teve um processo primeiramente exploratório, através de pesquisa exploratória, para obter dados e organizar as vertentes do Samba de Gafieira. Após, realizou-se a pesquisa de campo, que neste caso aconteceu por meio de entrevistas com professores deste gênero de dança. O critério principal para a seleção dos professores, é que todos estivessem atuando no momento com dança de salão, e trabalhando com o ensino de samba de gafieira.

E, a partir então, das vertentes do Samba de Gafieira constatadas no estudo exploratório, foi feita a relação com o que foi encontrado nesta pesquisa de campo, chegando então a um resultado sobre as variações existentes de Samba de Gafieira em Pelotas.

Resultados e discussão

Abordagens de Ensino do Samba de Gafieira

Nesta parte da pesquisa foi perguntado aos entrevistados se eles percebiam diferentes abordagens em relação ao ensino do Samba de Gafieira e que citassem quais. Relacionado a isto, o entrevistado A disse que percebe dois tipos de abordagem, uma onde seria o ensino do samba a partir do caráter, ginga e referência do corpo do sambista, e outra um ensino sem caráter da movimentação, para depois construir o caráter.

O entrevistado B concorda com o A, dizendo que percebe diferentes abordagens, porém as divide em linhas, e diz que, na cidade de Pelotas, tem o samba de Leandro, o de Marcos Silva, e o samba dos outros. E, além disso, afirma perceber uma nítida diferença entre o samba do pessoal mais antigo para os mais novos. Estes dois primeiros entrevistados falam da abordagem, pensando mais em sentido de caráter da dança.

Contudo, o entrevistado C, embora concorde também que percebe diferentes abordagens, explica analisando de modo diferente, falando em relação à organização e tempos da aula. Relata que na Corpo & Dança, por trabalharem ensinando em par, a professora Caren ensina o lado da dama, e o professor Horácio o lado do cavalheiro. Já o professor Marcos Silva ensina os dois lados. E Thiago Cedrez utilizava exemplos na parte do ensino ou monitor para fazer o outro lado (cavalheiro/dama), sendo que o entrevistado C já foi monitor dele.

Mais um entrevistado afirma perceber diferentes abordagens, o D, e fala mais na relação de ensino dos passos, onde uns ensinam “pisa pisa”, outros ensinam passos, uns trabalham o samba antigo de quadrado aberto, e outros sabem que não se usa mais este tipo de quadrado.

O entrevistado E acabou não respondendo a esta pergunta. Todavia, o entrevistado F disse também perceber esta diferença de abordagem, mas falou mais em relação à didática, que uns ensinam a base começando com o pé direito, outros com o esquerdo, uns trabalham passos básicos, outros ritmos para depois o passo. Diz também que tem professores que ensinam de forma tradicional e outros mudaram sua forma de ensino. Então existe uma relação no modo do entrevistado D e F perceberem o significado de abordagem, remetendo mais a organização de passos.

Relacionado à abordagem, o entrevistado G também concorda que existem diferentes abordagens, mas assim como o entrevistado C, este faz relação com a divisão da aula e tempos, fazendo enfoque na metodologia, dando este exemplo: “(...) separado sem música, na frente do espelho e olhando o professor, depois é separado com música, na frente do espelho olhando o professor, junto sem música e depois junto com música.” Mas diz que este não é seu estilo de trabalho.

E sobre este modo de organização da aula mencionado pelo entrevistado G, essa organização na frente do espelho, existem diversas opiniões. O próprio entrevistado descreveu este modo de aula, mas disse que não é seu estilo, então já é perceptível que este profissional pensa de modo diferente em relação às suas abordagens e metodologias. Como afirma Santos (2009):

No momento de ensinar novos passos, é fundamental que o professor não fique fazendo o passo na frente dos alunos, para que o aluno não copie o passo do professor, mas pense no movimento e execute sozinho. Evita-se também que o aluno copie o movimento de outra pessoa. Mesmo sem o professor fazer o movimento, o aluno busca alguém que esteja na frente ou ao lado e tenta fazer o seu movimento olhando o tempo todo para esta referência. Provavelmente este aluno não estará **falando** seu passo, e nos movimentos mais complexos, como giros, ele vai se perder no momento em que não puder olhar o outro. O ideal é que o aluno possa ver para garantir que seu movimento está igual ao do outro em alguns momentos, mas não para copiar o passo. (SANTOS 2009, p. 44).

Já o entrevistado H, além de também concordar com o fato de existirem diferentes abordagens, relaciona essas diferenças ao tipo de Samba de Gafieira e os locais em que estes são dançados. Comenta que tem um samba mais dançado no salão, que aprendeu vendo outros dançarem nas rodas de samba. E que existe um samba voltado para o palco e as performances, e que, neste caso, muitos alunos não se divertem e não aproveitam as aulas, que seriam, neste caso, mais direcionadas a bailarinos profissionais e espetáculos.

Outro entrevistado que percebe as diferentes abordagens é o I, porém este relaciona o tema ao nome dos passos, que cada professor chama de um jeito, por cada professor aprender de forma autodidata. E fala em um aspecto relacionado à perspectiva, onde coloca que a nova geração de professores tem a mente mais aberta e busca mais referências, e que, os mais antigos, são mais reservados quanto a expor suas metodologias e aceitar opiniões.

O entrevistado J confirma o que o I menciona que, além de perceber as diferentes abordagens, também as organiza em uma forma de ensino mais tradicional e outra que busca mais liberdade na dança.

Portanto algo importante a ser mencionado é o significado de abordagem, pois cada professor respondeu pensando em um aspecto diferente, talvez por não ficar bem claro para todos o que é uma abordagem, e quais tipos existem de abordagens na dança, na dança de salão e no Samba de Gafieira. E, sobre o assunto, Santos cita Ferraz e Fusari (1993), que identificam concepções de abordagem na educação brasileira, e classifica-as em: político, histórico e metodológico.

Diferentes didáticas no Samba de Gafieira

Sobre esta questão, foi perguntado aos entrevistados se percebiam diferentes didáticas em professores conhecidos e, se percebiam, se poderiam citá-las e explicá-las. O entrevistado A menciona apenas uma didática, onde o ensino é baseado na demonstração de movimentos. Já

o entrevistado B, diz que percebe diferentes didáticas, mas que isto depende do que cada professor acredita.

O entrevistado C também percebe diferentes didáticas, e dá o exemplo de professores que trabalham sozinhos e, por isso, ensinam tanto o lado da dama quanto o do cavalheiro. E de casais que trabalham juntos e cada um demonstra seu lado. Até aqui já se consegue perceber que um fala sobre demonstração de movimentos, outro sobre o que o professor acredita, e outro sobre ensinar passo de dama e cavalheiro, destoando bastante no sentido de “o que seria didática.”

Já o entrevistado D, assim como o A, vê semelhança nas didáticas, pelos professores trabalharem muito sem música e praticarem pouco, e também se deter pouco na musicalidade. Já o entrevistado E não respondeu esta questão.

O entrevistado F diz que vê diferença sim, mas mais na forma de mostrar do que na didática, dizendo que falta didática para a maioria dos professores.

Então, até agora, cada um trouxe um exemplo diferente no que se refere à didática. E é aí que me pergunto, o que é didática? E os professores que estão falando, sabem o que é? Pois parece ser algo que não está bem compreendido por todos os entrevistados, por isto trago Libâneo (2008), que diz:

A didática é um campo disciplinar e investigativo ainda bastante questionado no campo da educação, mas, também, visivelmente em expansão. Quanto aos questionamentos, são conhecidas e identificáveis as resistências em reconhecê-la em seu *status* científico e em seu papel na formação de professores. Pesquisadores e professores de cursos de licenciatura a desprestigiam pela suposta fragilidade de seu objeto de estudo ou por seu caráter demasiado antiquado e obsoleto, desmotivando os futuros professores para seu estudo. (LIBÂNEO, 2008. p. 2).

Sobre este assunto, outro entrevistado, o G, diz que não vê diferença, que a diferença está na forma como abordam. O entrevistado H já discorda do G, e diz que vê diferença pelo jeito de dançar que a didática de cada professor é diferente. Em se tratando do entrevistado J, ele concorda com o H, dizendo que acredita que existem diferentes didáticas, mas porque os professores estão buscando se aperfeiçoar, buscando novas metodologias para agregar nas aulas.

Portanto, a grande dificuldade desta questão é perceber que não está bem definido para todos o que é uma didática, por misturarem às vezes com abordagem e metodologia, e isto é algo que deve ser repensado e estudado. Por isso, vejo a importância de os professores buscarem maior formação não só em gêneros de dança, mas também uma formação como professor, onde

aprendam o sentido de didática, metodologia e outros conceitos, para que saibam empregá-los da maneira certa.

Com isso, pode-se perceber a importância de o profissional da dança e de qualquer outra área estar sempre em constante aprendizado, e não achar que o que já aprendeu é o suficiente para não estudar mais, pois sempre haverá novos caminhos, metodologias e meios para melhorar seu desempenho e ajudar no aprendizado dos alunos. Portanto, concluiu-se que 5 professores percebem diferença na didática em professores conhecidos, outros 4 não percebem diferença e um entrevistado não respondeu a esta questão.

Comparação ao modo de dançar e ensinar de Jaime Arôxa, Carlinhos de Jesus e Jimmy de Oliveira

Nesta pergunta, os entrevistados foram questionados quanto ao seu modo de dançar e dar aula, e se nestes quesitos eles teriam alguma relação com as três vertentes do Samba de Gafieira: Jaime Arôxa, Carlinhos de Jesus e Jimmy de Oliveira. E conseguiu-se perceber a grande diversidade de respostas de cada professor, do que utiliza como referência para a dança e o ensino. Abaixo está organizado em ordem alfabética o que cada entrevistado respondeu.

No modo de ensino, 3 professores utilizam como referência o Carlinhos de Jesus, 4 o Jaime Arôxa e nenhum do Jimmy, mas outros 3 fazem uma mistura de Jaime e Carlinhos. Em relação a dança, 2 tem como referência de dança o Carlinhos, 3 com o Jaime, nenhum com o Jimmy, porém 1 mistura as três referências, outro mistura Carlinhos e Jimmy, e 3 misturam Jaime e Carlinhos.

Pode-se concluir que existe uma diversidade nos resultados em relação ao modo de dançar e ensinar de cada professor, e que muitos utilizam uma mistura de referências ou na dança ou no ensino, porém conseguimos perceber que, embora exista a influência de Jimmy de Oliveira no trabalho dos entrevistados, nenhum trabalha com esta vertente do Samba de Gafieira, que é o samba funkeado.

Vertentes: Aprendizado e ensino.

Perguntou-se aos entrevistados, qual das três vertentes citadas, Jaime Arôxa, Carlinhos de Jesus e Jimmy de Oliveira, estes aprenderam e ensinam, para ter uma resposta mais exata de por que alguns professores só trabalham com um método, pois podem ter aprendido somente aquele.

Então, respondendo a esta pergunta, o entrevistado A disse que aprendeu pouco o samba funkeado, que é o samba de Jimmy de Oliveira, e que dança e ensina uma mescla de Jaime e Carlinhos. Já os entrevistados B e C, falaram que aprenderam e ensinam a vertente de Jaime.

Um pouco diferente dos anteriores, o entrevistado D aprendeu e ensina uma mescla de Jaime e Carlinhos, como o entrevistado A que também ensina estes dois. Um dos entrevistados que diz que aprendeu as três vertentes, é o entrevistado E, que ensina uma mistura das três.

Destoando dos professores anteriormente citados, o entrevistado F comenta que aprendeu e ensina a vertente de Carlinhos, mas que seu trabalho tem influência de Jaime e de Jimmy. Por conseguinte, o entrevistado G diz que o que mais aprendeu foi a vertente de Jaime, mas que aprendeu um pouco das outras duas, e que ensina uma mescla das três também.

O entrevistado H, assim como o F, aprendeu e ensina a vertente de Carlinhos, já o entrevistado I nos conta que aprendeu Carlinhos e Jaime, mas também aprendeu com Carlos Valverde, e que ensina uma mescla de Jaime e Carlos. Este foi o único que mencionou outro nome diferente das vertentes bases. Continuando, o entrevistado J aprendeu e ensina Jaime.

Portanto, 2 aprenderam apenas a vertente do Carlinhos, 3 a do Jaime, nenhum aprendeu apenas Jimmy, 3 aprenderam uma mescla de Carlinhos e Jaime, e 2 aprenderam as 3 vertentes. Sobre o ensino, 2 ensinam apenas a vertente do Carlinhos, 4 ensinam Jaime, novamente nenhum ensina apenas a vertente do Jimmy, 2 misturam Jaime e Carlinhos, e 2 ensinam uma mescla das 3 vertentes.

Portanto ficou perceptível ao longo deste estudo, que embora os professores tivessem pontos de vista diferentes ou trabalhassem metodologias distintas, na sua grande maioria, misturavam as vertentes bases tanto no ensino, como na dança. Além disto, ficou claro que nenhum dos professores ensinava apenas a técnica do Jimmy de Oliveira, sendo algo complementar para o ensino do samba de gafieira, mas não como foco principal.

Considerações finais

Após a análise de todas as entrevistas realizadas, posso então fazer as considerações sobre as formas de ensino do Samba de Gafieira, salientando que cada professor tem seu modo de ensino não somente a partir das bases do Samba de Gafieira, mas também através de suas vivências em outras danças.

Em relação à abordagem de ensino e didática, ainda há muitas lacunas onde, aos poucos, através do estudo e aperfeiçoamento, os professores vêm compreendendo melhor estes dois aspectos. Isto tudo para que entendam melhor os alunos e saibam como ensinar cada um, e o que se adequa melhor a cada turma.

Através de toda esta pesquisa, além de compreender a organização das vertentes bases do Samba de Gafieira na cidade de Pelotas, são referenciados alguns autores: Carlinhos de Jesus, Jaime Arôxa e Jimmy de Oliveira, como base desta dança. E, além disso, foi constatado, ao longo da análise dos dados, que estes três nomes eram os que mais apareciam nas pesquisas como referência, mas que alguns outros nomes também surgiram ao longo da pesquisa.

Contudo, como dito anteriormente na história do Samba de Gafieira, este foi criado a partir de diversas influências de danças brasileiras e estrangeiras, que o fizeram ser como é, e isto mostra um pouco da nossa brasilidade, que é esta nossa mistura de raças e culturas.

A tendência é de que a cada dia as danças se modifiquem, pois isto é inevitável. Assim como as pessoas mudam, a sociedade muda e, com ela, sua cultura também se transforma, e então a dança se modifica também. E isto pode sim ser visto como algo bom, como progresso até mesmo de nossas movimentações e maneira de se expressar.

E com os resultados da pesquisa, é perceptível que os objetos almejados no início deste trabalho foram alcançados, pois foi possível organizar todos professores atuantes na dança de salão que trabalham com Samba de Gafieira, entrevista-los e comparar suas respostas. Chegando à conclusão de que realmente existe grande influência das vertentes base do Rio de Janeiro, no Samba de Gafieira ensinado na cidade de Pelotas, e que a partir destas vertentes se formaram diversas variações de Samba de Gafieira.

Referências

ARÔXA, Jaime. <<http://jaimearoxaipanema.com.br/site/>> Acesso em 20 de dezembro de 2017.

COSTA, Luciano Mello. **Samba de Gafieira: um estudo comparativo entre duas metodologias de ensino**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Licenciatura em Dança. Universidade Federal de Pelotas, pelotas, 2014.55p. Disponível em: <<http://pergamum.ufpel.edu.br:8080/pergamumweb/vinculos/000084/000084d9.pdf>> Acesso em: 10 de maio de 2016.

JESUS, Carlinhos de. <<http://www.carlinhosdejesus.com.br/>> Acesso em: 20 de dezembro de 2017.

JOSÉ, Ana Maria de São. **Samba de Gafieira: Corpos em contato na cena social carioca**. Programa de Pós Graduação em ARTES CÊNICAS. Salvador, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade; **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas 2010. 297 p.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2008.

OLIVEIRA, Jimmy de. <<http://www.jimmydeoliveiravilavelha.com/jimmy-de-oliveira.html>> Acesso em 20 de dezembro de 2017.

PERNA, Marco Antonio. **Samba de Gafieira – a história da Dança de Salão Brasileira**. 2ed. Marcos Antonio Perna, 2005. 212 p.

SILVA, Carmi Ferreira da. **Por uma história da dança: Reflexões sobre as práticas historiográficas para a dança, no Brasil contemporâneo**. Salvador, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8696>> Acesso em: 5 de agosto de 2016.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SANTOS, Solange Gueiros dos - **“penso, logo danço”: método para ensino de dança de salão**. Trabalho complementar do curso de licenciatura em pedagogia da universidade de São Paulo. orientador: prof. dr. Marcos Garcia Neira. universidade de São Paulo. Faculdade de educação São Paulo, 2009.